

PRÊMIO LITERÁRIO
VALDECK ALMEIDA
DE JESUS - 2012





VALDECK ALMEIDA DE JESUS (ORGANIZADOR)

PRÊMIO LITERÁRIO
VALDECK ALMEIDA
DE JESUS - 2012



Vitória da Conquista-BA, 2013

Copyright © 2013, Valdeck Almeida de Jesus

Todos os direitos reservados e protegidos por lei.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escritor do autor ou da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Título Original em Português: Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012



Editora Galinha Pulando

CNPJ 16.968.982/0001-40

Via Local P, casa 17 - Vila Serrana I

45078-200 – Bairro Zabelê

Vitória da Conquista-BA

Ilustração da capa: Nilda Lima Graeser

Revisão: Valdeck Almeida de Jesus e autores

Editoração eletrônica: Studius Artes Gráficas

Impressão e acabamento: EGBA – Empresa Gráfica da Bahia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P925 Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus. Organizado por Valdeck Almeida de Jesus. – Salvador: Galinha Pulando, 2012. 197 p. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-66465-01-3

Coletânea do IX Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – Redação e Poesia realizado em novembro de 2012, com apoio da União Brasileira de Escritores – Núcleo Bahia.

I. Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Prosa. I. Jesus, Valdeck Almeida de. (Org.). II. Título.

CDD 869.91

Ficha Catalográfica elaborada por Terezinha Lima Santos CRB-5/1393

Pedidos: Valdeck Almeida de Jesus

poeta.baiano@gmail.com

(71) 9345 5255

www.galinhapulando.com

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

“Todos nós somos escritores, a diferença
é que alguns escrevem e outros não.”
JOSÉ SARAMAGO





ÍNDICE

<i>(Adail Carvalho de Sales Júnior)</i>	17	<i>(Carlos Henrique Pereira Maia)</i>	61
<i>(Adriana Pavani)</i>	19	<i>(Carolina Aparecida Vargas Hanke)</i>	62
<i>(Adriana Quezado)</i>	21	<i>(Catarina de Freitas Barbosa)</i>	63
<i>(Alessandro Guiniki Barbosa)</i>	24	<i>(Clara Elena Saenz Ortega)</i>	64
<i>(Alex Frechette)</i>	25	<i>(Clarissa Damasceno Melo)</i>	66
<i>(Aline de Melo)</i>	26	<i>(Cláudio Hermínio)</i>	68
<i>(Aline de Melo)</i>	27	<i>(Cleiton de Oliveira França)</i>	69
<i>(Amélia Luz)</i>	28	<i>(Daniela da Cunha)</i>	71
<i>(Amélia Luz)</i>	29	<i>(Danilo Souza Pelloso)</i>	72
<i>(Ana Claudia de Souza de Oliveira)</i>	31	<i>(Dhiogo José Caetano)</i>	74
<i>(Ana Claudia de Souza de Oliveira)</i>	34	<i>(Dhiogo José Caetano)</i>	75
<i>(Ana Claudia de Souza de Oliveira)</i>	36	<i>Cora Coralina</i>	75
<i>(Ana Lucas)</i>	37	<i>(Diana Camargo)</i>	77
<i>(Ana Maria de Carvalho)</i>	39	<i>(Diego Rodrigues Brandão)</i>	78
<i>(André Foltran)</i>	41	<i>(Dilma Barrozo)</i>	81
<i>(Anna Cristina Ramos)</i>	42	<i>(Dinis Alves Ricardo)</i>	82
<i>(Antonio Carlos Altheman)</i>	43	<i>(Dinis Alves Ricardo)</i>	83
<i>(Antonio Cezar de Souza)</i>	44	<i>(Diogo Berni)</i>	84
<i>(Antonio Deodato M. Leão)</i>	46	<i>(Domingos Alberto Richieri Nuvolari)</i>	87
<i>(Araí Terezinha Borges dos Santos)</i>	48	<i>(Éber Sander)</i>	89
<i>(Augusto Felipe da Silva)</i>	50	<i>(Editt S. de Jesus)</i>	90
<i>(Bárbara A. Sanco)</i>	52	<i>(Editt S. de Jesus)</i>	91
<i>(Beatriz Montenegro)</i>	53	<i>(Editt S. de Jesus)</i>	92
<i>(Bernardo Santos)</i>	54	<i>(Edweine Loureiro)</i>	94
<i>(Beto Acioli)</i>	56	<i>(Edweine Loureiro)</i>	95
<i>(Brenda Gomes da Silva)</i>	57	<i>(Edweine Loureiro)</i>	96
<i>(Carina de Luca)</i>	59	<i>(Edweine Loureiro)</i>	97

<i>(Edweine Loureiro)</i>	98	<i>(Guilherme Henrique Ribeiro Cavalcante de</i>	
<i>(Edweine Loureiro)</i>	99	<i>Oliveira)</i>	141
<i>(Emanoel Ferreira da Silva)</i>	101	<i>(Ilda Maria Costa Brasil)</i>	146
<i>(Emanoel Ferreira da Silva)</i>	102	<i>(Ivaneti Nogueira)</i>	147
<i>(Emanoel Ferreira da Silva)</i>	103	<i>(Jayme Santos)</i>	148
<i>(Emanoel Ferreira da Silva)</i>	105	<i>(Jean Carlos de Andrade)</i>	150
<i>(Emanoela Nardes)</i>	107	<i>(Jéssica Damas da Silva)</i>	151
<i>(Érico Brena)</i>	109	<i>(José Luiz da Luz)</i>	153
<i>(Ernani Maller)</i>	110	<i>(Juraci da Silva Martins)</i>	154
<i>(Eulália Cristina Costa e Costa)</i>	112	<i>(Karline da Costa Batista)</i>	155
<i>(Expedita Gomes de Araújo)</i>	114	<i>(Karline da Costa Batista)</i>	156
<i>(Fernanda Resende)</i>	116	<i>(Karline da Costa Batista)</i>	157
<i>(Fernando Augusto Bensabat)</i>	118	<i>(Kleberson Marcondes)</i>	158
<i>(Flávia Assaife)</i>	119	<i>(Leandro Reis)</i>	161
<i>(Flávia Brito)</i>	121	<i>(Leinecy Pereira Dorneles)</i>	162
<i>(Francisco Correia)</i>	123	<i>(Lourdes Neves Cúrcio)</i>	164
<i>(Francisco Correia)</i>	124	<i>(Lucas Expedito Claro Prado)</i>	166
<i>(Francisco Correia)</i>	126	<i>(Luciana Zacarias)</i>	168
<i>(Francisco Correia)</i>	127	<i>(Mano Kleber)</i>	170
<i>(Francisco Correia)</i>	128	<i>(Mano Kleber)</i>	172
<i>(Francisco Correia)</i>	130	<i>(Marcela Marques Serrano)</i>	174
<i>(Francisco Junior Xavier)</i>	131	<i>(Marcela Marques Serrano)</i>	175
<i>(Gabriela Andrade Vitor)</i>	132	<i>(Marcelo de Oliveira Souza)</i>	176
<i>(Gicilene Souza Almeida)</i>	134	<i>(Marcelo Moreira)</i>	179
<i>(Gicilene Souza Almeida)</i>	135	<i>(Marcelo Moreira)</i>	181
<i>(Gil Reis)</i>	136	<i>(Marcelo Moreira)</i>	182
<i>(Gil Reis)</i>	137	<i>(Marcos Samuel Costa da Conceição)</i>	183
<i>(Greice Munhoz da Silva)</i>	138	<i>(Maria Angela Manzi da Silva)</i>	184
<i>(Guilherme Henrique Ribeiro Cavalcante de</i>		<i>(Maria Aparecida S. Coquemala)</i>	186
<i>Oliveira)</i>	140	<i>(Maria Aparecida S. Coquemala)</i>	187

<i>(Maria do Socorro de Melo)</i>	189	<i>(Roberto Fabrício)</i>	231
<i>(Maria Luiza Falcão)</i>	191	<i>(Roberto Coelho)</i>	233
<i>(Mariângela Padilha)</i>	193	<i>(Robson DiBrito)</i>	234
<i>(Mariângela Padilha)</i>	194	<i>(Roseli Princhatti Arruda Nuzzi)</i>	236
<i>(Marne Pimentel)</i>	195	<i>(Roseli Princhatti Arruda Nuzzi)</i>	238
<i>(Marne Pimentel)</i>	197	<i>(Roseli Princhatti Arruda Nuzzi)</i>	239
<i>(Matheus Costa de Oliveira)</i>	198	<i>(Roseli Princhatti Arruda Nuzzi)</i>	240
<i>(Maurício Duarte)</i>	199	<i>(Rossandro Laurindo)</i>	242
<i>(Mércia Maria da Silva)</i>	200	<i>(Rui Pedro Pinheiro)</i>	244
<i>(Miguel Maria Olivares)</i>	202	<i>(Sandro Sansão da Silva Costa)</i>	245
<i>(Moysés Barbosa)</i>	203	<i>(Sandro Sussuarana)</i>	247
<i>(Nádia da Rocha Ventura)</i>	205	<i>(Sandro Sussuarana)</i>	248
<i>(Nádia da Rocha Ventura)</i>	206	<i>(Sandro Sussuarana)</i>	249
<i>(Nilda Lima Graeser)</i>	209	<i>(Silvio Parise)</i>	250
<i>(Noilson Abreu)</i>	211	<i>(Simone Pessoa)</i>	251
<i>(Nubia Estela)</i>	212	<i>(Simone Pessoa)</i>	252
<i>(Nubia Estela)</i>	213	<i>(Terezinha Santos de Amorim)</i>	255
<i>(Nubia Estela)</i>	214	<i>(Thaísa Barbosa da Silva)</i>	257
<i>(Osmar Santos)</i>	215	<i>(Thaísa Barbosa da Silva)</i>	258
<i>(Osmar J. Santos)</i>	216	<i>(Varenka de Fatima Araújo)</i>	260
<i>(Oswaldo Dourado)</i>	217	<i>(Varenka de Fatima Araújo)</i>	262
<i>(Paulo Roberto)</i>	220	<i>(Vera Lúcia Leite)</i>	263
<i>(Rafael Italo Fernandes da Fonseca)</i>	221	<i>(Veridiana Mendes)</i>	264
<i>(Reginaldo Costa de Albuquerque)</i>	222	<i>(Veridiana Mendes)</i>	265
<i>(Renata Cirilo)</i>	223	<i>(Verônica Ventti)</i>	267
<i>(Renata Paccola)</i>	224	<i>(Victor Hugo Kuroda Feichas)</i>	268
<i>(Renata Rimet)</i>	225	<i>(Viviana Carolina Mendez Rocha Podlyska)</i>	269
<i>(Roberto Augusto de Piratininga Ferrari)</i>	226	<i>(William Vellozo Samuel Jr)</i>	271
<i>(Roberto Fabrício)</i>	228	<i>(Zelito Magalhães)</i>	272
<i>(Roberto Fabrício)</i>	230		



PREFÁCIO

AGRADECIMENTOS

À EQUIPE DE POETAS QUE SELECIONOU OS DEZ PRIMEIROS COLOCADOS, INTEGRADA POR:

CYMAR GAIVOTA (LUCYMAR SOARES), natural de Serra dos Aimorés-MG. Jornalista, poeta, membro correspondente da Oficial Academia Tijuquense de Letra-SC, membro da Academia de Cultura da Bahia, *miembro efectivo* da Academia Internacional de Letras, Artes y Ciências da Argentina, participante do Fala Escritor, do projeto Galinha Pulando e demais movimentos literários baianos.

IVONETE ALMEIDA DE JESUS é natural de Jequié-BA. Pedagoga pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); pós-graduada em Gestão e Coordenação Pedagógica. Funcionária Pública Municipal. Funcionária pública federal. Interessada em todo tipo de literatura, costuma participar de encontros que ofereçam mais informações e conhecimento à área da educação. Realiza pesquisas na área da Literatura Infantil por acreditar que a lecto-escrita contribui no processo de desenvolvimento das crianças. Aprecia e escreve poesias, sobretudo as de cunho crítico.

LÉO DRAGONE (Alex Bruno Rodrigues de Jesus) é soteropolitano, nascido em 5 de março de 1990, no subúrbio ferroviário de Paripe, da capital baiana. A veia artística e literária o acompanha desde criança, e se fortaleceu ainda mais depois que aprendeu a ler e escrever, aos sete anos de idade. A partir de então, passou a devorar livros, escrever poemas, contos e romances. Publicou “Diário de Rafinha. As duas faces de um amor”, lançado nas bienais do livro do Rio e São Paulo. Participou do “Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus de Poesia - 2008”. Livro no prelo: “Rainy City”, em parceria com Valdeck Almeida de Jesus.

JACQUELINE AISENMAN é brasileira de nascimento e suíça por adoção, residindo em Genebra já há mais de vinte anos. Foi Diretora dos Museus Anita Garibaldi e Casa de Anita em Laguna-SC e do Departamento de Cultura da cidade; foi colaboradora de vários jornais em Santa Catarina como redatora e revisora. Foi fundadora e redatora do jornal “O Manifesto”, de curta, mas intensa vida. Trabalhou como funcionária internacional na Missão Permanente do Brasil junto

à ONU durante mais de dez anos. Deixou a Missão em 2004 para se dedicar de vez à escrita. Hoje edita a revista literária digital e o site Varal do Brasil (www.varaldobrasil.ch), fazendo uma ponte de palavras entre o continente europeu e o Brasil. Os sites e blog de sua autoria são seus meios de expressão na internet. É membro do Grupo de Escritores Lagunenses Carrossel de Letras e da Rede Brasileira de Escritoras (REBRA), Sociedade Poetas del Mundo e Embaixadora pelo Circulo Universal dos Embaixadores da Paz. Em 2011 fundou uma livraria e editora brasileira na Suíça e participa ativamente de vários movimentos literários. No mesmo ano lançou “Poesia nos bolsos” e “Lata de conserva”, este escolhido como Livro de Contos do Ano pela Academia Catarinense de Letras. Em 2012 lançou “Briga de Foice”, livro de contos curtos.

CARLOS VENTURA é cantor, músico, compositor, escritor e dramaturgo. Também foi o artista brasileiro que se destacou em 2007/2008 com trabalhos em prol da categoria artística, à frente da Unialf - União dos Artistas de Lauro de Freitas - e Sindimúsicos - Sindicato dos Músicos Profissionais da Bahia. Por conta disso, foi homenageado com o “Prêmio Homem da Cultura no Brasil 2008” durante o festival “Áustria Brasil em Movimento 2009 (ABM 2009)” cujo tema foi “A Evolução da Cultura Negra no Brasil e Seus Reflexos no Mundo”, promovido pela ABRASA - Associação Afro-Brasileira de Dança Cultura e Arte -, entidade internacional com sede na cidade de Viena, em parceria com a Universidade de Viena, e apoio da Prefeitura de Viena.

DOMINGOS AILTON RIBEIRO DE CARVALHO é natural de Jequié-BA. Foi presidente do CEUJ - Centro dos Estudantes Universitários de Jequié -, e cofundador do Grêmio Estudantil Dinaelza Coqueiro, do qual foi seu primeiro presidente, no IERP - Instituto de Educação Régis Pacheco -, e diretor de imprensa da União Municipal dos Estudantes (UMES). Fez parte também da União da Juventude Socialista seção de Jequié-BA, nos anos pós-ditadura militar. Licenciado em Letras, especialista em Literatura e Ensino da Literatura pela UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e mestre em Memória Social e Documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor da Universidade do Estado da Bahia - Campus XXI. É jornalista e editor do jornal O Ecológico, que divulga as ações do Grupo Ecológico Rio das Contas. É fundador e editor da revista Cotoxó, que divulga cultura e arte. Integrou a equipe de vários jornais regionais, entre os quais Sudoeste, O Ras-cunho e Folha do Sudoeste, do qual foi editor. Coordenador do GERC - Grupo Ecológico Rio das Contas (Jequié). Participou da co-

letânea Jequié, poesia e prosa (Secretaria Municipal de Cultura, Lazer e Esporte, 1992); “Carta ao Presidente - o que deseja o brasileiro do Século XXI”, organizado por Carlos Souza; Lançou “Figuras Típicas e Religiosidade Popular de Jequié” e “Anésia Cauaçu”, romance histórico sobre a primeira cangaceira brasileira. Curador da Festa Literária do Sertão de Jequié - FELISQUIÉ.





OS DEZ MELHORES

1º - **VAI, CARLOS, VAI SER DRUMMOND NA VIDA** (ANA CLAUDIA DE SOUZA DE OLIVEIRA)

2º - **MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE QUINCAS BORBA** (EDWEINE LOUREIRO)

3º - **VIDA DURA** (ÉBER SANDER)

4º - **UM DESCONHECIDO NO CANTO DA SALA** (SIMONE PESSOA)

5º - **UM BRASIL APAIXONADO POR FUTEBOL** (ARAI TEREZINHA BORGES DOS SANTOS)

6º - **MONÓLOGO DA SOLIDÃO** (NUBIA ESTELA)

7º - **LEMBRANÇAS** (RENATA PACCOLA)

8º - **DELÍRIOS DE UM POETA EM DESAMOR** (ROSSANDRO LAURINDO)

9º - **O DEVORADOR DE LIVROS** (ANA LUCAS)

10º - **É ASSIM, FULANO** (FLÁVIA BRITO)

MENÇÕES HONROSAS

INCUBUS

(Ana Claudia de Souza de Oliveira)

CRÔNICA DE UM FYGURA

(Nádia da Rocha Ventura)

O AMOR DE CLER

(Expedita Gomes de Araújo)

A CIGARRA E O POETA

(Zelito Magalhães)

O MACONDO DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

(Viviana Carolina Mendez Rocha Podlyska)

COPA 2014 NO PAÍS DE JORGE AMADO

(Terezinha Santos de Amorim)

A REALIDADE
(Sandro Sussuarana)

A INTENÇÃO
(Osmar Santos)

A CIDADE DOS ERRADOS
(Marcelo de Oliveira Souza)

A MENINA DO RAIOS DE SOL
(Mano Kleber)



A linguagem e a beleza do morto em Mia Couto

(Adail Carvalho de Sales Júnior)

O morto (ou o elemento morto) é um elemento sempre presente nos romances de Mia Couto, às vezes se manifestando por meio de uma linguagem, como nos romances Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra, ou Terra Sonâmbula - neste os “Cadernos de Kindzu” equivalem à escrita de um morto. As personagens principais deste romance, o jovem Muidinga e o velho Tuair, encontram um morto na estrada e, ao lado do seu corpo, uma mala contendo cadernos escritos. Há nessa obra a imagem da escrita como metáfora do alimento: as narrativas escritas do morto servirão de alimento para o espírito das duas personagens. Ocorre também o contraste entre o que é vivo e o que é morto. O homem morto na estrada e os cadernos como o elemento vivo. A herança do morto são seus escritos.

No que concerne à questão da beleza do morto em Terra Sonâmbula, podemos apontar a presença de um morto como narrador: Kindzu (o morto desta obra) também irá desenvolver a mesma função/tarefa de Dito Mariano em Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra. Com isso, podemos dizer que em algumas obras de Mia Couto aparece a figura do narrador como um morto que desafia todas as forças vigentes: materiais, capitais ou naturais, para se manifestar como uma resistência frente aos processos de assimilação oriundos do empreendimento colonial.

Esse tratamento que o autor fornece ao morto dando-lhe funções tão privilegiadas é algo que ocorre também com outros escritores moçambicanos, como Paulina Chiziane ou Ungulani Ba Ka Khosa. Para esses autores, falar dos mortos não é falar dos corpos cadavéricos, das caveiras, dos ossos, da cinza ou dos póis. Falar dos mortos é falar da vida, dos antepassados e da história de um povo.

Em outras obras de Mia Couto prevalecem elementos que dão mais ênfase à questão da beleza do morto, caso de O Último Voo do Flamingo e A Varanda do Frangipani. Em O Último Voo do Flamingo, a imagem do pênis decepado no meio da estrada, em contato com o solo, com a terra, nos remete a Urano, que tem seu pênis decepado

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

e arremessado às águas, fertilizando-as com o seu sangue, dando origem a Afrodite, a deusa da beleza, a deusa África. Em A Varanda do Frangipani, a morte se manifesta de antemão no título, já que podemos apontar o fato de que, em O Último Voo do Flamingo, a morte é descrita como uma brevíssima varanda. É nesse clima de morte que A Varanda do Frangipani invoca que a personagem Ermelindo Mucanga diz ser um morto enterrado na varanda de um frangipani. Mas Ermelindo já morto tinha que re-morrer. Quando chega o policial da capital para investigar a morte do diretor de um abrigo de idosos, Vasto Excelêncio, Ermelindo ocupa o corpo do investigador. E assim como o Kindzu de Terra Sonâmbula, que salta de dentro dos próprios cadernos, Ermelindo, no desfecho do romance, irá desocupar o corpo do inspetor para transformar-se em uma árvore. A jornada do morto para cumprir a sua função ocorre, então, de forma transversal: o “morto” já está morto, sua forma de agir está livre de qualquer entrave pertinente ao mundo dos vivos. Dessa forma, o morto está livre para falar, para discursar, para resistir, para fazer de sua voz a resistência que não pôde consolidar quando vivo. Tais ações abrem caminho para o morto não agir de acordo com as tradições. Nesse contexto, a quebra das tradições é algo extremamente necessário. Esse ato transversal permite que o indivíduo penetre no sistema para ir contra ele, criando assim uma nova relação de forças. Trata-se de uma ruptura em direção ao novo. É uma verticalidade que atravessa, que corta outras verticalidades em direção ao novo. A transversalidade age sob outras forças. Forças que se desfazem diante do transverso, diante do ato da narração.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **A VARANDA DO FRANGIPANI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **TERRA SONÂMBULA**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ADAIL CARVALHO DE SALES JÚNIOR é natural de Fortaleza-CE. Bacharel em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. Contemplado com o IV Prêmio de Literatura, Leitura e Livro da Prefeitura de Fortaleza do Edital de Artes 2011, na categoria publicação, com um ensaio de crítica literária intitulado “A linguagem e a beleza do morto no romance ‘Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra’ e no filme ‘A massai branca’”.

O que é o amor?

(Adriana Pavani)

Todos buscamos, de algum modo, o amor. Passaram-se séculos, sem que uma só pessoa não sentisse a necessidade de tê-lo. Nem o mais rude dos homens viveu sem querer possuí-lo. Estamos numa era plena de descobertas e inovações tecnológicas e o homem ainda não aprendeu que amar é um aprendizado interior e não um objeto de desejo. Prova disso é a vida estressante e angustiante que todos nós levamos, sem termos tempo para nada, absolutamente nada. Isso faz com que no lugar do amor, sintam-se um imenso vazio, e muitas pessoas acabam se tornando depressivas, algumas cometendo até atos de loucura, simplesmente por não saberem reconhecer o amor dentro de si.

Mas... O que é, de fato, o amor? Não há palavras ou conceitos que possam defini-lo exatamente. Ele é procurado de diversos modos e, por vezes, até confundido com a paixão ou outro sentimento. E por que não dizer que o amor está presente até mesmo nos sentimentos ruins? Pode até parecer absurdo, mas podemos dizer que o ódio é um amor em estado bruto, pois onde ele existe, certamente, um dia brotará o amor. Já a inveja esconde uma ânsia de doar amor que o invejoso sequer descobriu; e, descobrindo-a, pode mudar sua direção e transformar este sentimento ruim em um sentimento bom. E o que dizer da maledicência, irmã da inveja, sempre a enevoar os olhos do invejoso? Ela não passa da vontade explícita de doar esse amor, mas encontra-se completamente desviada de sua rota. O dia em que ela deixar de estender seu véu sobre os olhos do invejoso, aquele que a sente passará a enxergar a vida com mais bondade. E o egoísta? Este está adormecido. Quando acordar, verá que quanto mais amor se doa, mais esse mesmo amor se multiplica, pois é infinito. E o egoísta então transformar-se-á em altruísta.

Mas, afinal, onde está o amor? Nós o buscamos, mas não atentamos que ele está mais próximo do que imaginamos. Basta percebermos a palavra amiga que nos chega sem aviso, num gesto carinhoso e inesperado, numa amizade verdadeira, tão rara, mas tão gratificante! E o que dizer do próprio desabrochar de uma flor ou um nascer do Sol? Ah! O amor! É o amor que nos acompanha desde a primeira célula que nos gerou e dele não há como fugir. Pode-se até tentar dele fugir, correr, fechar os olhos para não vê-lo, mas, quando o amor

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

aparece de vez para ficar, não há como dizer não. Deve-se aceitá-lo, e aceitando-o tudo na vida terá um colorido diferente. Muitas vezes, fugir do amor nada mais é do que ir ao seu encontro. Quantos que não queriam amar acabaram nos braços de um grande amor?

Até mesmo os planetas, em seu movimento em torno do Sol, fazem seu curso por causa do amor. Não há outra explicação que justifique a forma como planetas se organizam em um sistema perfeito, girando em torno de um sol, que, por sua própria existência, garantirá a existência desses mesmos planetas que o circundam.

Afinal, por quantas o mundo já passou e ainda está de pé? Quantas vezes falou-se em fim do mundo, finais dos tempos e outras histórias do gênero, e o mundo ainda está aí, resistindo a tudo e a todos? Será que estes fatos também não são uma prova da existência do verdadeiro amor?

Então, olhe para as flores, na estiagem, ou para o céu, nas noites de luar... Olhe para a aurora e comprove que o Sol nasce indistintamente para todos. Isso só pode ser amor! Se assim não o fosse, qual seria a razão de existirmos, respirarmos, estarmos vivos e lutarmos pelos ideais que temos na vida?

Lembre-se sempre: tudo nasce, cresce e progride por causa do amor. Por mais que tentemos fugir, um dia teremos um encontro inevitável com ele. É o amor que rege a existência de tudo. E, mesmo que se negue, ele é uma constante a nos provar infinitamente sua presença.

ADRIANA PAVANI é natural de São Paulo-SP. Participa de várias antologias poéticas e já recebeu diversos prêmios em concursos. “Do caos à poesia” (Ed. Pragmatha, 2010) é seu primeiro livro publicado.

Quartel Perpétuo

(Adriana Quezado)

Era uma jovem linda. Tudo tinha para ser feliz. Qualquer pedido seu era atendido na hora, como se fosse uma princesa da mais alta dinastia. Já estava mal acostumada, mas foi criada deste jeito, o que ela podia fazer? Reclamasse para seus pais, que a mimaram desde o berço. Aguentassem as consequências, se assim dela fizeram.

Todos os rapazes queriam tê-la em seus braços. Mas ela não queria nenhum. Talvez estivesse procurando um príncipe encantado, ou, quem sabe, já o tinha encontrado e não queria apresentá-lo, por causa da reação de seu pai. Pode ser também que quisesse ficar no caritó, ou seja, sozinha. Cada um segue o seu caminho que traça.

Era a menina dos olhos de seus pais, principalmente do pai, que a via como uma miniatura de sua esposa, quando por ela se apaixonara.

De repente, sua vida encantada mudou radicalmente da “água pro vinho”, ou do “vinho pra água”. Foi colocada presa em um calabouço do “Quartel do Passeio Público” pelo próprio pai. O que tinha ela feito para merecer tamanho castigo?

O sonho alado transformou-se em inferno calado.

Para chamar atenção, chorava, esperneava, gritava, ameaçava se matar, mas não surgia um herói para resgatá-la desse suplício.

Quando aparecia alguém, era só para alimentá-la, não havia palavras de conforto. A tristeza era tão grande que ela não comia, não bebia e nem se penteava. Não tocava na comida, ficando fraca até desmaiar. Depois de reanimada e de recuperar os sentidos, deixava-se abandonar à sua solidão.

Parecia uma “bruxa”, era de dar pena. Se pelo menos soubesse fazer algum feitiço para escapar dessa prisão que lhe impingiram... Mas nem disso era capaz. Estava sozinha no mundo, sem amigos, família. Disseram aos conhecidos que ela viajara. E cada informação dada a uns e outros era diferente, para dificultar o encontro de seu paradeiro. Ora ela estava na América Central ou América do Norte, ora na Europa, África, China, ora em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. O que ela tinha feito de tão grave que merecesse tão implacável punição?

Quando tentava fugir, era ameaçada por uma espingarda e recuava, sendo obrigada a voltar para o encarceramento.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O pai, coronel do quartel, abandonou-a ao “Deus dará”, como se fosse uma inimiga. Esquecera-se de que aquela era a filha que tinha criado com todo mimo e amor.

Só ficava sabendo de seu estado deplorável através dos relatos dos soldados. Não se incomodava muito, achava que a filha estava se fazendo de coitadinha, que era fingimento. Ela merecia esse corretivo. Mas o que ela tinha feito de tão grave para merecer esse castigo?

A verdade era que a cada dia ela definhava mais e mais, já não tinha mais forças para chorar, nem reclamar. Estava inerte à sua tortura. Adormecia de cansaço.

Até sonhava que estava livre no seu Castelo Encantado. Ledo desvario, pois, quando acordava, retornava ao pesadelo real. E foi assim até o último dia de sua vida. Só saiu de lá para repousar eternamente no jazigo da família.

Esta história passou a ser contada de pais para filhos, e assim é até os dias de hoje. Fosse sob o sol, chuva, estrelas, lua, ou mesmo acompanhada do trinar dos pássaros, ninguém entendia a história. Não conseguiam compreender o que se passara com aquela jovem tão linda e tão desprezada, que fora privada de sua liberdade e impedida de seguir seu caminho, fosse ele qual fosse: correto ou errado, para o norte ou para o sul. Era como se ela tivesse cometido um crime sem direito a “liberdade condicional”. Parecia um animal selvagem encarcerado numa jaula.

Permanecera totalmente incomunicável. E quem se atrevesse resgatá-la estaria em maus lençóis, podendo ser até expulso do quartel, sem chance de seguir sua carreira nas Forças Armadas. Aos soldados, cabia somente: “Direita!”, “Esquerda!”, “continências e “Sim, Senhor Coronel!”.

E, caso ousassem interferir, seriam todos presos em outro quartel bem longe da jovem prisioneira, que todos queriam em seus braços, mas temiam a reação do Coronel, o mandante daquela injusta prisão. O motivo da condenação foi passado de boca em boca, sendo interpretado como os ouvidos escutavam, confundindo os historiadores. A verdadeira história está enterrada nos túmulos dos pais e da própria jovem.

Esta história se parece com o conto “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Telles (Brasil, 1923). Será que o pai se inspirou no conto ou foi Lygia Fagundes Telles que se inspirou com a história, ou conviveu com a jovem? “Venha ver o pôr-do-sol” é um conto com dois personagens: Ricardo e Raquel. O primeiro é vilão; o segundo, vítima. Ricardo, não aceitando a separação, resolveu enterrar viva Raquel, por quem tinha uma paixão doentia. As duas histórias se assemelham: enquanto no Quartel do Passeio Público o mandante da prisão era o pai, em “Venha ver o pôr-do-sol”, o executor do plano

maquiavélico era o ex-namorado. Esses dois enredos são uma mera coincidência da vida ou pura ficção? Será que o pai da jovem leu “Venha ver o pôr-do-sol”? Ou será que foi Lygia Fagundes que, ao saber desta história, inspirou-se para escrever “Venha ver o pôr-do-sol”? Felizmente, Lygia está viva e pode responder como se inspirou para escrever o seu conto.

ADRIANA QUEZADO, natural de Fortaleza-CE, é escritora amadora. Publicou o livro “Coração Literário” e várias crônicas nas obras “Antologia”, “Travessias” e “Simplesmente Nós”. É professora diplomada. Participa de concursos em prol de seu reconhecimento como escritora. Publica textos no site Recanto das Letras, onde recebe bons comentários, demonstrando que a literatura é o seu lugar.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Transição (Valdomiro Maria)

(Alessandro Guiniki Barbosa)

*Passado o tempo, tudo se modifica
Constroem-se novos desejos
Mudam-se os planos
Desfazem-se os sonhos*

*A natureza se requesta
Brotando de profundezas generosas
Envelhecem-se os novos
Transitam-se refinadas esperanças
Terminam-se ciclos*

*Noites e dias somem, reaparecem
O sol ainda resoluto, permanece
Indo e brotando de noites infinitas*

*E a vida, ah! Esta se renova
A cada instante
Em cada milímetro de ilusão*

ALESSANDRO GUINIKI BARBOSA, nascido em 10 de maio de 1981 na cidade de Cravinhos-SP, é formado em Letras pelo Centro Universitário Moura Lacerda. Ministra aulas de Língua Portuguesa e Literatura desde abril de 2010. Com o pseudônimo Valdomiro Maria, começou a escrever poesias quando ainda estudante, no começo apenas palavras de um garoto apaixonado, mas com o passar dos anos sua poesia foi tomando outros horizontes e passou a falar mais da vida. Hoje, pode-se dizer que seus textos retratam bastante o passado, a infância e também os conflitos do coração.

Homenagem a tudo que eu não lembro direito

(Alex Frechette)

*Será que o passado se encarregará de deixar realmente tudo mais bonito?
Que a camada de poeira será o blush de beleza do nosso presente registro?*

*E que na verdade o presente é mesmo desprovido de um leal fascínio
Marcado pelo mesmo fundamento do nosso futuro raciocínio?*

*É revalorar nossa matéria dos dias, renovar o sentido do incerto?
Enxergar uma perdida maestria à tona do próprio demérito?*

*Será que deitar os olhos na face retrospectiva é nossa sedução falsa
e tardia?
É miopia às avessas, ampulheta de amor, movediça?*

ALEX FRECHETTE é natural de Niterói-RJ. Publicou os livros “Átimo”; “Catraca” e “20 Milhões de Libras Esterlinas”. Participa de cinco antologias, três de contos e duas de poesias. Graduado em Pintura. Lança em breve o livro “Diário em Niterói” sobre suas memórias festivas na cidade.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

...Abstinência...

(Aline de Melo)

*Você é meu vício
Você me embriaga
Você me alucina
Você me entorpece*

*Você rouba minha razão
Você rouba minha integridade
Você rouba minha ingenuidade
Você rouba minha capacidade*

*Você me ilude
Você me adormece
Você me anestesia
Você me fantasia*

*Sem você eu não vivo
Sem você eu caio no abismo
Sem você eu vou me perder
Preciso de uma dose de Você.*

...TRAÍ-ME...

(Aline de Melo)

*Fui traída por mim
Prometi-me não lhe querer
E lhe quis
Jurei-me não lhe desejar
E lhe desejei
Traio meus pensamentos todos os dias
quando penso em você
Meu corpo tem ódio de mim
por sentir a falta do seu
Meus sentidos não me obedecem mais
porque estão refém de você
Minha vida não me pertence mais
porque a doei a você
Traí-me de forma violenta
quando aceitei seu convite
Traí-me de forma estúpida
quando atendi ao telefone
Traí-me de forma inocente
quando me entreguei
Hoje, vivo em punição
porque não perdoo traição.*

ALINE DE MELO é natural de São Paulo. Escritora amadora. Graduada em Ciências Biológicas e Pós Graduada em Análises Clínicas. É funcionária pública da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Certezas

(Amélia Luz)

*Haja tempestades em meu caminho...
Abrigar-me-ei segura nas páginas da lenda
que hoje trago em minhas mãos puras...
Cochicharei ao vento meus versos diversos,
guardados no cofre da minha memória
onde nada se perde, nem se esgota!
Na enunciação da minha vida
não há oco, nem vazio,
cada sonho, espontâneo, na estrada brota.
Acendo o pavio do fogo sagrado
que não se apagará dentro de mim.
Trilho pela terra chã que me acolhe
amasso o barro com dedos
entre os frutos apodrecidos do pomar...
Respiro o ar das montanhas
sinto o cheiro de Minas e embriago-me!
Bebo da água da fonte, sacio a sede,
recolho-me no templo sagrado,
acreditando na paz da oração que me eleva:
é esta a nobre destinação dos escolhidos!*

Canção de um tempo

(Amélia Luz)

*Tudo me foi passageiro...
O amor passageiro
a cama passageira
os beijos passageiros...
Também passageiro foi
o coração que não é meu,
a vida que não é minha
e nem sei a quem pertence!
Minhas mãos que falam poemas
são minhas... Sim, estas são minhas,
ao cunhar no papel os meus sentimentos...
O grito da poesia é todo meu,
na dor ou na alegria,
patrimônio inestimável, só meu,
bem maior que a mim pertence...
Trafego estradas desconhecidas
O sol não me pertence
a paisagem não me pertence
o canto dos pássaros
também não me pertence...
Nem a casa onde nasci me pertence!
Passageiros, prazeres passageiros...
A angústia que explode dentro de mim
esta sim, a mim pertence,
e ninguém dela faz questão...
Destilo a gota do sofrimento
mergulho fundo nas águas frias...
O café da manhã é frio
O pão também é frio
mas as mãos servas que o sovaram
antes mesmo de o sol nascer
estão quentes e me alimentam...
A mocidade foi transitória
como a carícia de um tempo que findou.
A velhice solitária é como um soco
intransferível a arder-me na face!*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

*Tudo na vida é provisório
na travessia silenciosa que fazemos,
um a um, peregrinos que somos
nesse espaço de sombras
onde habitamos nus!*

AMÉLIA LUZ nasceu em Pirapetinga, Zona da Mata, Minas Gerais. Escreve poemas, trovas, crônicas e contos. É formada em Pedagogia, Administração Escolar e Magistério, Orientação Educacional, Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa, Pós-graduada em Planejamento Educacional e Psicopedagogia na Escola. Conquistou várias premiações, participando de concursos literários no Brasil e exterior. Tem poemas publicados em antologias no Brasil, em Portugal, na Espanha, Itália e França.

Incubus

(Ana Cláudia de Souza de Oliveira)

Em pleno século 21, eu tenho um sonho, ainda que viva um triste pesadelo, juntamente com milhares de sonhadoras como eu. Sou a de cor preta em meio a um mundo de brancos, amarelos, vermelhos, coloridos, e, apesar de este ser o país de maior população negra fora da África, parece que nunca seremos bem-vindos em nossa própria terra. Atualmente, fala-se muito em diversidade, de raças, de sexo, de crenças, e ainda se permanece mudo em relação à igualdade de direitos e de deveres.

Sem desfazer de grandes heroínas negras do passado, como as afro-brasileiras Luíza Mahin ou Firmina dos Reis, de intelectualidade e sabedoria soberanas, é fato que não temos sequer um ícone de nosso sexo e raça, nessa época, no qual possamos nos espelhar; nenhum estereótipo a seguir, nenhuma Rosa Pars, Wangari Maatha ou mesmo Condoleezza. Ah, de quantas abolições precisaremos ainda para erradicar tanto preconceito e nos acordar enfim desse incubus?

Temos que nos contentar com o velho estereótipo traçado por Gilberto Freyre, em seu livro Casa Grande & Senzala: “A negra no fogão, a mulata na cama e a branca no altar”. Em meio a conexões sinápticas nas quais me vejo imersa e sem saída nesse sonho ruim, deparei-me com um artigo na internet cujo título era tão gritante que calou fundo em minh'alma: “Por que os brasileiros odeiam as mulheres negras?” Essa verdade tão sentida, mas pouco declarada, mesmo constatada “a sangue frio” acerta em cheio a cara do Brasil.

Segundo Martin Luther King, a vida do negro ainda é tristemente invalidada pelas algemas da segregação e as cadeias de discriminação, e isto se agrava mais ainda no caso da mulher negra. Somos as primeiras, em número de filhos, a sermos os arrimos, ou mesmo os chefes da família. Também lideramos, de acordo com o Dossiê Mulher 2010, em casos de vítimas de homicídio doloso, tentativa de homicídio, lesão corporal, bem como estupro e atentado violento ao pudor.

Nesse vasto oceano que se tornou a população negra no Brasil atualmente, segundo o Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostrou a superação dos afro-brasileiros em relação aos brancos e outros, ser mulher, negra e pobre consiste em tornar-se triplamente desfavorecida no Brasil.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Séculos de degredo social, de maus-tratos verbais e morais, além de um isolamento profissional absurdo.

Somos as mal-letradas, as mal atendidas, as mal empregadas, as mal-amadas. Em 2003, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), homens brancos recebiam em média, por sua ocupação principal, R\$ 931,10, enquanto as mulheres brancas ganhavam R\$ 554,60; já homens negros recebiam R\$ 428,30 e mulheres negras R\$ 279,70. Com certeza, pouco ou nada se alterou desde então.

Nesse país de donas Bentas, encontramos santas Tias Nastácias. Que ganham pouco, trabalham muito, procriam demais e sofrem caladas. A pole position de incidência de mortes durante o parto de mulheres é nossa, assim como a de rejeição para fazer o pré-natal, na primeira maternidade procurada, e, em trabalho de parto, somos as que menos recebem anestesia. São as mães negras também as que mais choram os filhos perdidos, assassinados tanto pela lei quanto pelo crime.

Sem falar na invisibilidade social e afetiva que a mulher negra sofre. Dificilmente haveremos de nos deparar com uma afro-brasileira na capa das mais renomadas revistas ou encabeçando alguma campanha publicitária de peso, que não seja para algo específico da raça, como os cabelos crespos. Responda rápido: Qual o nome de uma poetisa ou de uma imortal que seja de cor preta como o ébano? Uma modelo negra famosa, uma senadora, prefeita, artista plástica, estilista, dama do teatro, autora de novela? Nada? Não, não é falha sua, é a nossa realidade mais pura.

Temos que combater ainda o mais pernicioso sistema racial e sexual reinante no país, a competitividade por um companheiro do sexo oposto. Quanto mais instruído o homem, bem menos chance a mulher negra - ainda que instruída, ainda que bonita e jovem - tem de ser sua escolhida. Como o “peso” do homem no mercado está pela hora da morte, as mulheres de pele clara estão escolhendo os mestiços, daí as morenas buscam pele negra, e assim sucessivamente nesse louco caleidoscópio humano, ou seria melhor dizer subumano e subdesenvolvido.

Sem falar que, para a maioria dos brasileiros, casar-se com uma afro-descendente é um péssimo negócio. Para a carreira, para a sociedade e para os filhos, que, com certeza, herdarão mais traços africanizados do que convém nossa “vã filosofia”. Talvez seja por isso que quanto maior ascendência social e financeira, mais o homem negro procura seu par na raça que julga superior à sua, culturalmente falando. Como se casando com uma pessoa de cor branca ele deixasse de ser negro e passasse a pertencer ironicamente à sociedade que mais o denegriu, o excluiu e o renegou. Uma espécie de Síndrome de Estocolmo às avessas.

Fiz uma breve pesquisa via Facebook e email com amigos e conhecidos de sexos, cores, classes sociais e países diferentes, perguntando-lhes se já haviam tido em suas vidas chefes e professoras negras, e aos homens acrescentei o item “namoradas”. Cerca de 20 % dos entrevistados, contabilizando todas essas respostas, afirmaram que sim. E olha que representamos 66% da população brasileira, aproximadamente 11 milhões de pessoas, de acordo com IBGE. Parafraseando meu inspirador, o reverendo Luther King, a mulher negra “vive em uma ilha só de pobreza no meio de um vasto oceano de prosperidade material. E (...) ainda adocece nos cantos da sociedade (...) e se encontram ‘exiladas’ em sua própria terra”. Sim, eu ainda tenho um sonho. Que um dia uma menina da cor preta venha a ter o exato orgulho de sua raça, alicerçado em uma firme e inteligível autoestima, de ser negra neste país. Para que enfim acordemos desse tenebroso, ininterrupto e atroz pesadelo.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Vai, Carlos, vai ser Drummond na vida

(Ana Cláudia de Souza de Oliveira)

Mais de um século desde que o mundo recebeu em seu seio Carlos Drummond de Andrade. Dez vezes dez em poesias de um senhor prosador - ou prosaico? Carlos, fruto de uma modernidade doente, cansada de não ser, sabia, como poucos, mesmo raros, como abrir o coração e derramar todo o sentimento do mundo. Era-lhe próprio passar de um ardente desejo a um amor encantado, da forma mais absurda e literata possível. Somente ele, poeta das Minas e das Sinas, trazia em si o dom de tornar críveis amores irrisórios, medíocres, tomados de furor tão carnal quanto lírico.

Drummond, com suas rimas cáusticas, seus versos crassos, como se amargasse conosco nossas dores de amores e sorvesse o absinto no cálice de nossas ilusões craqueladas, de nossos desencantos jogados ao vento. Em seu estilo incomparável, ele decupava as histórias de nossas vidas, os segredos, os momentos mais íntimos e inconfessáveis, cravando com sua pena a palavra perfeita, ainda presa na garganta. Desenhando versos com os fios da vida, tal qual as Parcas gregas, expondo como ninguém toda paixão, a mais instigante, a mal-amada, a letal, mas nem por isso menor.

O escritor trazia à tona de um âmagô o belo e o funesto, o “alfa e o ômega” de uma era que já não se soubera ser trevas, ainda que ilustrada. Gauche, tinha como missão o antilirismo pontual causado pela visão cética de uma sociedade cheia de contradições e tão decadente de valores e de sentidos. Mas poeta que não a alcance com o olhar. Assim Carlos vai se tornando o porta-voz desse inominável “pós-tudo”, seus ombros, como os nossos, “suportam o peso do mundo”. Esse cada vez mais mal-te-querô do que bem-me-querês.

Nele e, sobretudo, neles, seus dotes poéticos, o amor sinestésico queimava, doía, intumescia. Paradoxalmente, imergia, devorava, esvaía-se. Como lua e mar, chama e gelo. Substancialmente ligados, fisicamente impossíveis. “Amor que foge a dicionários e a regulamentos”, já dizia. E tudo como a incerteza da vida. Ou sob garantia de morte.

Nosso elegante hermeneuta, em seu desígnio imortal, usa os “pensamentos idos e vividos”, como o desejo, para enriquecer e perturbar, impulsionar e submeter, ora insinua, ora devassa, reinterpretando e redefinindo a essência que nos move, que nos ensina, e tantas vezes nos esmaga.

Assim, desnuda segredos, e neles emoções, visões que tanto tememos abraçar, mas que, no fundo, pagaríamos para viver. Vocífera ângulos inoportunos, chamando-nos à luta, nem que seja para apenas morrer de amor.

Drummond, versilibrista, mágico das letras, cultor de uma letra dura tensa e precisa, em contraponto, liberta e insana. Rei posto ainda que morto, entremeios a uma juvenília torturada. Herói piegas, quixotesco, que se lança em cruzadas pela harmonização entre fundo e forma, expositor indômito da linguagem clássica, ainda que apoplética por tanta modernidade.

“Ethos sapiens”, vidente de tantos incertos da sina do mundo, como o ataque à Manhattan, a dor da América Latina, a “bomba que não se sabe quando nem onde ou porque vai explodir”. Como a solidão do ser urbano, contos de um aprendiz, em ditos secos, sem rodeios, como bem alguém declarou desse menino antigo, mineiro - que tem o prazer de contar a vida, “sem a intenção de brilhar”. E desmascara a flor do hedonismo crescente que atravessa impunemente os muros de nosso quintal, em um verso errado:

- “E agora, José?”

- “Não precisa chorar arrependido”.

- “Como acordar sem sofrimento?”

- “Vem curvado, expondo em frases,... seus problemas mais íntimos”.

- “Você marcha, José,... Para onde?”

Todavia, estar aqui nessa época é como ver cumprir tais profecias, ainda que perplexo, impotente. E, como o poeta, rechaçá-las em prol da construção de um material humano melhor, dotado de puro sentir. Ter conosco esse itabirano convicto, nosso ilustre funcionário versífero, é “estar hoje mais vivos do que nunca”, é desejar o que ele desejou: “música do Tom com crônica de Rubem Braga, ao som do Bolero de Ravel, dez meses de Natal e dois... de ano”.

Ah, gauche, ainda que na impureza do branco, ainda que no brejo das almas, deixaste dias mais lindos, dando a esta “vida besta” alguma poesia.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Essa jaez

(Ana Cláudia de Souza de Oliveira)

*Essa cor, da qual me revesti para chegar até aqui,
Essa cor que me faz díspar, altiva,
Essa é a cor na qual amei me assumir,
Cor de coração, de coragem,
Como se só cor fosse,
Assim é para outros, distintivos,
Sendo assim só cor, corpo,
Tom, sons, sabor,
Mais que raça, mais que caça,
Como se por essa cor,
Em meio à multitudine dissonante,
Custássemos ser a de menor valor,
A de classe inferior,
Pois quem vê a pele,
Envolta de completo negror,
Não experimenta além da magia,
Algum imo teor da ciência,
Negando à raça, outra jaez,
Mesmo uma certa cadência cartesiana,
Independente do soul e da ginga,
Sabe ser - e por que não? - um prodígio de inteligência!
Pois essa cor, que enche o mundo da mais bela noite,
É, sim, ainda que não pareça, uma superpotência.*

ANA CLAUDIA DE SOUZA DE OLIVEIRA, nascida em Nanuque-MG. Com mãe professora, aprendeu as letras cedo e virou “traça” de livros, almanaques, passatempos e gibis. Jornalista, professora, pós-graduada pela ECA/USP. Mulher, negra, escritora, apesar de nunca ter publicado uma única obra, escreve porque essa é sua maior fortuna. É uma espectadora dessa saga que é a vida. Dela apreende a realidade e transforma-a em prosa e poesia.

O devorador de livros

(Ana Lucas)

“O Ananias devora livros, doutor. Ele mastiga e engole as páginas.” Seu Anastácio fez um aceno discreto na direção do filho de 9 anos, que lambia uma folha de receituário.

“Ah! Isso aí é fase. A minha filha de 5 anos rói giz de cera!”

O médico não fazia ideia do drama do Seu Anastácio. Ananias tinha sete dias de vida quando rejeitou o peito da mãe. Passou três dias em jejum e foi levado morre-não-morre nos braços do pai até uma benzedeira, que pegou o jornal do dia, amassou com água e ofereceu ao bebê. A criança consumiu tudo, com fúria e prazer, e nunca mais aceitou outra coisa para comer que não fosse papel com texto impresso ou escrito à mão. Seu Anastácio relatou tudo e perguntou: “Tem cura, doutor?”

Dr. Tavares, impressionado, submeteu o garoto a todo tipo de exame, mas não descobriu nada de anormal. Ananias, a despeito de sua dieta peculiar, era igual aos outros garotos. Gostava de futebol, de correria, de sol. Sua relação com a literatura era puramente gastronômica. Poderia até babar na frente de uma edição de “O Sítio do Picapau Amarelo”, mas o faria pelo gosto das folhas e não pelo sabor das histórias.

Dr. Tavares não conseguiu explicar o fenômeno, mas chamou a TV e transformou Ananias em celebridade. Quando os pais receberam os primeiros cheques, houve um desinteresse da parte deles em continuar buscando a cura para o filho.

O tempo passou. Ananias tornou-se adulto e um dia encontrou Moira, a filha do Dr. Tavares, recém-chegada da Europa. A menina que roía giz de cera acabara de ganhar o Nobel de Literatura e visitava o pai.

Como era de se esperar, o pior aconteceu: Ananias apaixonou-se e Moira o desprezou, afinal ela escrevia livros e jamais poderia amar alguém que os destruía. Seria como uma bibliotecária criando traças e cupins como bichos de estimação.

Ananias, louco de amor, resolveu fazer greve de fome. Jurou, diante das câmeras, nunca mais colocar um pedacinho de papel na boca, e imediatamente foi abandonado pela mídia.

Perdeu tudo. Tornou-se digno de pena, e foi essa sua figura aniquilada, quixotesca, que comoveu Moira. Ela não só aceitou como retribuiu o

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

amor que lhe era devotado enviando poesias para Ananias, que definhava a cada dia, salivando sobre os versos intensos dela, preso a um juramento nefasto.

A paixão ganhou força, mas a saúde do rapaz foi completamente devastada. Ananias foi internado num hospital às pressas. Misturaram páginas de clássicos ao soro. Não adiantou. Nem com Guimarães Rosa.

Moira chegara há alguns minutos. Ela acaricia a face esquelética dele e encosta nos lábios do amado uma folha de papel com os poemas que havia acabado de lhe escrever. Suplica que os devore, que se mantenha vivo! Ananias apenas sorri e beija os versos e os dedos da moça. “São doces...”

Ele suspira. Expira. A vida lhe escapa do corpo tão sutilmente, que Moira demora para perceber o adeus. Finalmente, sente a ausência no olhar fixo em seu rosto e o abraça, tentando impedir a definitiva separação. Inútil.

A alma de Ananias foi devorada pelo destino. Nas mãos de Moira repousa a folha amarrotada de papel com os versos poupados pelo ex-devorador de livros, como bandeira abandonada numa trincheira. E o último beijo dele a escorrer pelas palavras feito sangue.

No dia seguinte batizaram uma biblioteca com seu nome.

Depois disso, o mundo todo o esqueceu.

ANA LUCAS é o alter ego de Ana Lúcia Polessi, pintora e escritora. Publicou o livro “Trilha de Sonhos”, em 2009, biografia de um artista popular de sua região. Foi premiada em vários concursos regionais e estaduais. Mantém o site “Desgaveteia”, onde publica seus trabalhos e que deverá receber textos de outros autores.

Parlamento de primeira e país de terceira

(Ana Maria de Carvalho)

A distância entre a elite e o povo brasileiro ganhou, nessa virada de ano, mais um exemplo, ficando assim mais tácita e evidente. Senão vejamos: o povo brasileiro elegeu em outubro um congresso com um grau de escolaridade ao nível dos países de primeiro mundo, como Suécia, Inglaterra e Estados Unidos. Nada menos que 80,5% dos deputados eleitos em outubro têm curso superior completo e outros 7,2% tem formação superior incompleta. Estatisticamente é um Congresso de elite. Em termos de escolaridade, nada fica a dever aos países mais desenvolvidos do mundo. Mas é um congresso liberal, em termos econômicos, e conservador, em termos sociais. Os parlamentares com voto de opinião, ideológicos, desta vez quase não obtiveram sucesso nas urnas.

É na disparidade entre quem são os congressistas e quem é o povo brasileiro que está o problema maior do Brasil. Enquanto temos um parlamento com praticamente 90% dos deputados e senadores com curso superior completo, entre os jovens em idade universitária (entre 18 a 24 anos) o índice de frequência na universidade é de apenas 11%. Ou seja: há alguma coisa errada, com certeza. Especialmente se levarmos em consideração que o Congresso deveria, pela premissa da representatividade, representar o pensamento e a realidade da nação.

Esta desigualdade fica sempre mais evidente e óbvia quando estão em pauta os reajustes nos salários dos parlamentares. Ela retrata uma ambiguidade, uma discrepância do pensamento do brasileiro comum, no que se refere à condução do país. Ao mesmo tempo em que elege um congresso de elite, no que se refere à educação, elege também verdadeiros malandros, prontos a levar vantagem em qualquer situação onde isso seja possível e que encontraram na vida pública brasileira a profissão ideal. A prova disso é que, nesta eleição, foram eleitos praticamente somente políticos experientes. Na prática, a renovação ficou em 50 deputados dentre os cerca de 550. A maioria já tem experiência parlamentar ou no poder executivo.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O Senado terá dois ex-presidentes da República. Já as mulheres, pobres delas, não chegam a 10% do total dos parlamentares, embora sua participação na política seja até mesmo prevista em lei e num percentual bem acima do real.

Com um parlamento de primeiro mundo e um povo vivendo no terceiro, com apagões elétricos, aéreos, rodoviários, ferroviários e portuários, o Brasil vive um período de intensa busca por um caminho que leve representantes políticos e povo numa só direção, e não em direções diametralmente opostas, como está ocorrendo hoje.

Encontrar um caminho comum para o povo brasileiro e seus governantes parece ser o grande desafio do país para os próximos anos. Mas 2007 começa sem grandes expectativas neste sentido. Nossos aeroportos operam com equipamentos obsoletos e técnicos mal treinados, as rodovias se encontram em estado de precariedade tal, que é melhor não viajar por elas, se possível. Os portos cobram dos exportadores o preço da utilização de equipamentos ultrapassados e de uma burocracia jurássica, dificultando qualquer transação comercial internacional que, porventura, dependa deste modal.

Concluindo, logisticamente, estamos quase como o Haiti, mas sem guerra civil declarada ou tropas da ONU. Se nos voltarmos para pautas como educação, saúde ou saneamento, a coisa fica bem pior. O Brasil está travado pela ineficiência dos serviços essenciais básicos, os quais, por sinal, pelo sistema de governo que nos tem sido imposto pelas oligarquias nacionais, deveriam ser providos por ele eficientemente. Pelo menos, este é o discurso. Bem, é só discurso.

ANA MARIA DE CARVALHO é natural de Encantado-RS, mas reside no Paraná há mais de 20 anos. Anarquista, jornalista por 25 anos, foi diretora e editora de um jornal local por 15 anos. Publicou um livro por conta própria em 2007 e atualmente é acadêmica de Geografia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, onde também atua na promoção de eventos e exposições culturais de extensão, que envolvem artistas e pesquisadores da comunidade acadêmica (funcionários, professores, laboratórios, grupos de estudos etc), além de artistas e artesãos da comunidade externa da região, que expõem suas obras nos espaços dos *campi* da universidade.

aquele ser

(André Foltran)

*aquele ser sem gosto
aquele ser sem jeito
aquele ser que dorme
sobre teu nobre leito*

*aquele ser sem gosto
aquele ser sem cura
aquele ser no encosto
aquela alma escura*

*aquele ser sem gosto
aquele ser vazio
aquele ser sem rosto
que todo homem viu*

*aquele ser sem gosto
aquele ser sem nome
aquele ser que come
e não sente o gosto*

ANDRÉ FOLTRAN é natural de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. Não tem livros publicados, só textos espalhados pela internet e em algumas antologias. Desde 2011 tem participado de concursos culturais e literários, obtendo algumas premiações; crônica sua, inclusive, esteve entre as selecionadas do VII Prêmio Valdeck Almeida de Jesus para compor a antologia. Atualmente, mantém um caderno virtual onde, às vezes, publica algum poema. Blog www.andrefoltran.blogspot.com

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O corpo e a alma

(Anna Cristina Ramos)

*Mesmo que decidindo te deixar
a alma demora pra aceitar.
Nem adianta a outro se entregar
se a alma não se libertar.*

*O corpo acaba se entregando
mas a alma segue te amando.
O corpo não anda mostrando
que a alma segue chorando.*

*O corpo transmite tranquilidade.
A alma relembra a afinidade.
A boca promete amizade eterna
mas a alma deseja total entrega.*

*Como mudar esse sentimento
se a alma, a todo o momento,
mesmo a outro se entregando,
continua de nós se lembrando?*

ANNA CRISTINA RAMOS é natural de Rio de Janeiro-RJ. Analista de Sistemas, escritora, poeta e bióloga, tem um livro publicado: “Sentimentos”. Participa de duas antologias de poesias pela CBJE. Participa do livro em homenagem a Gonçalves Dias intitulado “1000 poemas a Gonçalves Dias”. Participando do Concurso de talentos do Cesgranrio e da Bolsa de criação Literária da Biblioteca Nacional.

Poesia

(Antonio Carlos Altheman)

*Fogo do Amor apurado.
Compreender o outro
de forma significava
sendo carinho Vibratório
o Amor realidade final
prontos?
o amor, no sentido aceitação
incondicional dos outros seres,
os afetos sem exceção..
vida verdadeira e autêntica
do Amor põe fim a toda
miséria fascista..
é o Amor à Liberdade
encontra vocês mesmos.
Enfim, a Dissolução
da discriminação e do preconceito,
não mais se contentar com boatos.*

ANTONIO CARLOS ALTHEMAN, mais conhecido como Kaká, é formado em Filosofia pela PUC de Campinas e escreve poesias dadaístas desde 2000. Foi professor de Filosofia em escolas do estado de São Paulo. Recebeu menção honrosa pelo livro “Explosões” no Prêmio Bispo do Rosário organizado pelo Conselho de Psicologia de São Paulo. É poeta das ruas e militante dos movimentos homossexuais. Escritor libertário e anárquico preocupa-se com o amor. Também é artista plástico e realiza colagens com revistas.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O Palhaço

(Antonio Cezar de Souza)

*Camarim flutuante
Porta fechada,
Suspiro ofegante
Um silêncio se faz...*

*No espelho fixado na parede
Uma figura deslumbrante
Lembrando uma tela de Picasso
Trazendo traços detalhados
Leves, românticos, expressivos
Na figura do Palhaço.*

*Cara pintada
Momentos de rara beleza
Três toques,
O sinal*

*Coração bate forte
Abrem-se as cortinas
Aplausos, gritos, risos...*

Silêncio, luzes, palco...

*Meu corpo não é mais o meu
Minha alma não é mais a minha
Confusão da forma humana
Uma fusão de expressão*

Atalhos, trilhas, traços...

*E por um momento
De profunda leveza
Sinto fundirem-se no espaço
Meu corpo
Minha alma
O ator, o palhaço...*

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012



ANTONIO CEZAR DE SOUZA é natural de Orlandia-SP. Escritor, poeta e empresário do ramo Hoteleiro, tem dois livros publicados: “Aluísio de Almeida ARNOBIUS” e “Clube das Bruxas”. Formado em Comunicação Social - Rádio e Televisão pela FAAP-SP.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Sem tempo para o ensino médio

(Antonio Deodato M. Leão)

De acordo com um recente estudo, o número de jovens entre 15 e 17 anos que abandonaram as salas de aula aumentou. Este fato demonstra que a idealização concebida pelo governo para manter os alunos na escola pública é equivocada e ineficiente. Isto não é de hoje. As políticas para inclusão de jovens no sistema educacional fracassam mandato após mandato. Contudo, será que apenas o governo é o único responsável pela evasão escolar?

É fato que esta evasão escolar se deve, em grande parte, à necessidade dos jovens de fazerem parte da cadeia assalariada para ajudar na sobrevivência de suas famílias, não havendo tempo para estudar. Ligado à luta pela sobrevivência está a apologia ao dinheiro fácil e sem esforço, propagada pelo tráfico. Os traficantes recrutam seus soldados nas portas das escolas com a promessa do enriquecimento rápido, sem grandes esforços e prazer. Pra que se matar de estudar, se é possível ganhar a maior grana e rapidamente? A esfera pública deveria cuidar do social, afim de diminuir a discrepância entre as classes sociais e combater a criminalidade. Mas será que somente o governo tem a culpa de todas as mazelas?

Bem... Não se deseja colocar panos quentes na incúria dos gestores públicos. Contudo, a sociedade como um todo, o que tem feito? Esta vive atrelada a biótipos e estereótipos: padrões de beleza; corpo perfeito; grifes... A famigerada "boa aparência" – vale ressaltar que os melhores falsários a possuem – domina o comportamento das pessoas. Mas não há tempo para ginástica. Faz-se uma lipo! Tem-se pressa (feios e pobres estão fora).

O desejo de se tornar uma celebridade move montanhas. Fazer parte do Big Brother e ganhar milhões, a qualquer preço, em cerca de quatro meses, é mais importante do que manter a decência e o caráter. Cinco minutos de fama, não importando o que se tenha de fazer e por mais grotesco que seja, valem mais do que um diploma universitário. É preciso ficar famoso! O povo adora ver baixaria e o sofrimento alheio. Basta observar o que passa nos

telejornais. O importante não é o teor da notícia, mas sim o ibope que ela renderá.

Não poderíamos terminar sem mencionar o emprego dos sonhos. Tornar-se político! Têm-se: verbas para combustível, água, luz, telefone, almoço com a(o) amante, para a comida do gato ou do cachorro; emprego para tios, padrinhos, sobrinhos, jardineiro, colegas de botequim; fórum privilegiado, se assassinar alguém; imunidade, se for pego roubando a verba da educação; e o mais legal, dois mandatos consecutivos e aposentadoria garantida. Oito aninhos... Que beleza, hein! Enquanto o resto dos mortais tem que trabalhar 30 anos, para mulheres, e 35 anos, para homens, ou esperar sobreviver até os 60 e 65 anos, respectivamente, eles não têm tempo para esperar. Muitos dos que estão lendo estas linhas também. Deseja-se ser grande e de forma rápida; não se gasta tempo para ser médio!

ANTONIO DEODATO M. LEÃO, nascido em 6 de Janeiro de 1972, em Salvador, Bahia, começou escrevendo letras de canções para bandas de pop/rock. Sempre se interessou por literatura, contudo, nunca foi um devorador de livros. Em 2009, entrou para a Universidade Federal da Bahia, onde cursa o 7º Semestre em Bacharelado em Língua Estrangeira (Inglês). Após desistir da carreira de músico, a necessidade de escrever aumentou, e, dessa forma, passou a escrever poesias e contos. A partir de 2011, resolveu expor seus textos. Atualmente, trabalha como professor particular de inglês.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Um Brasil apaixonado por futebol

(Arai Terezinha Borges dos Santos)

Numa área de 8.514.876 km² pulsam quase duzentos milhões de corações, onde, se o conhecimento fosse avaliado pelo assunto futebol, certamente estaríamos num dos países mais instruídos do planeta. Com uma circunferência que pressionamos entre as mãos e um valor material acessível a qualquer classe social, rola a bola de norte a sul, de leste a oeste, sem nenhum preconceito. Perante ela não há ignorante nem sábio, nem preto nem branco, nem pobre nem nobre, pois todos vestem a mesma camisa e vibram na sincronia da voz da galera: É gol!

A sonhada Copa 2014 já está em contagem regressiva. Diante dos muitos quesitos exigidos, o Brasil foi merecedor de sediá-la, e será palco de um evento que, pela concentração de pessoas, poderia ser considerado o maior espetáculo da Terra. Então, avante Brasil! E com o tapete vermelho, porque Sua Majestade o futebol mais eficiente do mundo desfilará em alto estilo por aqui.

Poder público, empresas privadas, empresários, engenheiros, economistas, técnicos, delegações e uma multidão de braços fortes unidos na transformação repentina e faraônica voltada para a edificação de espaços físicos, com o único objetivo de concentrar olhares num só ponto: uma bola e valiosíssimas pernas a suar por ela. E, embora até estejamos com mais créditos em outros esportes, devemos admitir que o coração do Brasil tanto bate quanto apanha defendendo nosso futebol. Brasileirinhos de ambos os sexos, assim que se equilibram no solo, numa ação quase involuntária, já demonstram intimidade coma bola e, ao chutá-la prazerosamente, orgulham-se das façanhas alcançadas. E assim, na observação desse instinto natural revelado por alguns pequeninos, vai se viabilizando a formação de craques que, ao longo de sucessivas seleções, ganham clubes e passaportes milionários. Não foi diferente com Ronaldo Luiz Nazário de Lima, nosso popular Ronaldo Fenômeno, que realmente é merecedor do adjetivo, pois, numa categoria ímpar, soube conduzir a bola como nenhum outro de sua geração. E assim ganhou respeito, popularidade,

fama e publicidade, tanto no esporte como no empreendedorismo, atuando também como garoto propaganda de marcas famosas. Nosso craque Ronaldo Fenômeno, amante como ninguém do futebol e aposentado precocemente por questões de saúde - segundo ele mesmo afirma: "Fui vencido pelo corpo" -, hoje faz parte do Comitê Organizador que ajudará o Brasil a conquistar os melhores resultados na ansiada Copa 2014. E, com o seu habitual sorriso e o coração aberto, já abre espaços para uma classe que sofre com alguns obstáculos, conseguindo lugares gratuitos na realização dos jogos aos portadores de necessidades especiais. Com essa conquista, mais uma vez, transcende seu altruísmo, sua humildade, sua sabedoria, viabilizando oportunidades ímpares, que certamente de outra forma estariam descartadas.

Ronaldo Fenômeno, que desde muito cedo desvendou caminhos, levando a bola à sua frente, não teve só momentos de glória em sua profissão; as contusões levaram-no a várias cirurgias e, consequentemente, a dolorosas sessões de fisioterapias, e essas dores ele não dividiu com ninguém, superando-as com garra para, posteriormente, vir a projetar-se como excelência.

Vamos juntos, Brasil, com comitês, delegações, "Ronaldos" e companhia nessa Copa, para sermos um holofote cujo brilho ofuscará a visão de nossos adversários. E que, ao final de tudo, aplauda-se aquele que for merecedor de levantar a Taça 2014.

ARAI TEREZINHA BORGES DOS SANTOS é natural de Imbituva-PR. Professora aposentada, tem dois livros publicados: "Vai com as ondas" (coletânea) e "Colírios" (obra infantil), sendo que ambos foram publicados e comercializados de forma independente. Participa de quatro Antologias e já conquistou tanto medalhas como menções honrosas em Literatura. Tem alguns trabalhos formatados em PPS publicados em alguns sites.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Nossa África

(Augusto Felipe da Silva)

Ah, a África! Esse mundo dentro de outro mundo. Esse continente misterioso, multifacetado, com seus desertos e vales, com suas diversas culturas, com sua imensa história, com suas raízes que vão além de seus limites geográficos, além da sua localização no espaço e tempo, que abraçam as Américas e a Europa. Continente marcado também por pobreza, exploração, lutas... Continente de um povo com essência guerreira, que levou sua cultura para onde foi, que se misturou com o "homem branco" não só nas formas restritas de convivência, na casa grande e na senzala, na relação escravo-patrão, mas nas danças, vocábulos, crenças religiosas, culinária, costumes, lendas de guerreiros que fazem parte da nossa cultura, mesmo que não nos demos conta.

África que merece não só ajuda humanitária, mas também reconhecimento. Que vem à tona como a grande Mãe África: mãe de tantas culturas, tanta história. Mãe da exuberante selva, mãe de seu forte povo. Mãe África, que sobreviveu a tantas invasões, violações. Quanta coisa devemos a essa pátria guerreira: a história de Mandela, a beleza das savanas, a oportunidade de humanizar-se, de abrir-se e compreender novas culturas, de ver todos como irmãos, de sentir o cheiro, o gosto, de viver um pouco das civilizações milenares... Esse gigante, de forma subjetiva, nos faz enxergar além, sempre além. Além da beleza, além da pobreza, além do seu tamanho: com sua majestuosidade, apresenta-nos histórias, realidades, caminhos que nos fazem pensar sobre a vida, sobre nós, sobre todos.

África, que aos poucos ressurge no cenário contemporâneo, que ocupa lugares não só nos livros de história, mas na história da vida de tantos. África de autores esquecidos, culturas menosprezadas, violadas, culturas fortes suficientes para sobreviver a choques e continuar existindo. África de dores, África de amores, África de todos... África, nossa África.

AUGUSTO FELIPPE DA SILVA é natural de Jaraguá do Sul-SC. Descobriu seu gosto pela literatura muito cedo e escreve poemas desde os 10 anos - contos e crônicas desde os 14. Obteve classificação nos seguintes certames: Concurso Cultural Aluísio de Almeida,

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

com o poema “Nossa vida” incluído na antologia Aluísio de Almeida, Arnubius - Nova Geração de Poetas (Agbook, 2012); I Concurso Literário Jovem da Fundação Logosófica do Rio de Janeiro, com a crônica “O menino do espelho”, classificado em sexto lugar (2012).



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Démódé

(*Bárbara A. Sanco*)

*Qualquer dor que sufoca
acaba virando grito fora de hora.
Ele ecoa intempestivo,
incompreensível.
Ele vaga solitário entre buzinas,
roncos e
gargalhadas.
E então se cala.
Percebe sua existência vazia,
seu despropósito.
Tudo culpa do tempo.
Se não fosse sufocado,
seria legítimo,
todos o entenderiam
e iriam ao seu encontro.
Teria tido um objetivo de ser:
chamar o socorro,
mostrar o perigo,
revelar a dor.
Mas agora o passear dos ponteiros
roubou-lhe o sentido.
Se a dor ainda existe, não importa.
Ele está fora de contexto.
É apenas mais uma loucura
a aturdir os transeuntes,
e, como tudo que é guardado tempo demais,
acabou se tornando apenas
démódé.*

BÁRBARA A. SANCO é natural de Porto Alegre-RS. Publicou em duas antologias poéticas, “Os Melhores de 1996” e “Poemas no ônibus e no trem” - edição 2012. Edita o blog Pensamentos Bárbaros - www.barbarasanco.blogspot.com.br. Dedicou-se à criação literária sem nunca perder a mania de escrever a lápis em agendas velhas.

Sobre a varanda da tarde

(Beatriz Montenegro)

*Alma, de alvos olhos,
Queda-se simples
Sobre a varanda da tarde.*

*Jardins, de longos sentimentos,
Estendem-se lentos
Sobre a varanda da tarde.*

*Sonhos, de brancos pássaros,
Voam alto
Sobre a varanda da tarde.*

*Horizontes, de transparentes céus,
Erguem-se longe
Sobre a varanda da tarde.*

*Brisa, de suave toque,
Passeia calma
Sobre a varanda da tarde.*

*Vida, de finito tempo,
Finda-se num momento
Sobre a varanda da tarde.*

BEATRIZ MONTENEGRO acredita que amar e escrever são prioridades como respirar. É no terraço do seu olhar que o tempo se resolve, passeando, indolente, pelos dias quentes do Nordeste e é no papel branco que surge a eternidade. Arquiteta, nascida em Recife, Beatriz é filha de Iza e Sylvio Montenegro.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Erva amarga

(Bernardo Santos)

Zé Bigodinho cambaleou.

Erva danada aquela. Bastou uma golada só, e lá estava ele estirado ao chão. Calmante para os nervos. Coisa ruim de se tomar, tão amarga que estômago cheio ao recebê-la esvaziava de protesto, ânsia, enjoo, vômito. “Coitado dele, pobre rapaz”, dizia seu compadre Espinosa da Silva – Espinozinha, como era conhecido nas redondezas do Vale do Rio Grande.

Rapaz prosador, fanático por futebol e torcedor do Galo. Não perdia um só jogo do time favorito. Com os nervos à flor da pele, frouxos, bambos, sentia-se enfraquecido e desapontado. A razão de sua dor era Maria do Carmo, que o trocara por um motoqueiro chegado há poucos dias no vilarejo. Zé Bigodinho os flagrou na beira do rio de lábios colados.

Cumpadi, num tem remédio pra modo de consolar dor de corno.

Vê lá, Zé Bigodinho! Onde já se viu ficar chorando por causa de mulher? Até parece que Du Carmo é a única.

E num é? Fui eu qui ensinou ela beijar e agora quis mostrar que aprendeu em outro. Isso num tá certo não, cumpadi.

Quem aprende quer ensinar, Zé Bigodinho.

Tá me gozando! Sabe qui sou xonado por ela.

Sei sim, cumpadre. Por isso chamei ocês pra apadrinhar o Junior. Até pensei que iam se casar. Era amorzinho pra cá, amorzinho pra lá, e agora... O amor virou ódio, né cumpadre?

Zé Bigodinho nem respondeu.

Neste dia, deixou de conduzir a boiada do curral à pastagem. Indisposto, não tinha vontade de fazer nada. Era sofrimento puro.

O motoqueiro desfilava diariamente com seu cavalo de aço vermelho pelas ruas. Vez ou outra, Zé Bigodinho via Maria do Carmo na garupa.

O boiadeiro, ainda entregue à solidão, soube mais tarde, através de fofoca, que sua amada estava desesperada. E, mais que depressa, foi correndo à casa dela para saber o motivo.

O qui aconteceu, Du Carmo? Fiquei sabendo qui ocê anda triste com o motoqueiro.

Ah, Zé Bigodinho! Fui enganada...

Di qui modo, Du Carmo?

O motoqueiro não é nada daquilo que pensei.

Como assim? Num tou entendendo.

Pensei que ele gostasse de mim e de meus beijos, e que tivesse aprendido comigo, assim como aprendi com você, só que...

Só qui o quê?

Ontem peguei ele ensinando o Tônico da Flor, lá na beira do rio.

Zé Bigodinho caiu na gargalhada e saiu correndo, dando pulos de alegria. Depois de algum tempo, voltou com uma chaleira e uma chávena em mãos dizendo:

Fiz este chá procê. O Cumpadi Espinozinha mi deu a receita. Toma, é bom pros nervo.

Maria do Carmo deu uma golada e disse:

Eta, chá amargoso sô! Está querendo me derrubar? Que erva danada é esta?

Zé Bigodinho e Maria do Carmo reataram. O motoqueiro, que caiu na boca do povo, envergonhado de seu comportamento, foi-se embora, e ninguém mais teve notícias dele. Tristonho ficou Tônico da Flor, que chorava pelos cantos de saudade. Mas também pudera, negou-se a tomar o milagroso calmante.

Maria do Carmo agora passeava pelas ruas na garupa do belo cavalo negro, que trotava ligeiro, sempre agarrada ao seu cavaleiro, Zé Bigodinho, que a levava todos os dias à beira do rio, só para lhe dar um beijo.

BERNARDO SANTOS é natural de Cristais-MG, graduado em Jornalismo (USJT-SP), pós-graduado em Gestão Estratégica de Marketing pela UFMG. Possui diversos trabalhos premiados, sendo o último na IV Jornada Guimarães Rosa, com 3º lugar na categoria Escritor/Poesia. Já participou de duas edições do Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus: 2008 e 2010. Tem dois livros publicados: “Depois das Onze” e “Poeira de Estrelas e Sonhos”. Web site: www.bernardosantos.com.br

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Dos Anjos Augustos

(Beto Acioli)

*Augusto poeta maldito
Obscuros anjos veneras
Por que Dos Anjos atestas
Explícito em teu nome escrito?*

*Tu compuseste maus ditos
Tantas poesias indigestas
A morte exaltaste em festa
E a vida como um conflito*

*Contrariaste o erudito
Com vis influências funestas
Na escrita foste expedito*

*Bendito nobre poeta
Em vida tu foste um mito
Valor que ninguém contesta*

BETO ACIOLI (Roberto Flávio de Souza Acioli), 47 anos, poeta, blogueiro e artista plástico autodidata, nascido em Olinda-PE, residente em Recife-PE, participa de algumas Antologias, entre elas as do Grupo Editorial Beco dos Poetas, do Celeiro dos Escritores, Câmara Brasileira de Jovens Escritores, da Confraria de Escritores e Editora Literacidade. Blog: www.betoacioli.blogspot.com.br

Uma parada para o humor

(Brenda Gomes da Silva)

Foi em uma segunda-feira, dia em que, para muitos, a preguiça e o mau humor predominam, que o ônibus da linha Lapa - Estação Mussurunga deu passagem para o humor. Em uma parada, ouve-se alguém dizer:

- Eu sou instrumento de escola de samba pra você tocar no meu pandeiro? Os passageiros procuram para saber quem reclama, até que ela aparece. Com aparência engraçada, no estilo "Nega Maluca" com cabelo black power louro, chama atenção. Brincando, diz que é mulher do cobrador, que fez o teste de DNA e o resultado deu positivo. Iam nascer gêmeos. Os passageiros voltam-se para o cobrador, sem entenderem nada. Ela ia se apresentar melhor, até que o celular toca:
- Alô! A cobrar. Ô, miséria! Quem é? Você me liga a cobrar para dizer que é Raoney?

Curiosos, os passageiros se põem a prestar atenção na conversa, até que a figura, com humor, dá-lhes uma lição de moral.

- Ô Raoney, aí os passageiros sentam no lugar dos idosos, gestantes e deficientes? Pois é, menino, aqui eles sentam.

Ouve-se um "ui" dos passageiros.

Em clima de descontração, ela solta mais uma reflexão, agora, conversando diretamente com eles:

- Vem cá, gente! O prefeito quer mudar o transporte. Vocês estão sabendo dessa conversa de Modal, VLT, essas coisas? Eu não entendo: o transporte público é patrocinado com nosso dinheiro, e nem perguntam qual é o melhor meio para a gente.

Os passageiros reagem com um "Poxa, é mesmo!".

A figura volta a pegar no pé do cobrador, conta histórias engraçadas e faz todo mundo rir. Em meio à conversa, diz que tem 13 filhos, todos de pais diferentes, e explica que trabalha porque quer, já que tem duas casas em bairro nobre, e completa:

- Tenho duas casas em bairro nobre... para fazer faxina amanhã.

Todos riem.

O ônibus freia bruscamente, quase bate em outro veículo, mas os passageiros parecem anestesiados e só querem saber de interagir com ela.

A figura à qual me refiro é um homem vestido de mulher, de nome Rosamunda. Um ele. Uma ela. Um ele / ela que fez todo mundo rir desde a sua entrada no coletivo.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Nota-se a alegria estampada no rosto de cada passageiro. Ainda que momentâneo, os dez minutos de humor fizeram muitos se esquecerem dos problemas.

Chega a hora de Rosamunda se despedir. Primeiro, ela agradece, fala da importância do humor, e deixa mais um recado:

- Cobrador, a chave de casa está debaixo da lata de leite.

O cobrador aprova a brincadeira com um sorriso tímido. E ela acrescenta:

- Tem muita gente me paquerando. Quem quiser contato comigo, meu endereço é Rua do Sobe e Desce, número desaparece. Moro no 2º andar porque o 1º caiu.

Aí, sim, a figura se despede, deixando um grande vazio dentro do coletivo, que volta à sua rotina.

BRENDA GOMES DA SILVA é natural de Porto Seguro-BA. Cursa o 5º semestre de Jornalismo na Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador. É microempreendedora na área de comunicação textual e audiovisual. Aos 21 anos de idade, não tem currículo cheio. Ainda atíça chispas e, se uma chamazinha explodir, ok, tudo bem, valeu. Contenta-se com a experiência.

Literatura africana – Uma terra sem descanso

(Carina de Luca)

Relativamente curto, Terra Sonâmbula (obra do escritor moçambicano Mia Couto) é um romance denso – tem algo daquele velho poder da lírica de condensar vários significados em poucas palavras. A fim de que o breve artigo proposto aqui não redunde superficial, já que são muitos os aspectos a serem discutidos sobre o livro, um recorte terá de ser feito, obrigatoriamente. Para tanto, o foco escolhido nesta leitura privilegiará a questão do narrador na obra de Mia Couto. A base teórica desta discussão se encontra no texto “O narrador”, de Walter Benjamin, texto-base da teoria literária moderna, que não pode ser desconsiderado em qualquer discussão atual que se faça sobre o tema da narração literária.

Em “O narrador”, Benjamin aponta, paradoxalmente em relação ao título, justamente o desaparecimento dessa entidade no mundo moderno. Segundo o autor, a capacidade que nos parecia “mais segura e inalienável”, a de intercambiar experiências, cada vez mais nos é tirada. Ficamos privados da experiência que se passa de boca a boca, seja através da figura de um narrador viajante, alguém que vem de longe, seja através da figura de um narrador ligado umbilicalmente à sua terra, que nunca se aventurou por outras localidades. Em Terra Sonâmbula, contudo, essa capacidade que parecia perdida, o poder de narrar, ressurgiu com força. A temática do livro, bastante vinculada, por vezes, à ideia de resgate de uma tradição que se perdeu, não poderia deixar de trabalhar com a retomada da força do contar uma história. Um exemplo muito claro deste intercambiar de experiências é a relação entre Muidinga e Tuahir. O mais velho, ainda que às vezes contra sua própria vontade, insere a criança na tradição – mesmo que aquela esteja se perdendo. Muidinga, apesar de mais novo, também troca a sua experiência com Tuahir, na medida em que ele é o possuidor da experiência da palavra escrita. A vida de Kindzu surge assim como uma ponte entre o saber do mais velho e o saber do mais novo, além de ser uma nova experiência a ser compartilhada.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Para Benjamin, a verdadeira narrativa se opõe à clareza da informação – e é precisamente essa não-objetividade dos fatos que ocorre em Terra Sonâmbula. Desde as epígrafes escolhidas, toda a narração do livro é quase um caminhar entre sonhos, e se há realismo fantástico neste romance, ele ocorre na medida em que a realidade retratada é mágica, espantosa, polissêmica. Os fatos não valem por si sós, mas pelos diversos significados que despertam. A cena de Junhito se transformando em galinha, por exemplo, além causar um profundo estranhamento, nos leva a refletir sobre as suas significações ocultas. Nesse sentido, o narrador do romance surge também como o narrador que sabe aconselhar de Benjamin, já que Junhito, rebaixado a uma condição animalesca, é uma alegoria da independência moçambicana.

A sabedoria desse aconselhar narrativo é ainda mais latente no discurso final do feiticeiro, premonitório dos dias piores que ainda virão. Benjamin declara que a arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Em Terra Sonâmbula, a morte da sabedoria não é negada – contudo, é como se um último sopro da tradição e do narrar estivesse presente o tempo todo no romance, esperando uma oportunidade para, ao invés de definhar, nascer uma segunda vez, tal como Muidinga.

CARINA DE LUCA nasceu atibaiana, taurina e com propensão para palavrear. Suas brincadeiras com a escrita levaram-na ao curso de Letras na Universidade de São Paulo e a experimentar o gosto da palavra em diferentes línguas. Atualmente, vive de revisar os termos alheios e de ensinar alunos de português a descobrirem sua própria voz através da escrita.

Desengano

(Carlos Henrique Pereira Maia)

*Quando a ilusão me desertou pela primeira vez,
O infinito todo em fragmentos se desfez,
Toda a eternidade se fez um só momento,
Fiquei ausente em meu próprio pensamento!
Perdi a alegria, perdi a paz...
A perda não volta atrás!
Nem o mar azul bramia,
Nem o azul do céu luzia!
E de perda em perda minha alma anoiteceu,
E a noite me envolveu em sombras pavorosas,
E o dia seguinte em desencanto amanheceu,
E o mau tempo me cobriu de nuvens chorosas!
Vieram os espinhos das dores,
Foram-se as cheirosas flores!
Quando o aço da perda partiu meu coração,
Pensei que morreria no cansaço da noite,
Ou no mormaço do verão,
Que duro açoite!
Perdi a alegria, perdi a paz...
A perda não volta atrás!
Nem o mar azul bramia,
Nem o azul do céu luzia!*

CARLOS HENRIQUE PEREIRA MAIA é natural de São Fidélis-RJ, foi aluno da Escola Preparatória de Cadetes do Ar e cursou Ciências Contábeis na Universidade Federal Fluminense. Atualmente é servidor público do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Ocupa a cadeira nº 31 da Academia Niteroiense de Belas Artes, Letras e Ciências, patronímica do poeta Manuel Bandeira.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Às vezes

(Carolina Aparecida Vargas Hanke)

ATENÇÃO

*Mas quem poderia atender?
Nos cantos da vida não havia chão
Como compreender?*

*Ela abria seus olhos ao amanhecer
Ela abria os olhos durante o anoitecer
Ela desejava morrer,
Às vezes.*

*Às vezes, ela sentia desejo
E lágrimas e medo
E às vezes ela sorria
E dormia e vivia
E desistia...*

*E às vezes ela abria os olhos
E não entendia
Às vezes, ela via o entardecer
E ela desejava morrer*

*Quando o Sol não bate nas árvores
Porque ela não está embaixo da sombra
Como fazia antes em seus braços, deitados na grama.
Tudo foi aos ares!*

*Quem poderia compreender?
Que às vezes ela abria os olhos
E sentia vontade de morrer.*

Às vezes.

CAROLINA APARECIDA VARGAS HANKE é estudante de Comunicação Social em Rádio e TV, atualmente está como estagiária na Orquestra Sinfônica de São Paulo. Tenta manter seu blog em funcionamento há dois anos (www.carol-ol-ol.blogspot.com.br), gosta de pintar, ver filmes, fazer vídeos amadores e, claro, escrever.

Sersua

(Catarina de Freitas Barbosa)

*No meu achar que já sei tudo
Descubro que não sei nada
E que ainda tenho muito o que aprender.
Fecho os meus olhos...
E o vento me leva pra bem perto de você.
Sinto você beijando meu corpo inteiro
Percorrendo minhas curvas
Descobrimo cada cantinho que nunca foi explorado
E eu, com meu levado jeito de menina,
Percebo que gosto de ser tratada como uma mulher...
Uma linda mulher que ainda não sabe nada.
Mas no meio de tanta emoção colorida
Eu sinto medo de tantas descobertas
Tenho medo de me entregar de vez
E, no final tudo, que o que eu imaginei
Venha a se tornar uma mera ilusão
E mais uma vez eu me decepcione
Comigo, com você, com tudo...
Mas, apesar de tanta insegurança,
Tenho vontade de ficar deitadinha no seu peito
Sentindo você me tocar
E no fundo
No meu mais íntimo
Eu só gostaria de ouvir que sou sua.
Só sua e de mais ninguém...*

CATARINA DE FREITAS BARBOSA graduanda em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia. Participou da criação do acervo de gibis antigos e raros da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, nela teve a oportunidade de mostrar ao público, por meio de exposições, a importância da salvaguarda desse tipo especial de coleção.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O diário de Anne Frank

(Clara Elena Saenz Ortega)

Querida Kitty,

*Eu era feliz, tinha tudo que queria
Porém, do nada, chegou um inesperado dia
Hitler liderou e a guerra começou
A minha pouca esperança foi tudo que restou*

*Por cristãos inocentes fomos escondidos
Não falar alto nem sair pelas ruas, fomos banidos
Não podíamos olhar pela janela e nem abrir a cortina
Se fossemos vistos, era direto à guilhotina!*

*Judeus andavam com a estrela no braço, retratando
Que para eles não tinha jeito, tudo estava acabando
As bombas e os tiros passaram a ser sons normais
As violências dos alemães eram com certeza fatais*

*Com os acontecimentos, não queria pensar
Mas as notícias diárias do rádio não pareciam ajudar
A comida ruim e podre, em sua escassez,
Fez com que eu ficasse louca de vez!*

*Agora não vou mais falar de mim
Pois acho que já se cansaram, bem, enfim
Vou falar de quem morava comigo
E como era o nosso abrigo*

*Tinha o Senhor Dussel, que só fumava
Arrumava brigas com todos por quem passava
Roubava comida e a colocava em seu armário
Não deixei de escrever tudo em meu diário*

*Peter, um menino com quem nunca falava
No fim passou a ser quem eu amava
Antes achava que eu era barulhenta e irritante
E depois, simplesmente, nos tornamos amantes*

*Papai, que eu não poderia viver sem
Me defendia de quem criticava, não importava quem
Era um homem realmente bom e carinhoso
Extremamente calmo, engraçado e afetuoso*

*Com mamãe, é simples, nunca a amei
E, confie em mim, não foi porque eu não tentei
Falava a todos de meus defeitos e ria
E o pior de tudo é que virou mania*

*Margot, minha irmã, é muito especial
Antes só brigávamos, mas agora acabou o torrencial
Já a Senhora Van Daan é impossível de agradar
E ainda reclama, haja paciência nesse lar!*

*As brigas são frequentes, pareço que vou explodir
Não sei como aguento, quero fugir!
O dia inteiro é só discussão
Você vê, Kitty, como sofro de tanta tensão?*

*Não vejo a hora de a guerra acabar
O sofrimento viraria um distante pensar
Vamos virar gente de novo
E seremos respeitados pelo povo*

*Estamos condenados aos olhos do mundo
Me vejo em um poço escuro sem fundo
Agora estou no campo de concentração
Mas sinto que minha vida não foi toda em vão.*

CLARA ELENA SAENZ ORTEGA nasceu em agosto de 1998 e atualmente cursa o 9º ano do Ensino Fundamental II no Colégio São Luís - Jesuítas, São Paulo. É leitora assídua. O poema “Querida Kitty” foi inspirado na leitura do livro “O Diário de Anne Frank”, e foi apresentado para sua classe. Clara não tem ideia determinada de carreira ainda, mas é certeza que amigos e família valorizam muito seus presentes escritos.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O que carrego do mundo

(Clarissa Damasceno Melo)

Se não dor,
Que havia de ser?
Quando olho nos olhos
Daqueles que não têm pão
Quando passo pelas calçadas
Bem perto dos donos da rua
Quando não vejo a chuva
Quando não tenho chão.
O que carrego do mundo
É pesado demais
Não tem voz, mas grita
O grito que todos ouvem
- De ouvidos tapados por mãos amigas.
Quando passo pela lama
A cena congelada que quero esquecer
Os meninos sem blusa
Sem terno
Sem pão.
O que carrego do mundo
O mundo de todos
- E de poucos.
Os cárceres lotados
A cena lotada de nó
De poeira
De pó
O que carrego do mundo
A sopa gelada
A colher vazia
O grito de todos
- De muitos.
O que carrego do mundo
Se não dor,
Que havia de ser?

CLARISSA DAMASCENO MELO é natural de Itabuna-BA, mas vive com a família em Itajuípe, cidade circunvizinha. Atualmente,

vem ganhando destaque em concursos literários, a exemplo de “Homagem a Jorge Amado”, idealizado por Valdeck Almeida de Jesus. Não escreve profissionalmente, embora atualize sempre dois blogs, o Via Crucis e o Movimento Rafael Mendes. É aluna do terceiro ano do Colégio e Curso Galileu.



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Tributo a Twain

(Cláudio Hermínio)

Descobri precocemente, aos doze ou treze anos de idade, que estava predestinado ao mundo das Letras. Coursava a sétima série colegial, e as aulas de Língua Portuguesa despertavam em mim o desejo de alcançar lugares inimagináveis. Li vários livros das coleções “Vaga-Lume” e “Para Gostar de Ler”, não me continha somente em ler as histórias presentes, tinha curiosidade em saber em que momento estas histórias foram criadas e surgiam na mente dos escritores. Foi neste período que tive contato com a obra literária do grande escritor americano Mark Twain. Jamais esqueci as aventuras de Tom Sawyer e Huckleberry Finn, e sonhei ser um desses personagens. Nos meus sonhos, eu navegava pelo rio Mississipi em um barco a vapor e dividia espaço com a multidão de mercadores, brancos, pobres e ricos, senhoras, escravos e crioulos que percorriam a região e conviviavam com suas lendas e crenças, impregnadas pela escravidão pujante. Neste momento, bateu à minha porta, “o desejo de justiça”, até então adormecido, no auge dos meus primeiros anos de vida. Nessa época, comecei a refletir sobre a condição existencial de nosso povo, a entender que a desumanidade do homem é contra o próprio homem, cabendo a cada um de nós resistir à pesada artilharia que nos é imposta. Com Mark Twain passei a enxergar o mundo com um olhar crítico e a acreditar que o escritor é um testemunho do seu tempo.

CLÁUDIO DE ALMEIDA HERMÍNIO nasceu em Belo Horizonte-MG. Graduado em Letras pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH). Em 2009, começou a participar de concursos literários, tendo seus textos publicados em inúmeras antologias, dentre elas: “II Prêmio Literário Canon de Poesia 2009”; VI Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus de Poesia - edição 2010, da Bahia; VII Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus - Crônicas - edição 2011; publicação de alguns poemas no livro Varal Antológico II (Varal do Brasil -2011). Exerce o magistério de Ensino Fundamental e Médio na capital mineira.

O canto triste do uirapuru

(Cleiton de Oliveira França)

Tupã, compadecido, atendeu-a dizendo: “De hoje e para sempre serás o Uirapuru. Terás um canto tão lindo e harmonioso que te livrarás de teu sofrimento. Quando cantares, a floresta silenciará”.

- Gostaria de escrever algo sobre alegria, flores, amor e paixão, mas quando viro a esquina e vejo mais uma dona Maria gritando por socorro, logo me vem um pensamento: é tanto sofrimento, é tanta covardia que impera no Brasil. Sempre escuto as mesmas palavras; ninguém sabe, ninguém viu. “Não fui eu, isso tudo é um complô”, mas as mãos estão sujas de sangue.

- Isso não prova nada, é apenas sangue de galinha.

- E os sem-vergonha vão seguindo com a cara mais lavada do mundo. Vivo num país de opostos, onde quem tem dinheiro tudo pode. Do outro lado, um povo que vive tendo que se virar com as migalhas caídas das mesas. De repente, os olhos vão mudando as lágrimas. Escuto uma canção.

- Sou a velha e a nova desgraça. Finjo que virei fumaça. Logo, logo, estarei de volta.

Sou a covardia que habita esses seres mesquinhos, homens de almas pequenas. Não tenho nada de bom a oferecer, eu só quero ver você se humilhar

Bom eu quero é pão e circo. Gooooool de Neymar!

- Fevereiro?

- Oba, carnaval!

- Corre atrás, meu filho!

- Hã? Correr atrás? Pode ser de um trio elétrico?

- Troca as pilhas, Valdir, para de se iludir.

- Mas o país está crescendo!

- Pra quem mesmo?

- Haja dólar na cueca.

- Esse garoto tem talento, já é o número 1 em falcatruas.

- Fulano de Tal virou deputado com os votos do povão.

- Eu não vou estudar, prefiro as ruas.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

- *Hoje já não é cola o que me preocupa, é o crack.*
- *Pedala, Robinho! Vamos em frente tocando o terror. Onde passa um, passa uma boiada. Viva a Copa de 2014! Droga, que tragédia! Caiu o Maracanã! Quem foi que cuidou das obras? Foi o Sérgio, os Naias canalhas da maracutaia.*

CLEITON DE OLIVEIRA FRANÇA é natural de Brasília-DF. Conhecido como 'Eddy Fantasia'. Primeira vez que participa de concurso. Pretende lançar o primeiro livro em breve. Possui um blog pessoal, onde divulga textos, crônicas e poesias: www.fantasiatremboo.blogspot.com

Um sonho

(Daniela da Cunha)

*Vou sonhar que o mundo é como imagino
Com pássaros coloridos no céu
Flores enfeitando um vestido de tecido fino
Palavras de amor escritas no papel.
Na imaginação vou compondo o meu querer
Um lugar onde ninguém pensou existir
E lá esconderei de tudo o que me faz sofrer
E as lágrimas de dor e saudade que me fazem não sorrir.
Vou sonhar que temos paz e não guerra
Que nos vemos todos como irmãos
Respeitamos o que se dá no chão desta Terra
Louvamos ao Senhor da Criação.
No sonho vou tecendo meu labor
De dias e horas que vão e vêm
Um mero desabrochar do amor
Amor esse que não se tem.
Vou sonhar porque é só o que me resta
E o sonho me leva ao tempo de criança
Vou espia-lo por entre uma fresta
Pela porta chamada esperança.
E todos os sonhos entrego ao universo
Sendo assim, a Deus chegarão.
E no dia em que ele decidir ler estes versos
Sei que em dobro me dará.*

OLMIRA DANIELA SCHAUN DA CUNHA é gaúcha, nascida em 1980. Escreve desde os 9 anos de idade. Começou com poesia e, aos 29 anos, aventurou-se pela primeira vez na Literatura Infantil, embora sua maior paixão seja a poesia e a crônica. Professora de formação, é apaixonada pela leitura e pela escrita, não poderia estar em outra área que não fosse a da literatura. Classificada no V Concurso Literário Ferreira Gullar, teve seu poema “Sinestesia” publicado na Antologia “Emoções Repentinhas”, da Editora Assis, em 2012. Foi selecionada no “VIII Prêmio Valdeck Almeida de Jesus de Literatura” com a crônica “Jorge, o Amado”.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Monocromático

(Danilo Souza Peloso)

Aos questionamentos. Pensamentos delirantes no viajar inconstante do além-mar. Cidadãos e suas diferenças sociais. Resposta à pergunta. Os televisores. Modificá-lo para preto e branco.

Soluções ao enigma em sua pluralidade. Brasil em preto e branco. Brasil monocromático.

Diminuindo diferenças. Não amedrontaria tanto ver corpos ensanguentados, pelo diminuto contraste. Atenuaria as diferenças raciais. No carnaval, a despreocupação. Na ausência da cor, a solução. Empecilho? O monocromático do século 21.

Num Brasil em preto e branco haveria menos discórdias, em revolta e gritos, entre os grandes aflitos, a desconhecerem o porquê de tanto sofrer em berço esplêndido, e não ver iluminado o sol do novo mundo.

No desconhecer, a solidariedade. Eu disse solidariedade, e não seriedade. Reunião extraordinária. Projeto de Lei nº 000.000.001/2012 - Brasil Monocromático. Orientação. Este projeto visa minimizar diferenças sociais, através da igualdade de cores, dos fatos apresentados, assim como das outras providências.

Votação. Todos ajustando o colarinho. A tensão aumenta devido à importância do projeto. A fatídica pergunta. Aqueles que concordam permaneçam como estão! Zzz! Zzz! Zzz!

Projeto Lei Brasil Monocromático aprovado por unanimidade.

O povo vibra. As multidões não se contêm. A felicidade é expressada em prantos. O povo sai às ruas com estandartes. Todos certos de que fizeram a coisa certa.

Comentários na Casa de Leis. “Um avanço”, “Mudanças significativas”, “Um progresso social”. Todos lisonjeados com a aprovação do projeto proposto por fulano de tal, orientado e aprovado. Ausentes cores, não menos sentimentos.

Condecorações ao legislador. Idealizador de ideias revolucionárias. Faça minha as suas palavras. Assim, quando assistirmos aos programas institucionais, inexistirá o olhar de irradiante brilho, os suntuosos objetos de adorno, assim como tudo o que é magnífico, utilizado por todo esse povo.

Sentiremo-nos mais iguais entre os mais desiguais. Assim, parabéns ao legislador!

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012



DANILO SOUZA PELLOSO é luceliense, engenheiro, fiscal, perito. Livros publicados: “Um Olhar de Desespero” e “Infidelidade”, pela Giz Editorial. Participação em Antologias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores, Beco dos Poetas, Litteris, Sapere, Andross, Litterata, entre outras. Colunista do jornal Gazeta Regional, site Sombrías Escrituras, Ceileiro de Escritores e Nossa Lucélia. Contato: danilo_peloso@hotmail.com

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Veia Poética, a arte está no sangue

(Dhiogo José Caetano)

A arte de revelar palavras, os sentimentos e a emoção, nasce das entranhas do ser poético. Nasce da alma, da veia poética existente em inúmeros talentos escolhidos pelo universo para semear, dia após dia, a paz, a esperança, a vida...

Sentimentos que ultrapassam os limites; mesmo ausentes do vosso convívio, as palavras rompemos limites do existir.

Dos versos mais simples à sofisticação de profundas construções semânticas.

Em meio à complexidade do existir, à plenitude da simplicidade, a arte se renova em diferentes escrivatinhas.

As palavras ganham formas, contextos, métricas e rimas.

Os sentimentos descrevem o amor, a natureza, a vida, os sonhos, o mundo - complexo mundo.

A emoção aflora e preenche as telas, os papéis em brancos e livros pálidos, que são enriquecidos de informações, histórias e contextos diversos.

Das entranhas do ser poético, a essência que narra os baluartes, os lírios e os campos verdes.

Da alma, a eternidade que aflora e prima o existir.

Inúmeros talentos são escolhidos para transcrever a vida, mas a vida também os transcrevem.

O artista pinta a sua história com o seu próprio sangue.

Narra a vida através das experiências vividas.

Faz do existir um livro infindável, tornando-se uma narra-viva.

Uma arte que se sobrepõe ao tempo e permanece viva para todo sempre!

Cora Coralina

(Dhiogo José Caetano)

Nas coisas mais simples podemos encontrar inúmeras verdades e realidades ricamente poéticas.

É com muito prazer que homenageio a notável escritora goiana Cora Coralina, que honrosamente vem representando os autores contemporâneos no Brasil e no mundo.

De forma simples, esta escritora magnífica deixou um legado muito importante para a literatura brasileira. De visão apurada e sensível, ela conduzia, com maestria, suas narrativas e poemas, lançando um olhar totalmente diferente sobre assuntos já trabalhados por outros escritores. Buscou selecionar protagonistas mais simples, comuns na sociedade em que vivia. Despidos de qualquer grandeza, seus personagens revelavam um Goiás que nunca antes havia sido narrado na história da literatura brasileira.

Nos inúmeros versos, prosas, contos e poemas de sua autoria, notamos suas necessidades, suas verdades, seus anseios sociais.

Gostava de abordar os temas mais simples do cotidiano vivido por ela. Com uma sutileza inigualável, expressava em seus poemas a emoção de ser goiana, visando destacar as marcas deste povo, que trabalha coma terra, que cultiva o solo com as próprias mãos.

Com uma linguagem e escrita exclusiva, Cora Coralina se preocupava em descrever as carências de oportunidades, das condições básicas de vida, a simplicidade do povo goiano, com especial capacidade de transformar o cotidiano vivo em versos eternamente recitados.

Cora é uma mulher que muito orgulha os goianos e os brasileiros. Com seu talento indiscutível, ela marcou ricamente uma trajetória singular nas vias literária. Não poderia deixar de homenagear esta grandiosa escritora goiana, que é uma inspiração na minha caminhada ao longo das letras. Simples, cativante, mulher, goiana, apaixonada pelas letras e um ser que, monumentalmente, se eternizou na memória histórica de Goiás.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

DHIOGO JOSÉ CAETANO é natural de Uruana, interior de Goiás e graduado em História pela UEG - Universidade Estadual de Goiás.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Tem diversos trabalhos e artigos publicados na Web artigo, Recanto das Letras, Jornal o Povo, Jornal o Dia, Canto dos Escritores, Overmundo, Minha Praia é Cinema, Poetas Livres, Portal Literal, Revista Factus e Partes. Também faz parte do projeto da Nova Coletânea, Rocco, Abralíe, Publicações Iara, Encantos do Brasil II, da Mandio Editora, Novos Poetas, da Editora Videira, Prêmio Valdeck Almeida de Jesus, Editora Celeiro, Tecido Verbal, Editora Literacidade, Poesia Encanta, Canapé, Litteris, Palavras Sem Fronteiras.

Morada da minha infância

(Diana Camargo)

*Altiva e majestosa
Com suas paredes brancas
Plantada aos pés do serro
Sob o olhar da Virgem Santa.
Foste palco de uma história
Tantos sonhos e quimeras
Abrigaste tantas vidas
Entre tantas primaveras.
Sempre muito hospitaleira
Aos que ali se achegavam
Muitos causos, muitos risos
À sombra da tua figueira.
Lembrança das brincadeiras
Aos poucos vão se apagando
Pois ainda muito cedo
Deixei o teu aconchego.
Hoje apenas na lembrança
De cada um de teus filhos
Foi tombada pelo tempo
Morada da minha infância.
Mas tua imagem tão clara
Não se apaga da memória
Vai transcender pelo tempo
Faz parte da nossa história.*

DIANA CAMARGO é graduada em Pedagogia pela Universidade da Região da Campanha, Caçapava do Sul-RS; pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná. Membro efetivo da Associação Literária Sepeense, São Sepé-RS; Associação Internacional dos Poetas del Mundo; Academia Regional de Artes e Letras Condorcet Aranha, Restinga Seca-RS; e Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores, Balneário Camboriú-SC.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

CARTA À NOSSA SALVADOR E/OU AOS SOTEROPOLITANOS

(Diego Rodrigues Brandão)

Estamos aqui para lembrá-los que o ano que corre é de eleições, e é nesse sentido que apresento a vocês uma cartinha. Pensem e reflitam sobre tudo o que aqui relato.

E boa leitura!

Salvador, 29 de março de 2012

Queridos soteropolitanos

E / ou

Querida “nossa” Salvador,

*Mais um aninho de vida completamos, já são 463 anos de muita vitalidade, beleza, acolhimento a diversas etnias e de muita resistência. **Resistência**, esta é a palavra que muito lhe caracteriza. Tantos foram os problemas enfrentados, mas também conheceu vitórias e consagrações. Não é à toa que leva o título da primeira capital brasileira. Mas, não venho aqui me ater apenas ao nosso passado, não que ele seja menos importante, mas é hora de olhar para o nosso presente, ou, quem sabe, para um **passado/presente**.*

*Neste ano, **nosso** carnaval, como em todos os outros anos, se destacou mais uma vez como uma das festas mais populares brasileiras. Como novidade, tivemos neste ano os trios chamados “pipocas”, puxados por grandes nomes de nossa música baiana. Imaginamos assim: “Quanta bondade de nosso querido administrador, ou até mesmo de nossos ídolos!”. Como garoto interiorano que sou, percebi a felicidade nos olhos e nos pulos dos foliões atrás dos trios em todos os circuitos. Mas me pergunto: Será que essa bondade não tem nenhuma outra intenção? As cervejarias não levam nada com isso? Nossos governantes e ídolos são realmente pessoas boas de*

coração? *Essas perguntas palpitam em meu coração.*

Ah! É importante lembrar aqui que o ano que corre é o de eleições. E, ao falar de política e música, surge a questão: o que ambas têm em comum? Trata-se de esferas distantes, penso eu e tantos outros. Mas, considerando aquelas festas que ocorrem nos aniversários da cidade ou em eventos comemorativos, somos levados a perguntar: Quem paga aos nossos ídolos baianos? A prefeitura, é óbvio!

*- Ah! Agora percebo o quanto nossa política e nossos ídolos baianos são bons, eles se unem para a **NOSSA ALEGRIA!***

*Sempre que saio de casa, às 5 da manhã, me sinto tão seguro. Percebo o quanto sou protegido. Sim, isso mesmo! Sinto-me protegido, acreditem. Ah! Mas não deixei claro para vocês quem me protege, não é? Claro que é o nosso **DEUS**. Afinal, Ele sempre olha por nós e nos livra de todo mal. E os **homens de farda**, aqueles responsáveis pela nossa segurança, também pedem - e como pedem - proteção ao Senhor. No final das contas, Deus protege a todos.*

*E quanto ao nosso transporte? O que falar? Nada... Ele me leva e traz do trabalho, escola e lazer. Supre todas as **minhas e as suas** necessidades. Sim, eu sei que às vezes ficamos horas e horas parados no ponto, esperando aquela bendita linha, sem falar no desconforto, lotação e limpeza dos coletivos. Mas este assunto já é da alçada das empresas - será? Digamos que sim...*

*E o metrô? Sou orgulhoso por ter um dos mais caros da América, embora não funcione; sou orgulhoso por esse título, isso mostra que nossa capital tem realmente **muito dinheiro**. Tudo bem que já temos anos e anos nessa luta, e, quem sabe, outros longos anos até ele realmente funcionar, mas vamos torcer e orar por isso. Só fico com inveja, mas aquela das boas, das cidades que vão para frente. Tenho a certeza do funcionamento do nosso metrô, vocês verão! Será um dos "melhores", inclusive no preço.*

A educação está caminhando, isso não podemos negar. Muitas das escolas municipais estão e foram reformadas. E ainda dizem por aí que estão fazendo outras. Nossa educação vai de vento em popa, exceto pelos salários de nossos professores, mas ainda acho que eles reclamam de barriga cheia. Quase todos têm seu carrinho, sua casinha e sua família feliz. Eu sei, não precisam me crucificar, sei que isso vem a muito custo, trabalhar em três ou até cinco escolas, cursinhos, e ainda bicos, como aulas particulares em casa. Mas, como já dizia minha avó, "quem trabalha e estuda, Deus ajuda".

Agora, voltemos à nossa amada política. Este ano será de eleições, como já falei. Então, não pensem muito, o pensar faz doer a cabeça, e não quero ver ninguém com enxaqueca por aí, dizendo que a culpa é minha. Deixem como está, ou, se vocês quiserem arriscar, vamos tentar mudar. Juro que irei com a maioria, sou do tipo "Maria vai com

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

as outras”; se eu me estrear, vamos nos estrear juntos, assim a dor não será concentrada e sim dividida.

Ah! E como poderia esquecer? A Copa de 2014 vem aí, e com ela expectativas, sonhos e, quem sabe, um futuro melhor. Mas melhor para quem?

Pensem nisto!

“Vamos trabalhar em conjunto”, este é o lema.

Agradeço,

DIEGO RODRIGUES BRANDÃO é natural de Iramaia-BA. Formado em Letras - Português/Inglês pela União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), pós-graduando, na mesma instituição, em Leitura e Produção de Texto, e graduando em Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E professor de Língua Portuguesa na rede particular.

Quitandeira de Palavras

(Dilma Barrozo)

*Palavras são frutas
escolhidas a dedo, acariciadas
cheiradas, apalpadas, experimentadas
mastigadas, degustadas
lentamente misturadas
gosto a gosto com nosso gosto*

*arrumadas em prateleiras
às vezes empilhadas
outras emboladas
enroladas em papel de seda
puras ou contaminadas*

*cabe a mim, quitandeira de palavras
prová-las individualmente
antes que feita a mistura
se apresente pronta a salada*

*e entre tantas frutas
busco as mais polpudas
as que me são mais puras
nem sempre raras
nem sempre claras...*

DILMA BARROZO RIBEIRO LOPES vive em Campo Grande, bairro do Rio de Janeiro, onde nasceu. Divide seu tempo entre as atividades de aprender e ensinar: é poeta e professora; mãe e avó. Tem poemas publicados em várias antologias espalhadas por todo o nosso país.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Procura em Ti

(Dinis Alves Ricardo)

*Durmo coberto num saco,
Um sono tímido e fraco
Um sonho de gente estranha
Sorrisos de tépida manha
Que roncam labores, por si só
Ácaros que espirram no pó
Poeiras, correntes concisas,
Abrem as portas às brisas
Que moram e correm velozes
Esfriadas dos músculos, das nozes...
Caçam ciúmes,
Filiam rancores,
Mordiscam empenas
E os seus amores:
Que escavam sem fim
Bem dentro de mim
Calores, dissabores,
Humores, estupores
Poções de flores
Soluções de jardim
Enroscadas num caco
E cobertas num saco...
Opaco.*

Fiz-me teu suspeito

(Dinis Alves Ricardo)

*Argh! Tal tormenta!
Argh! Que me atenta!
Não me sinto em conforto
Com esse olhar preto menta
Que me lançaste em franco porto,
Fiz-me feito um suspeito
Que foge e se persuade
De uma força que o invade
E que é defeito.
Desfeito,
Escapa de uma orla submissa
Que enfeitiça
E roliça, fugaz
Atenta a tornar atrás
Formando-se em raz¹
E voando no rasgo de uma treliça
Que o faz capaz
De no amor ver
E sobreviver,
Em sua paz.*

DINIS ALVES RICARDO é natural de Encarnação, Mafra. Estuda Arquitetura na Faculdade de Arquitetura de Lisboa. Incentivado pelas Artes, é apaixonado pela Poesia. Participa em fóruns e concursos tentando incentivar e promover a poesia em Língua Portuguesa.

1 "raz de maré - onda provocada por um sismo que afeta a superfície do mar; tsunami."

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Sagrada mesmo é a missão de um homem

(Diogo Berni)

O Jardim das Folhas Sagradas, de Pola Ribeiro (2011 - Bahia), é um grande filme, que aborda temas como preconceitos raciais, intolerância religiosa e homofobia. Além disso, o diretor expande a sua instigante película na mobilidade urbana, que acontece atualmente na capital baiana e outras metrópoles. Porém, trataremos aqui da película como um todo e discutiremos esses vulgos problemas ou temas citados acima no decorrer da crítica. O filme se baseia na história de um negro - ou, para os que preferirem, afrodescendente - chamado Bonfim. Um bancário bissexual, casado com uma fervorosa evangélica que tem como obcecação a evangelização do marido. Enquanto a pressão em sua casa começa a se tornar insuportável, Bonfim embarca em um caso extraconjugal apaixonante com um colega de trabalho. As coisas começam a piorar quando acontece um trágico acidente automobilístico, onde ele era o próprio protagonista que dirigia o carro, vitimando o seu namorado durante uma viagem que faziam juntos.

O acidente se deu pelo fato de o motorista “passar” a ter visões de uma negra toda pintada andando nua pela estrada. E este foi pior momento da vida de Bonfim: perder seu grande amor nos braços, sem nada poder fazer, com sangue para tudo que é lado, e, ao mesmo tempo, perceber que aquela visão não fora uma simples alucinação, mas um chamado, ou, para ser mais específico, um ultimato que os Orixás estavam lhe dando para cumprir sua missão de ser Pai de Santo. Depois de finalmente compreender a tal “mensagem”, Bonfim acorda e coloca a “mão na massa”, a fim de inaugurar um terreiro de candomblé. Quando escrevo “inaugurar”, leia-se “comprar um lugar para tal finalidade”. Desta forma, então, adentramos um dos grandes problemas, dentre os mencionados no início desta crítica, embora não seja o principal, que será abordado mais adiante. Falo aqui da própria religião do candomblé. Este primeiro imbróglio a destacar é nada mais nada menos que a especulação imobiliária, onde, na trama da película, se apresenta com uma série de falsos

vendedores de terrenos e muita procura por estes, ocasionando assim um exorbitante nível de oferta e, conseqüentemente, uma alavancagem nos preços dos terrenos maior do que as montanhas de Maomé em tempos bíblicos, fenômeno não muito diferente dos da nossa realidade.

Acredito que foi a intenção do diretor, a partir dessa questão em especial, analisar os problemas sociais e econômicos expostos no filme, transpondo-os para os dias de hoje, para tentar entendê-los. Voltando ao enredo da película, apesar de todo perrengue para comprar um local onde pudesse fazer seu terreiro, Bonfim, depois de realizar muitas pesquisas e ainda assim ser enganado, consegue construir a sua “Igreja Afro”, o que, de certo modo, o faz se sentir mais aliviado. Sua vida agora faz sentido, afinal, está cumprindo a missão de ajudar os outros, com o dom que os orixás lhe atribuíram e que ele teimosamente, durante décadas, insistiu em ignorar, trabalhando em um banco, onde era discriminado pela cor da pele e que realmente nada tinha a ver com a sua pessoa. A película é envolvente do início ao fim, em seu ritmo e nos temas abordados. Temas estes que, ainda nos dias de hoje, por incrível que pareça, são considerados tabus, tais como a questão do preconceito religioso e da opção sexual. A questão da mobilidade urbana e do transporte público foi debatida inteligentemente pelo diretor, dentro de uma Salvador moderna e, conseqüentemente, com a presença desses fatores fortalecendo a autoestima da população como acesso a uma maior renda per capita, à educação para os indivíduos com menor renda, a um transporte digno para bairros de periferias, mais longínquos dos centros econômicos e comerciais da cidade, a um sistema de segurança pública mais efetivo para a população de todas as classes sociais e à cultura e arte ampliadas.

Para finalizar esta crítica, sinto-me na responsabilidade de ressaltar o presente que esse filme deu à cultura afro-brasileira e, por conseqüência, à cidade de Salvador, que é o local onde se tem mais negros fora do continente africano. Que, a partir dessa tão bem feita película, a raça negra passe a valorizar ainda mais as suas tradições religiosas e culturais, e que, quando algum funcionário do IBGE perguntar sobre a cor de uma pessoa negra, esta possa falar com orgulho que é negra, e não parda ou mestiça, de modo a assumir orgulhosamente a sua cor, conscientes de uma ancestralidade e cultura riquíssimas. E, a partir dessa consciência, entender que o fato ser negro ou afro-brasileiro é uma dádiva, conseguindo assim a merecida ascensão social e o reconhecimento profissional - o que acontece apenas para uma minoria ainda -, podendo ter moradias dignas e contando com uma boa educação destinada a seus filhos, para transformá-los em futuros profissionais competentes, com salários

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

iguais ou maiores do que os dos brancos. Afinal, se somos todos iguais, os direitos têm de ser também. A carência que o cinema brasileiro tinha para produzir filmes que abordava a cultura afro-brasileira foi sábia e sagazmente preenchida com O Jardim das Folhas Sagradas. Concluo esta análise ressaltando um fato histórico: a coincidência do filme comentado com Barravento, o primeiro longa-metragem da Bahia, mais precisamente rodado na praia de Buraquinho e dirigido por Glauber Rocha, o criador do Cinema Novo, na década de 1950, que, por força do destino ou vontade própria, levantava a bandeira do candomblé e das raízes afro-brasileiras. Presságios de que novos tempos estão em ebulição no cinema baiano e brasileiro.

DIOGO BARRETO BERNI é natural de Salvador-BA. Formado em Administração de Empresas, poeta e jornalista, escreve semanalmente no site *Bahia Já* sobre cinema. Tem um blog onde escreve poesias, contos e notícias, que vão desde economia e política até atualidades. www.escrevendoespanando.blogspot.com.br

Casa simples

(Domingos Alberto Richieri Nuvolari)

A porta de entrada da casa simples estava encostada na parede e totalmente aberta, sem qualquer preocupação. Porta impregnada pela ação do tempo, avermelhada era pela terra, que encarde até o pensamento; trinco caído, que só servia para empurrá-la ou puxá-la. Chave? Nem pensar!

O sofá era magro, de pé fino e alto, forrado de “napa” azul, de um tom que hoje já não existe mais. Na estante, a televisão mostrava o programa local, com a imagem distorcida pela antena quase caída no telhado baixo.

O chão de cimento, vermelho de terra ou de “vermelhão” - era difícil definir. A mesa, cercada por cadeiras de pernas finas e fórmica azul, estava coberta por uma toalha encardida, mas bem engomada. Debaixo de um vaso suspenso, com um ramo de flor vermelha, destacava-se ao fundo o fogão de lenha, aceso em brasa.

A foto na parede retratava os donos casa, ou o pai e a mãe. A imagem desenhava o rosto dos dois, onde a cor da pele era a mesma do fundo ou da parede. Ao lado, uma foto mais elaborada, em preto e branco, com um casal de noivos, feita no estúdio. Ela de vestido branco, cauda longa, abraçada ao homem de paletó escuro.

A cama, de madeira simples, tinha coberta humilde e um colchão afundado ao meio, retratando quantas e quantas noites ele sustentou um sono pesado.

O calor ajudava a compor o ambiente seco, que tentava se deixava arejar pelo o giro do ventilador de teto, o qual mais balançava do que ventilava. A lâmpada era acesa por um pino na ponta de um fio pendurado, que corria toda a parede.

O cachorro, magro e negro, de pernas altas, tinha um olhar de fome e descansava no canto da porta, entre a cozinha e a sala. Com os olhos semiabertos, parecia atento, não à casa, mas à possibilidade de lhe trazerem uma refeição.

O quintal surrado pela lama seca, com mato crescendo, mas pisoteado pelos moradores que ali habitavam, apresentava ao fundo uma pequena horta, para subsistência da família. De um lado, o poço e seu sarilho, como se brotasse do chão; do outro, o banheiro simples, com porta de encosto e coberto por telha fina, cheia de furos, por onde o sol vazava e enchia de luz aquele solitário sanitário, num canto escondido.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Na saída lateral da casa, um corredor estreito, e mais mato, mais terra e torrões secos, que iam até sua entrada, onde havia três degraus de cimento vermelho, com os cantos desbocados, que levavam à porta principal, o início.

DOMINGOS ALBERTO RICHIERI NUVOLARI é brasileiro, formado em Física e Eletrônica. É também Cientista Social e violinista. Escritor desde os 16 anos de idade, com participação em diversos concursos literários. Possui publicações em várias Antologias. Trabalha atualmente no projeto de seu próprio livro, sendo que sua linha de atuação é a poesia, o conto e a crônica.

Vida dura

(ÉberSander)

Usam-me para conter toda essa gente. Não entendo muito bem o que querem. Sei apenas que disparam contra mim pedras e rojões. Tento fugir, mas alguém bate na minha barriga com muita força. Em minha boca usam cordas que machucam demais. Nunca me perguntaram se eu gostaria de estar aqui. Nunca me perguntaram se os constantes chutes não estão doendo. Nunca me perguntaram nada. Montado em mim, um sujeito todo de preto, capacete, colete e um cassetete, que ora acerta o estudante, ora me acerta. Dói em mim e deve doer no estudante também. Assim eu imagino.

Como disse, não sei a razão de toda essa bagunça. Sei que há centenas de jovens estudantes e há também centenas de outros colegas meus. E, montados sobre esses colegas, há outros sujeitos de preto, capacete, colete e cassetete.

De um tempo para cá, esses confrontos vem se repetindo quase que diariamente. Faz tempo que não tenho uma folga. Vida dura.

Um dia estouraram um rojão próximo a mim, meus ouvidos sofreram absurdamente, mas ainda consigo ouvir alguns ruídos:

- Abaixo a ditadura! O povo/unido/ jamais será vencido! Abaixo a repressão! Abaixo a repressão!

Do lado de cá, ouço algumas palavras:

- Vamos! Pra cima deles! Não vamos dar moleza para esses comunas! E, no meio desse alvoroço todo, cá estou eu. E nem tenho nada a ver com isso. Nem sei o que quer dizer “comuna”. Não sei o que quer dizer “repressão”. Muito menos o que é “ditadura”.

Mais rojões, mais pedras, mais palavras de ordem. Mais chutes na barriga, mais dor.

Vida de cavalo em ditadura militar não é fácil. Sou um cavalo; mas a minha vida é de gado.

ÉBERSANDER é escritor, autor dos livros “Perguntas Indiscretas” (2009) e “Eu morri faz tempo” (2011).

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Eu te procurei

(Editt S. de Jesus)

*Eu te procurei por todos os lugares
Em todos os olhares
Num sorriso eu busquei a alegria para viver.*

*Eu te procurei na multidão apressada
E quanto mais eu andava
Mais sozinha eu me encontrava*

*Eu te procurei no brilho das estrelas
No clarão da lua cheia
Que iluminava o céu azul e me embriagava!*

*Eu te procurei na escuridão da noite
E nas madrugadas frias
Quando perdi o sono, e em sonhos me perdia*

*Eu te procurei na nostalgia de um lindo pôr de sol
No espelho das águas do rio
E também no amanhecer, quando me senti muito só*

*Eu te procurei coma esperança e convicção
De que te encontraria para te amar
Eu te esperei no meu coração, e te achei além-mar!*

*Hoje eu te procuro na tela do computador
Eu te espero todos os dias:
Para que me tragas todo o teu amor!*

Eu te procurei!

O que é poesia?

(Editt S. de Jesus)

*Poesia é ver...
Numa linda manhã de sol
A grande maravilha de viver
Poesia é sentir
O vento bater no rosto
É ter o prazer
De sentir a agradável brisa
A nos refrescar a pele!
Poesia é ouvir
O canto dos pássaros
E se maravilhar...
A melodia encanta a alma!
Poesia é ter a alegria
De fazer versos
É jogar com as palavras
Escrever e escrever!
Poesia é sonho...
Delírio é emoção, é amor!
Poesia é tudo:
É o ar, é água, é alimento,
É o pão, é o sustento, alento...
É a grande magia!
É a arte de viver
Fazendo poesia!
Poeta e poesia
Vivem sempre juntos. Juntinhos!*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Minha pátria querida!

(Editt S. de Jesus)

*Minha pátria querida
Um país continental
Com tantas etnias e culturas
No mundo não há outra igual!*

*Tantas belezas tem esta terra
E riquezas em profusão
Muito petróleo, jazidas de ouro
Minério de ferro e de carvão!*

*Temos aço até para exportar
Pedras preciosas, diamantes
Tem rios e oceanos e aquíferos
E uma agricultura relevante!*


*Podemos ser o celeiro do mundo
Pois em nossa terra tudo dá
Tem sol e água o ano inteiro
E tecnologia para plantar!*

*É o pulmão do mundo
A Amazônia com suas florestas
O rio Amazonas, imensidão de águas
Não há pátria como esta!*

*Aqui tem tantas metrópoles
São Paulo e Rio de Janeiro
A princesa do mar, Florianópolis
Brasília, a capital dos brasileiros!*

*Minha pátria querida
Sob este lindo céu, cor de anil
Que vai do Oiapoque ao Chui
Minha pátria, és tu meu Brasil!*

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012



EDITT SCHIMANOSKI DE JESUS é natural de Redentoura-RS. Poetisa, escreve para o jornal regional *Integração de Restinga Seca*. Faz parte da Academia Regional de Artes e Letras, Condorcet Aranha, cadeira 26, de Restinga Seca-RS e da Academia Virtual Sala dos Poetas Escritores (AVSPE). Fez Rádio Escola em Faxinal, onde declamou poemas. É funcionária da Escola Estadual Dom Antonio Reis.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Haruki Murakami: o escritor-corredor

(Edweine Loureiro)

O leitor brasileiro deve estar familiarizado com a obra de Haruki Murakami (Kyoto, 1949), principalmente através de seus romances Dança, Dança, Dança e Norwegian Wood – este adaptado recentemente para o cinema. Além de ser um dos mais conhecidos tradutores das obras de Raymond Carver e F. Scott Fitzgerald para o japonês, o nome de Murakami tem constado, nos últimos anos, da lista dos possíveis ganhadores do Nobel de Literatura. Vencedor de outros prestigiados prêmios, como o Kafka e o Jerusalém Prize, o autor reside, desde os anos oitenta, nos Estados Unidos, e é hoje um dos maiores nomes da literatura mundial. O que poucos sabem é da fixação de Murakami pelos exercícios físicos e pelas corridas, tendo participado de três maratonas em Nova Iorque, e até mesmo corrido sozinho da cidade de Atenas até Marathon – percurso inverso àquele que originou a maratona olímpica. Curiosidades como essas foram reveladas pelo autor em seu livro Do que eu falo quando eu falo de corrida (no original, HashiruKotoNiTsuiteKataruTokiniBoku No KataruKoto), publicado em 2007. Interessante, neste conjunto de ensaios de Murakami, é o paralelo que ele faz entre a atividade de escritor e as corridas diárias que, segundo ele, mantêm-nos na estrada e na atividade literária. Por exemplo, o fato de que, assim como nas corridas, seu principal objetivo como escritor não consiste tão somente em vencer; mas, principalmente, verificar, a cada dia, o quanto progrediu. E, nesse sentido, gosto muito de uma das passagens em que o autor, referindo-se à atividade de romancista, diz: “O que é crucial é se o que você escreve tem atingido os padrões que você fixou para si mesmo”. Ou seja: a vitória maior não é chegar na frente de outros, mas se hoje houve um progresso em relação ao ontem. Não que eu concorde inteiramente com Murakami, afirmando que, em hipótese alguma, a competição com outros não seja importante; mesmo porque acredito que tais competições também acabam por tornar-se um estímulo para vencermos as barreiras pessoais. Mas o desejo de vencer os próprios limites ainda deve ser, sim, a principal motivação de todos os que buscam um objetivo. Sendo assim, amigos leitores: em frente! Sigamos correndo...

Zélia, uma paixão”

(Edweine Loureiro)

A vida me deu mais do que pedi e mereci.
Tenho Zélia e isto me basta.

(Jorge Amado)

Envergonhada, ela estendeu-me a mão.

Muito prazer. Meu nome é Zélia...

Correspondi, cumprimentando-a:

O prazer é todo meu, senhorita. Chamo-me...

Mas ela, com um ligeiro sorriso, interrompeu-me:

Jorge Amado: político engajado e um dos maiores escritores do Brasil. Claro que o conheço, senhor deputado, adoro cada um de seus livros.

Confesso que, dessa vez, fui em quem enrubesceu com os elogios. De tal forma que, faltando-me as palavras certas, limitei-me a sorrir e dizer:

Gentileza sua. Muito obrigado.

E, por um breve instante, permanecemos calados, naquele tipo de silêncio que sucede às ocasiões especiais. Até que recomecei a conversa, tentando romper a quietude constrangedora:

Está gostando do Congresso?

Sim. Belas palestras, temas atuais. Estou gostando, sim.

Mas eu sabia que, na verdade, estávamos ambos entediados com tudo aquilo. Afinal, que emoção poderia haver numa sucessão de escritores irritados falando sobre tudo – política, filosofia... –, menos sobre literatura? Apesar disso, tentei prolongar o tema, num desejo secreto de conhecer melhor aquela jovem a quem acabava de encontrar e que, inexplicavelmente, fazia meu coração palpitar. E comentei:

Pois eu vou confessar para você, Zélia: desconfio dos congressos...

E ela, por sua vez, retribuindo a brincadeira:

O senhor deputado também é anarquista?

Graças a Deus! – respondi.

Rimos os dois. E, em seguida, bem mais relaxado, convidei-a para um café.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Mãe África

(*Edweine Loureiro*)

*Ó Mãe Eterna,
livra teus filhos
da Fome
e das Guerras...*

*Estende também
as tuas mãos,
e resgata-os
de toda Opressão...*

*E, se podes mais,
faz rituais
em nome da Paz...*

*Pois sei,
Ó Mãe querida,
Quão mal te sentes,
Vendo sangrar as feridas
Que matam a tua gente.*

Premio Literario Valdeck Almeida de Jesus – 2012

Poemeto a Castro Alves

(*Edweine Loureiro*)

*Voa, Condoreiro!
E leva-me:*

*Nas asas
da Poesia.*

*Pelos caminhos
da Mãe África.*

*Ao som
de tambores
esquecidos.*

*Rumo à Liberdade
que tarda em raiar
abaixo do Equador...*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Memórias póstumas de Quincas Borba

(Edweine Loureiro)

A Ele, claro: o Bruxo do Cosme Velho.

*Naquela manhã,
o cachorro pareceu-lhe
insistente, impertinente...
Um inconveniente!*

*E, Rubião, indiferente
(ou com Sofia em mente),
afastou o animal,
pagando-lhe a fé
com um cruel pontapé...*

*Foi quando, ressentido,
ladrou o cão ao amigo,
que parou, assustado,
como se ouvisse ao finado:
“Ai, Rubião...
por que essa ingratidão?”*

A confissão de Gregório de Matos ao Padre Antônio Vieira

(Edweine Loureiro)

Padre, pequei...

Abre teu coração, meu filho.

...mas não me arrependo.

Se não te arrependes, por que vieste a mim, meu filho?

Por causa desse meu espírito gongórico...

Não entendo...

Nem eu me entendo: sou a contradição em pessoa, padre.

A fé não permite contradições, filho.

Então o senhor jamais se contradisse, padre?

Prefiro fazer da lógica a base de meu argumento, principalmente em meus sermões, justamente para não cair em contradições.

Dessa vez, sou eu quem não entende, padre...

O quê?

Se o senhor jamais se contradisse, por que pregou a favor da liberdade dos índios e silenciou a respeito da escravidão dos negros?

Por certo, ignoras meus sermões do Rosário...

Ao contrário: sei dos sermões aos quais o senhor se refere, padre. O senhor fala brilhantemente sobre o sofrimento dos negros, comparando-os ao próprio Cristo crucificado, mas, ao mesmo tempo, não me recordo de passagem alguma em que o senhor pediu aos brancos para libertá-los...

Os caminhos do Senhor são misteriosos, filho. Agora, fala-me do teu pecado.

Para quê, padre, se somos todos uns pecadores sem salvação?

Somos?

Sim, somos. O senhor, eu... a cidade da Bahia!

E por que a Bahia?

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Ora, padre, o senhor ainda pergunta? O que esperar de uma cidade onde falta Verdade, Honra e Vergonha? Até para os padres... E, levantando-se, Gregório de Matos retirou-se do confessionário, deixando para trás um atônito Padre Vieira.

EDWEINE LOUREIRO é advogado, professor de idiomas e reside no Japão desde 2001. Autor premiado em diversos concursos literários no Brasil, foi um dos autores selecionados nos VII e VIII Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus. É autor dos livros “Clandestinos” (2011), e “Em Curto Espaço” (2012).

08 DE MARÇO!

A Mulher como Centro de Universalização Poética

(Emanoel Ferreira da Silva)

A mulher como centro de universalização poética é aquela que tem nome e também sobrenome; é a que tem deveres e também tem direitos; é a que chora e a que ri; é a que é mãe e, muitas vezes, também pai; é a filha, é a irmã, é a tia, é a avó...

Meninas!... Moças!... Senhoras!

Aurinas - Hildemiras - Polianes - Marias Cândidas - Áreas Luíças - Anas Cecílias - Marias Luíças, Lucílias... Mães, sogras, esposas, filhas, irmãs, tias... Todas as mulheres, sem distinção de cor, credo e tribo. Solteiras!... Concubinas!... Casadas!... Essencialmente emancipadas!

A mulher professora, a mulher doméstica, a mulher motorista, a mulher atleta, a mulher empresária, a mulher presidenta, a mulher proprietária... Independentemente, a profissional mulher...

A mulher em beleza, elegância e sensualidade!

A mulher que elege, a mulher eleita, a mulher escritora, a mulher pintora, a mulher que canta e que encanta... A mulher da arte... A mulher obra de arte...

A mulher em casa, na rua ou no trabalho... Em essência mulher... Unicamente mulher!

A mulher amada... Amante... Apaixonada...

A mulher urbana, a mulher rural...

A mulher singular, a mulher plural...

A mulher alimento, mas também canibal...

A mulher intrinsecamente maniqueísta!

A mulher feminina, a mulher feminista...

A mulher de uniforme, de saia, de vestido, de calça, de short e camiseta, calcinha e sutiã, de biquíni... A mulher em pele... A mulher em alma...

A mulher em formas aos olhos de quem se tem a admirá-la...

Magra... Gorda...

Negra... Branca...

Baixa... Alta... Em essência mulher... Organicamente mulher!

Poeticamente MULHER!

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Caatinga

[Conjuntura Ambiental]
(Emanoel Ferreira da Silva)

! A Mata Branca...

À sombra da mais rubra flor amarela em brilho
Emana-se em vida ao proferir da época
Quando conseqüente for do tempo estar
Revelando-se em essência o colorir em traço
À bruta pedra a se brotar em seiva
Implodindo em cores a ascender ao tom
Porquanto se quiseras verde estiveras cinza
De quando se fizeras cinza estiveras verde
Entoadada na macambira, no umbuzeiro, no mulungu,
Na umburana, na faveleira, na flor do mandacaru,
Na carreira ligeira da cobra corredeira, do tatu, do teiú,
Do calango, do preá, no vou rasante do carcará,
Do bem-te-vi,
Quem bem se quis te ver por lá.
Emoldurando-se num cenário de superação
Força, vivacidade e beleza.

A Arte como Legitimadora de Humanização Frente à Conflituosidade Social Vivente

(Emanoel Ferreira da Silva)

Desde o início dos tempos, a “conflituosidade” já incidia nas relações de convivência entre os seres, quando os bíblicos Caim e Abel protagonizaram o primeiro e talvez o mais famoso episódio de “conflito” da história da humanidade, onde Caim, por ciúmes, tirou a vida do seu irmão Abel. Com a compleição da raça humana, o conflito entre os seres instituiu-se como fator preponderante para existência em sociedade, moldando o sujeito pensante e pensado dessa sociedade em um objeto de composição social fixado a ideais de “sobrevivência”, onde, se dar bem, no mundo material, parte do princípio de “comer o outro para não ser comido”, ou seja, foder com o outro para não ser fodido, conflitando constantemente com o seu semelhante, na busca incessante de uma vida mais “digna” ou mais desfrutável em si e por si.

Os motivos são inúmeros, os porquês eternamente interrogativos, as razões sempre racionais para que a conflituosidade social em tempo e espaço se tenha em conflito por algo ou por que, ou por alguém, ou por quem, com quem, ou somente pelo próprio por si.

Na pujança da imponência de seres sobre seres, de nações sobre nações, homens e mulheres em contravenção ao respeito, aos princípios, aos valores e às culturas tribais, que dignificam as diferentes origens dos povos em pátria e suas particularidades e pluralidades existenciais, são conduzidos por suas conveniências de vida, comendo e sendo comidos, na busca da salvação na existência, colocando-se

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

além dos limites dos seus poderes de poder, enquanto poder de invasão, de violação, de exploração sobre o outro.

À retina obscura do terror, inoperantes guerras de sexos e raças instituem-se na cobiça em batalha pelas conveniências, gerindo uma horrenda conflituosidade social, onde o sujeito “social” sucumbe ao relegar valores e princípios morais imanentes do ambiente familiar, da escola e do ambiente religioso, enquanto complemento potencializado no senso comum de convivência em sociedade.

Paralelo a essa concepção de mundo em “sociedade” está o alento da ARTE, fincado como diferencial nas relações entre os homens e as mulheres, em uma consoante afirmativa de humanização humana, universalizada nas suas múltiplas linguagens por um só idioma de expressão humana; pelos vários povos e suas variantes culturais, exteriorizadas pelos vários lugares e seus diversos tempos; em diversas formas e sentidos, cores, cheiros, sabores e sons, comunicando-se entre si, deliberando-se e sendo deliberada nos sentimentos humanos, canalizando-se num só gesto entre irmãos e irmanados, diferentes, contudo iguais, individuais, todavia coletivos, constituindo o limite do intangível do tangível do ilimitado na transversalidade da subjetividade, por meio do fazer artístico, conforme “a vontade de Deus”, rompendo com a verticalização das posturas, transgredindo a lógica dos sentidos, aniquilando as diferenças, transcendendo a paz em libertação numa plurilateralidade horizontal de humanização “humana” da humanidade. Erradicando paradigmas prescritos pelo regime explicitamente impassível e consumista do capitalismo escravagista a reger a nova ordem mundial.

“A arte em benevolência do ser, ao espírito na escuridão do corpo”... Eu !

“Quanto Vale ou é Por Quilo?”

(Emanoel Ferreira da Silva)

Após assistir ao magnificante e intrigante filme nacional “Quanto Vale ou é Por Quilo?” De Sérgio Bianchi, deparei-me com um desalentador sentimento de descrença e desesperança nas intenções “humanas” de solidarização e de filantropia mediante a exploração do ser sobre o ser.

O filme, numa inter-relação com os tempos atuais e o tempo da escravatura, tem como ênfase retratar práticas assistencialistas e de exploração humana, geridas por indivíduos sobre indivíduos, como também de indivíduos no uso de instituições de “caridade” não governamentais (ONGs) e outras entidades assistencialistas afins, configurando-se na promoção de superfaturamentos, desvios e lavagem de dinheiro, extenuados plasticamente no pagamento de aluguel, manutenção de propriedades, taxas municipais, estaduais e federais, montagem de escritórios, pagamentos de salários de pessoal, viagens de avião, de computadores, de diárias de hotéis, de contas de restaurantes, de táxis, de mídia e agências de publicidade. E, como principal tática de captação de recursos, explora-se o desespero, a miserabilidade, a ignorância, o analfabetismo, a deficiência física e mental, as questões ambientais, étnicas, religiosas, de gênero, etc., ludibriando e roubando a inconsciência daqueles que são desprestigiados pelo estado nas suas necessidades básicas, de aceitação, de compromisso e de obrigação, e assim desta forma, os responsáveis por essas entidades acumulam exorbitantes valores monetários em contas particulares, expandindo seus patrimônios, ratificando assim o quanto é um bom negócio trabalhar com os desassistidos sociais, a ser representado com fidelidade na frase do autor: “mais valem pobres na mão do que pobres roubando”.

Senti-me estarecido e ambíguo após assistir ao filme. Penso agora sobre a relatividade sobre as manifestações humanas de altruísmo solidário e filantrópico, pois fui assim conduzido ao despautério da dúvida, dúvida esta compreendida na bíblica frase do “fazer o bem sem olhar a quem” (e quem será esse tal de “Quem”?), interagindo

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

com outra épica frase de origem popular: “Quem faz o bem recebe o bem”. Aí eu pergunto... Ao bem de quem? Dúvida esta já insuflada na lendária frase de Shakespeare: “Ser ou não ser, eis a questão!”. Pois diante desta cruel e contraditória realidade, cheguei a cética observação de que ninguém faz nada de graça. Seria então calúnia afirmar que quando alguém faz uma boa ação tem por finalidade e necessidade espiritual somar pontos na busca da tão cobiçada salvação? E, em outros casos de uma acentuada boa ação, se pode observar que depois se configurará uma “contrapartida” pautada em valores de favores? E então, o que fazemos é por convicção ou por conveniência? Seria esta tal observação egoísta? Ou seria esta forma de compreensão maniqueísta?

Dia a dia, várias entidades de cunho “filantrópico” surgem em belíssimos prédios, em sofisticados escritórios, em casas, em quartos, em barracos, em qualquer esquina do mundo - pobre - a todo o momento, arrecadando não somente mais dinheiro, mas também alimentos, roupas, móveis, utensílios, imóveis e tudo que lhes der lucro e conforto.

Todavia, não estou aqui somente com o intento de desabonar o papel das ONGs ou qualquer entidade que se proponha à filantropia, pois ‘ainda’ acredito que existam muitas representatividades não governamentais pautadas na legalidade e nos seus reais fins beneficentes. E por isso digo-lhes que esse texto tem por finalidade não induzir ninguém à descrença no bem, porém, mediante as consignações, refletir sobre a frase: “O bem ao bem de quem?”.

Precisamos nos abolir das conveniências impostas pelo egoísmo.

EMANOEL FERREIRA DA SILVA - ‘Manollo Ferreira’ - tem textos poéticos e não poéticos publicados em jornais regionais, revistas, sites, blogs, e é natural de Juazeiro-BA. Pedagogo, professor, poeta e escritor. Foi laureado em festivais de poesia e música. Tem um livro no prelo, a ser publicado em 2013.

Olimpíadas: vergonha e indignação

(Emanoela Nardes)

É muito desagradável ver na televisão as tantas cidades brasileiras onde as crianças precisam percorrer distâncias enormes para estudar em uma sala de aula improvisada, sem carteiras, sem livros adequados, às vezes sem sequer um teto...

Em um mundo competitivo, onde os que estudam em escolas normais públicas já estão em enorme desvantagem em relação aos alunos de escolas particulares, o que dizer destes pequenos sem a mínima estrutura?

Vejo com grande indignação a situação da maioria das cidades do nosso país, onde uma pessoa fica horas ou dias na fila de espera para ser atendido em prontos-socorros, meses para serem operadas, quando a cirurgia é de urgência, meses e até anos para realizar exames dos quais depende o diagnóstico de doenças graves onde o tempo é vida. Revolta-me a incapacidade do sistema para selecionar pessoas a quem possamos confiar nossa defesa e a justiça neste país, pessoas que tenham salário justo e caráter o suficiente para nos proteger e combater as injustiças, que não se vendam ao tráfico de drogas, que realmente nos ajudem a combater o mal que ronda nossas casas e não nos façam ter mais motivos para temer do que para confiar na polícia e no sistema judiciário.

Estamos todos de olhos colados no show das Olimpíadas, festa linda de se ver, sem dúvida, mas patética quando sabemos que, com o dinheiro investido neste luxo, nesta trivialidade, poderíamos salvar vidas humanas e também torná-las mais dignas.

É mais fácil pensar que é destino ou carma dessas pessoas que sofrem nas ruas, que trabalham honestamente uma vida inteira e sofrem sem conseguir mudar de vida, já que lhes faltou uma educação de qualidade para competir no mercado de hoje, é mais fácil pensar que fizeram algo terrível em outras vidas essas crianças que passam fome, que são abusadas sexual e moralmente desde bebês, é mais fácil pensar que são vagabundos esses que não conseguem ganhar o suficiente para ter um plano de saúde...

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

É mais fácil comemorar a vinda das Olimpíadas, acompanhar todo o dinheiro gasto na decoração e estrutura dos locais, em contraste com a pobreza que as câmeras não vão filmar, é mais fácil comemorar a quantidade de pessoas que virão nos visitar, sua cultura e língua diferentes, enquanto muitos não sabem sequer ler e escrever o português e mal sabem sobre a sua própria cultura.

Não cabe a mim julgar a importância desses eventos, todos sabemos o quanto os esportes têm influência positiva na vida dos jovens, principalmente na daqueles mais humildes, mas gosto de assistir a esses espetáculos quando eles ocorrem em países para os quais a gigantesca quantidade de recursos investidos não fazem falta e não são vitais para o bem-estar de uma população como seriam no Brasil.

Só mesmo quem trabalha com a educação em escolas públicas, que vê as diferenças gritantes entre estas e as particulares, e que sabe quão determinante é a educação na vida de uma pessoa, pode sentir essa indignação que estou sentindo.

Sei que muitas pessoas sentem, de vez em quando, uma vontade de chorar quando presenciam a indignidade que é rotina na vida de alguns dos seus irmãos. É nessas pessoas que eu invisto estas palavras. Assim como Hitler, com suas ideias equivocadas, pôde transformar para sempre o mundo como conhecemos, também nós podemos, com ideias e aplicação delas, começar a construir um mundo diferente para aqueles que nele viverão no futuro.

EMANOELA NARDES, bióloga, mestre em Sistemas Costeiros e Oceânicos pela UFPR, escreve poesias, contos e crônicas desde a infância.

Blues da depressão

(Érico Brena)

*Não tenha vergonha de sua lágrima
A tristeza existe por algum motivo
Não se pode viver dela, muito menos sem ela
Não queria mais chorar
Mas é o único jeito, é a melhor saída
Nem que seja sozinho em meu quarto
O mundo não precisa saber da minha desgraça
Vivo rindo às gargalhadas vazias
São as verdadeiras “lágrimas de um palhaço”
Não faço questão de plateia, nem de simpatia
Quando passar tudo, juro, eu volto a te fazer sorrir
Enquanto isso... Deixa a música rolar
Meu blues da depressão
Regado a amargura, rancor e solidão*

ÉRICO BRENA é escritor entusiasta, nascido em São José do Rio Preto-SP. Com 22 anos de idade, possui uma obra lançada, “Devaneios”, e é autor do blog www.vidaemtexto.wordpress.com. Não possui formação superior e é conhecido como “o eterno apaixonado”.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O chapéu

(Ernani Maller)

Certo dia, percebi, sobre a mesa da sala, um chapéu. Não me lembrando de quem poderia ser, resolvi guardá-lo em cima da estante. No dia seguinte, estava novamente o chapéu em cima da mesa. Achei estranho, porém, não pensei mais no caso.

Meses depois, me mudei de Petrópolis para Armação dos Búzios, ambas as cidades no estado do Rio de Janeiro. Uma bela manhã, ao levantar-me, deparei-me com o chapéu no espaldar de uma cadeira da sala de estar. Estranhei, pois havia alguns dias que ninguém me visitava. Deixei o chapéu na cadeira, e à noite o encontrei em cima da mesa, aí comecei a me preocupar e a pensar mais no caso. Na manhã seguinte, o chapéu estava no mesmo lugar, porém, à noite já havia desaparecido. Algum tempo depois, naquele mesmo ano, fui a Petrópolis visitar minha mãe. Nesta visita, pedi a ela uma foto minha aos dois anos de idade para incluir em um trabalho biográfico. Enquanto a procurávamos, íamos vendo várias outras fotos antigas e fazendo comentários, até que uma delas me chamou a atenção. Era uma foto de minha mãe ao lado de meu pai, que usava um chapéu idêntico ao que aparecia em minhas duas casas. Tive um arrepio. Não comentei nada, mas resolvi levá-la também.

De volta a Armação dos Búzios, mandei emoldurar aquela foto e a pendurei na parede. Retornei à minha rotina, e tudo transcorria normalmente até o dia em que, ao chegar em casa, vejo em cima do sofá, que ficava encostado na parede sob a foto, o chapéu. Peguei-o e o examinei, comparei com o chapéu que meu pai usava na foto, era incrível a semelhança, detalhes como fivela, costuras, dobras e pequenas manchas não deixavam dúvidas: era o mesmo chapéu. Três dias depois, ele desapareceu novamente e eu comecei a me perguntar o porquê dessas aparições e a observar sua frequência. Olhei então para o calendário: era 21 de março, dia do aniversário de meu pai. Esperei o próximo ano e, no dia 19 de março, lá estava o chapéu sobre o sofá, só desaparecendo no dia 21 de março. Passei a me lembrar do aniversário de meu pai, talvez fosse este o intuito do chapéu: lembrar-me dessa data.

Já se vão mais de dez anos desde a primeira aparição, não posso dizer que acho uma coisa normal, mas sempre espero, a cada 19 de março, pelo seu aparecimento. E, cada ano, ele parece mais velho,

Premio Literario Valdeck Almeida de Jesus – 2012

mais desbotado, com novas manchas, já não tem a antiga fivela, mas é o mesmo chapéu, o chapéu do meu pai.

ERNANI MALLER, nascido em Petrópolis, cursou formação de professores, violão e harmonia musical. Graduou-se em Licenciatura e História pela Universidade Veiga de Almeida, pós-graduado pela FERLAGOS. Leciona no ensino médio e fundamental em Búzios-RJ. É *luthier* e músico, tendo realizado 180 shows de música brasileira no Japão. Publicou obras nas Antologias: Contos fantásticos; Contos de Grandes Autores Brasileiros; Livro de Ouro do Conto Brasileiro; Panorama Literário Brasileiro.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Patrimônio da Humanidade: São Luís do Maranhão, a Atenas Brasileira

(Eulália Cristina Costa e Costa)

*No cenário econômico e literário
Em plena Revolução Industrial
Distingue-se um local*

*São Luís do Maranhão
Com o seu formato acrópole
Semelhante à Atenas Grega*

*No cultivo das letras, tornou-se Atenas Brasileira.
E em 2012, Capital Americana da Cultura. Que beleza!*

*Monumentos históricos e azulejos lusitanos
Com artesanato e folclore o ano inteiro.
Bumba-meu-boi e Tambor de Crioula são seus representantes ver-
dadeiros.*

*Do Maranhão para o mundo
Com as bênçãos dos santos São José e São Marcos
Seu povo é seu maior legado.*

São Luís do Maranhão, berço cultural

Patrimônio da humanidade com muita humildade.

EULÁLIA CRISTINA COSTA E COSTA - Graduada em Enfer-
magem e Obstetrícia pela UEMA, pós-graduada em Saúde da Fa-
mília, Funcionária Pública Federal e Escritora. É pós-graduada em
Vigilância Sanitária - UEMA e associada à Abrasco. Possui alguns

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

artigos científicos publicados. Publicou “Uma viagem fascinante” (2009) e “Antítese do tempo” (2011); publicou poemas na coletânea “10 anos da Usina de Letras” e nos sites Recanto das Letras, CBJE, Protexto e Versos e acordes. Participou de vários concursos literários. Em 2012, lançou o e-book “Metamorfose Poética”.



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O amor de Cler

(Expedita Gomes de Araújo)

Cler era uma jovem de rara beleza, de uma família muito tradicional, da época vitoriana. Tímida e sem muitos amigos, ela passava a maior parte do tempo em seu quarto, na companhia de duas professoras que a educavam desde criança e com suas serviçais. Com o tempo, Cler foi crescendo e descobrindo o amor. A moça se apaixonou por um príncipe, de quem sua família não gostava muito, pelo fato de o rapaz ser órfão de pai e mãe. Ele morava apenas com o irmão mais velho e seus súditos. Para não magoar os pais, ela manteve este amor em segredo por muitos anos. Até que um dia a família resolveu lhe arrumar um marido. Cler não gostou muito do noivo arrumado por seus progenitores, e, para não ter que se casar com quem não amava, resolveu fugir em uma carruagem, levando apenas algumas vestes. Os pais de Cler procuraram, em vão, a filha por todo canto. Até que um dia um caçador encontrou um lenço que pertencia à moça no meio de um bosque muito longe dali. Os pais ordenaram a seus empregados que fossem procurá-la, mas nada encontraram. O tempo foi passando e os pais de Cler acabaram morrendo de tristeza, sem saberem o paradeiro de sua única filha, que vivera todo esse tempo escondida em uma cabana. Viajara por vários anos, até chegar em uma praia de Malibu. Se um dia alguém for a Ary Beach, chegue bem perto do mar e perguntar a ele se algum dia viu passar por ali uma linda mulher, de pele alva, alta, magra, cabelos vermelhos, olhos azuis, entristecidos e apaixonados, e com o coração dolorido, cheio de amor. Usava um lindo vestido longo, branco de seda pura, um par de brincos reluzentes e um belo e raro colar, feito de pequenas e lindas conchas azuis. Pergunte a ele quem era ela, para onde foi e qual o seu nome. E o mar então responderá que, em uma bela manhã, ao nascer do sol, apareceu, sim, por ali uma linda mulher, com todas essas características, cabelos vermelhos, olhar tristonho e parecendo muito apaixonada. Dizia que a vida deixara de existir para ela e que jamais se casaria com quem não amasse. E ele, o mar, ainda dirá mais, que ela chorava e falava com a voz meio rouca, que seu coração sempre pertencera a alguém que nunca soube do seu amor. Que o amado morava em um lindo castelo muito longe dali e que por ele se apaixonara há muitos anos em silêncio. Nunca tivera coragem para se aproximar e confessar-lhe o grande amor que sentia por ele.

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

Depois disso, ela se aproximou, entrou nas águas frias e desapareceu para sempre, com o coração apertado, cheio de amor e tristeza, deixando jogado na areia seu lindo colar de conchas azuis.

Dizem que as conchas encontradas na beira do mar dessa praia são as mesmas do colar da linda Cler, e que as águas que vêm e voltam molhando a areia contêm as lágrimas de Cler, a brotar pelo seu único e inesquecível amor.

EXPEDITA GOMES DE ARAÚJO é estudante de Jornalismo.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Medo

(Fernanda Resende)

Ele está em mim.

*Às vezes tira os sentidos,
gera incerteza,
vazio e uma culpa que sufoca.*

*Bane sonhos,
dilacera corações,
corta olhares e reveste de lágrimas a alma.*

*Faz o dia virar noite,
os verões serem frios,
as flores não florirem e a vida se esquecer da esperança.*

Ele faz parte de mim.

*Fui educada para ele.
Revestida por ele.
Amaldiçoada com ele.*

Seu nome, é medo.

*Medo com “M” maiúsculo.
Medo que vem da gente.
Medo que paralisa a gente.*

*Medo que faz o certo virar errado.
Medo que faz o feliz não ser “feliz para sempre”.
Medo que faz medo.
Medo de acordar e sentir ainda mais medo.
Medo de ser simplesmente EU.*

FERNANDA RESENDE é jornalista e amante das palavras. É formada pela Universidade de Uberaba (Uniube) e pós-graduada em Docência nos ensinos médio, técnico e superior. Há seis anos trabalha na área de comunicação. Fernanda Resende também é escritora

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

e se dedica há mais de dois anos ao gênero lírico. Já participou de vários concursos e ganhou prêmios de nível nacional e regional com suas escritas. Tem poemas publicados em diversas antologias e recebeu menção honrosa em 2012.



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

E-mail de bom dia XXII

(*Fernando Augusto Bensabat*)

*Chuva pequena e suave
Fazendo lentamente amor
Com denso nevoeiro.*

*Sons breves e afastados
Fazendo lentamente amor
Com ar fresco da manhã.*

*Terra úmida e com cheiro
Fazendo lentamente amor
Com erva molhada.*

*Luz macia e difusa
Fazendo lentamente amor
Com olhares de nostalgia.*

*Homem de força e ternura
Fazendo lentamente amor
Com sua mulher longinqua*

FERNANDO AUGUSTO BENSABAT DE LACERDA E MELO nasceu em Lisboa, mas mora em Recife-PE desde 2002, por imperiosas razões de amor. Arquiteto e professor, tem escrito, desenhado e amado, amado sobretudo. É isso que tenciona continuar fazendo pelos próximos cinquenta anos. Poderá reformular estes planos. Em querendo.

Conversando com Deus

(Flávia Assaife)

*Sei que a vida é uma grande escola
Sei que somos autores de nossa própria história
Personagens em ação, protagonistas, em execução, na vida real
Em constante busca de um ideal...*

*Sei que por vezes achamo-nos injustiçados,
Com fardos muito pesados...
... Por Ti abandonados...
... Enquanto em Teus braços somos carregados!*

*Sei que permitimos que a tristeza se instalasse
Que o desânimo nos calasse
Que o grito da depressão se abafasse
No silêncio do orgulho incontestável...*

*Mas, também sei de Tua infinita misericórdia
De Tua compaixão
Por isto, neste instante, elevo meu coração
Elevo meu pensamento em Tua direção...*

*Deus, nosso Pai, nosso Amigo e Protetor
Ajuda-nos a vencer tanto desamor
Ajuda-nos a não fecharmos os olhos diante da dor
Ajuda-nos a estender a mão para um sofredor...*

*Perdoa-nos todo o egoísmo
Perdoa-nos toda a maledicência
Perdoa-nos a vaidade
Perdoa-nos a fé vacilante em Ti, que és luz e verdade!*

*Abre nossos olhos para o perdão
Harmoniza nossos sentimentos em oração
Intui nossa reforma íntima
À luz de Tua comiseração!*

Perdoa-nos a pequenez

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

*Perdoa-nos a imperfeição
Somos apenas Teus filhos, em evolução...
Num mundo em expiação...*

FLÁVIA ASSAIFE CAMPOS DE ALMEIDA é natural de Brasília-DF. Escritora, poeta, professora universitária e consultora organizacional. Tem três livros publicados: “Ouça a Voz do Coração Através de Um Mergulho Interior”, “Sussurros da Alma” e “Os Viajantes da Lua”. Participa de mais de 25 antologias, nacionais e internacionais, de poesias, contos e crônicas. Graduada em Administração. Destaque Literário Cultural no prêmio Claudio de Souza 2012 - Literarte. Tem dois livros infanto-juvenis e um novo livro de poesias, contos e crônicas. Pretende lançá-los em 2013.

É assim, Fulano

(Flávia Brito)

Eu não me espanto com quase nada nessa vida. Mas ainda me espanto com essas novidades que não respeitam geografia e ultrapassam os circuitos eletrônicos e cerebrais para se estatelarem nos sentimentos, mesmo sabendo que sentimento é naturalmente wireless – vai e vem num fluxo desordenado que desafia a gente e faz inusitados pontos de acesso sintonizarem na mesma frequência, isso eu sei. Porém, pense comigo: nessa faixa estreita que afina a frequência entre transmissor e receptor, quando devidamente sincronizados, o resultado é a manutenção de um único canal lógico, certo? Um único canal lógico. Lógico? Onde há lógica nisso, Fulano?

Olhe bem aí para o seu monitor. O que você vê? Eu vejo o seu rosto colorido, pontilhado de infinitos pixels e me custa crer, me custa crer que é tamanha a distância, é um espanto. É difícil ser blasé quando o mundo fica pequeno até caber num www para se espalhar nessa tal de banda larga e, mesmo assim, ainda continuar a ser esse mundo grande de meu Deus. Antes, o digital tinha o tamanho das pontas dos dedos; hoje, Fulano, os dedos não cabem mais em nossas mãos, os dedos criaram olhos e pés que se emaranham alucinados por entre os zeros e uns dessa selva binária. Agora me diga, Fulano, o mundo ficou maior ou menor?

Olhe bem aí para o seu monitor, Fulano. Você me vê? A resposta é: não. O que você vê é uma projeção espectral que alguém inventou para a gente acreditar que não está tão só. O que você vê não respira e não tem cheiro, não sonha e não dá risada. O que você vê, Fulano, o que você lê, são os meus pensamentos convertidos na estática frieza desses signos gráficos, um pobre esboço de mim aí nesse quadradinho no canto da sua tela – por maior e melhor que seja a sua resolução. Os meus olhos são cristal líquido, distinto do LCD. Portanto, Fulano, me dê licença de fechar essa janelinha em plano americano e de desconectar essa falta que nos faz um pouco menos de tecnologia, e venha cá me ver – em carne, osso e algo mais. Porque eu não consigo raciocinar em bits e bytes, e o meu coração ainda faz tum-tá.

FLÁVIA BRITO é paraense radicada no Paraná. Médica e escritora. Integrou a “III Coletânea Scriptus: Palavração” (ed. Novitas, 2010) e

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

é autora do livro “Cartas Para L.” (ed. Multifoco, 2012). Escreve, entre outras razões, para clarear suas verdades, para desprender-se da ditadura do “fazer sentido”, para colecionar memórias – mesmo as que ainda não existem – e, sobretudo, para sobreviver a si mesma.

Acontece-me

(Francisco Correia)

*Ando sempre com uma folha branca
junto ao peito.
Como quem traz o seu amor no coração.
E é por isso que quando me dá
aquele sentido de urgência
não fico tomado p'la ausência...
Ou com vontade de atropelar as horas...
Ou esperar que umas horas
passem adiante de outras horas!
Pego na folha,
espreguiço-a com carinho
e, inebriado pelo branco do seu véu,
mergulho na volúpia da sua nudez...
Sobretudo quando ela me diz:
Dá-me as tuas palavras!...
E elas vêm...
As que guardo e as que não morrem...
As que não se cansam e até aquelas
(estranho!)
que não sabia que as tinha,
que existiam, até!
Mas elas vêm...
Em ondas ou gôlfadas,
isoladas ou ritmadas,
mas todas, todas, animadas
de Ser...
Abro os olhos e vejo:
Aconteceu-me um Poema.*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Assim se diz da poesia

(Francisco Correia)

*Quem diz que a poesia é chata
Não sabe do que fala e tem cá uma lata
Ou não distingue o ouro da prata!
É pedra; pior, é calhau
É insensível, um cara de pau!
A poesia é um perfume de açucena
Que de uma forma amena
Se vai libertando da pena.*

*São mãos calejadas de oleiro
Do espírito merendeiro
Almanaque de carteira
Epístola amiúde certa.*

*Outras vezes é pá, é enxada
Martelada, bordoada
Aguda com' o cinzel
Trabalhando a granel
Sem s'importar c'o papel
Trata por tu até o meu
O cristão e o judeu
Outros que se esqueceu.*

*Enfim, é vida, é cor
Salmo do que é amor
Ou seja lá o que for
Assim com este vigor
E medida sem medida
Sempre de forma sentida
Esteja a ideia comprimida
Ou toda ela distendida.*

*São palavras em movimento
Eco de sentimento
Real ou fingimento
- Eternas interrogações-*

*Acelerador de protões
No que respeita às emoções
Não precisa de palavrões
- Podem desertar os mauzões-
Antes firmeza e bons pulmões
Coisa que me falta agora
Já declamo... perdi a hora
E continuaria por aí afora
Mas não, é Hora
E, sim, vamos embora
Certos de que a poesia
Como d' início dizia
Não é chata, antes grata
A quem assim o constata
E feliz, feliz, feliz
Feliz de quem a bem trata.*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Castelo de espuma

(Francisco Correia)

*Deitado na areia
quanta felicidade...
Engraçado
eu que parecia o Gulliver em Lilliput,
quando estendido no imenso areal
sou eu que pareço
um mero grão de areia!
E ela recebe-me tão bem...
Como se fora sempre um deles...
E brincamos, oh se brincamos
e rebolamos
e escorregamos
entre cócegas e repenicos
pico-picos e salticos!...
Mas de repente, oh! que surpresa
chuác! um, dois, três...
Não sei quantos beijos salgados!
São ondas, senhor, são ondas...
Que marotas
como as vamos agarrar
se vão e vêm sem por nós esperar?
Não me apanhas, não me apanhas, não me apanhas...
Eco daquele extenso carrossel marinho.
Aí rimos
rimos tanto, mas tanto...*

*Por que será que só nos lembramos do deus
das pequenas coisas quando morremos?*

Legue de amores

(Francisco Correia)

*Amo estar, amo a vivência
Amo ser, amo o querer
Amo sentir na latência
O que o sentir devia ter.*

*Amo o certo, amo o perfeito
Amo o puro, amo o que tal
Amo a imagem do Prefeito
Eco para além do real.*

*Amo a prosa, amo um verso
Amo a chuva, amo o relento
Amo a lição do reverso
Réquiem do meu lamento.*

*Amo o texto, amo o contexto
Amo o ponto, amo o debrum
Amo a esquina do pretexto
Epigrama de cada um.*

*Amo o longe, amo o mistério
Amo a lua, amo as estrelas
Amo o tema de alvo sério
As soluções, se enfim vê-las.*

*Amo o ventre, amo o petiz
Amo a mulher, amo (-) a amada
Amo quem diz ser feliz
Tendo tudo ou tendo nada.*

*Amo tudo, oh! Amo o nada
Ah! Amo as coisas assim
A metáfora rimada
E as rosas do meu capim.*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Notícia de última hora

(Francisco Correia)

*Morreu uma rosa do meu capim.
Na verdade, "a rosa" do meu capim.
Como assim? É verdade. Está morta.
Mas caiu direita, não torta.
Aveludada
Engalanada
Exalando
Em lume brando
No esperanto
De que não haja pranto.
As hortênsias
Murmuram condolências;
As amoreiras
Cerram fileiras
Pesarosas, embora não chorasas
Como as demais rosas;
As orquídeas
Divagam perfídias
Alheias
Ateias de responsabilidade!
As camélias e as japoneiras
Os gladiolos e as trepadeiras
As estrelícias e as romãzeiras
Os girassóis e as tulipeiras
Castigam com seus caules os ares
Redescobrimdo-se, quem diria, em novos pares...
E os lírios? São lírios, senhor
Que ousam tal clamor
Ancorados pelo jasmim
Suportados pelo alecrim
Cerceados pelos chorões
Alagados em orações.
E o Homem? Uma fábula de Esopo
(Que não foi filantropo)
"Um animal racional"
Disse Aristóteles e depois Pascal*

*Acrescentou: “Um organismo pensante”
Até que Pessoa, contrastante,
Não foi de meias medidas
E com palavras sentidas
Atirou: “O homem é um cadáver adiado”
Mas nem assim mesmo fadado
O homem se(quer) antecipa
E do choro participa
No atropelo sem demora
Dislético, contudo, da Hora
Além de que apenas com um olho
Espreitando pelo (outro) sobrolho
O flash que dispara
Se também pela sua cara...
... Que tara!*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Quo Vadis

(Francisco Correia)

*Tantas vezes julgo viver em mim
Como quem vive em quarto de hotel
Vivendo trancado num outrossim
Perscruto-me, no penhor do pastel.*

*Refém das teias deste fado anverso
No sonho de minha besta sadia
Esculpe a minha alma, sim... controverso
Verso de esqueleto que não porfia.*

*Aquele que compôs tal desventura
Eu diria “ao nascer já serás réu”
Não me deixou na (divina) ventura
Assim como Adão junto a Eva no Céu.*

*Só vejo mesmo um caminho, sublinho
Ser p-o-e-t-a! Um poeta feliz!
Aceitar esta tela em desalinho
Desabafar na estrofe como o fiz.*

FRANCISCO CORREIA é natural de Vila do Conde-Porto, Portugal. Poeta, cronista e biólogo, tem quatro livros publicados: “Já Sei por Onde Vou”, “Palavras que Falam de Nós”, “Histórias com Muitas Rimas”, e “Sob o Fogo da Rosa”. Premiado em Portugal (V. Conde, Guimarães, Braga) e no Brasil (Foz do Iguaçu). Tem também poemas publicados em antologias, blogs e sites culturais.

Os invisíveis da Sé

(Francisco Junior Xavier)

O sol despontou lentamente no universo, aos poucos os finos raios quentes começaram a tocar os pés dos mendigos deitados na praça. Cobertos de trapos e agarrados a cachorros, eles sonhavam, uns guiados pelo espírito do álcool, outros pela cocaína, outros por uma droga qualquer, mas todos pelo sofrimento.

Aglomerados, como porcos num chiqueiro, em meio à urina e fezes, abandonados por si mesmos, pelo mundo e pelo desprezo. Conforme o sol se levanta, eles também se põem em pé, ou sentam-se para comer os restos que juntaram, talvez de ontem, anteontem ou de um dia que passou há mais tempo. No meio da multidão, surge um profeta, ele grita suas lamúrias numa voz muda, silenciosa, imperceptível à sociedade.

Uma doce menina, sentada aos pés de uma estátua famosa, entra de repente num profundo êxtase, mas não é nada espiritual, nada místico, são apenas efeitos das drogas, que se mostram em sua pobre face. Ela ri, chora, grita, move-se como uma enguia, mas é só mais uma em meio a tantas por ali. Aos poucos, os “trabalhadores” começam a correr, passam pela praça como se estivesse vazia. Olhos sempre abertos, ouvidos atentos, mas a quê? Ao medo, simplesmente ao medo. Os invisíveis ainda estão ali, mas por que vê-los? Por que percebê-los?

Os dias passam todos iguais, e a morte vai criando suas raízes, seu trabalho é lento, causa dor e sofrimento. Os caídos são discípulos que em silêncio profetizam sua sina, morrem dia a dia, pedindo o amor, recebendo o não, flutuando no desespero, comendo sobras de nada, bebendo cicuta, vagarosamente. O sol quebra mais um dia, correndo como os passantes, dando lugar ao prateado véu da lua, que chega para observar a dor de uma cidade tão cheia, tão bela, tão desumana. Os abandonados se enrolam em seus farrapos, refugiando-se no pouco que têm, buscando no nada um sonho bom que os faça dormir eternamente, para, no outro dia, novamente serem acordados pelo sol.

FRANCISCO JUNIOR XAVIER é natural de Ibaiti-PR. Estudante, poeta e seminarista, participante de três antologias. Graduando em Literatura e em Filosofia. Tem vários contos e poesias inéditos, que pretende lançar em 2012/2013.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Luz da aridez

(Gabriela Andrade Vitor)

...As reticências iniciam a breve narração, pois o relato da vida de Rachel de Queiroz não deve ter inesperado começar. Ela, que logo causara desavenças apenas pelo nome - o qual segundo literatos seria "Queirós" -, fez história e marcos numa época em que somente homens os faziam. A pequena cearense mostrou que tamanho não era limitação e saiu de sua terra para adentrar, até os dias contemporâneos, infintos corações.

Era 1915, o povo sofria e a seca assolava vorazmente o sertão. Fora assim que tiveram que se transferir para o Rio de Janeiro, a família com raízes lançadas em Quixadá. Ficaram marcas dessa travessia, principalmente porque viam muitos morrer de fome, sede ou moléstias comuns. Todavia, tocada por feridas da realidade, a alma de escritora da prima de José de Alencar não se contentou por somente senti-las. Nascia, então, a sua primeira e notória obra: "O Quinze." Usando linguagem simples e termos regionais, Rachel expôs em sua obra inaugural as mazelas, incoerências e os conflitos de um Brasil que se queria moderno, urbano e industrializado, mas que, contudo, apresentava traços arcaicos e injustos em toda a sua extensão.

Percorrendo o trilhar da vida, novas vidas nasceram em sua mente. Não as chamaria de ilusórias ou pertencentes a algum universo lúdico, simplesmente. Quadros de pessoas comuns invadiram os olhos daquela que observava com a alma. E assim, teve acepção "João Miguel" - seu segundo romance com ambientação numa prisão -, cujo enfoque tivera a mistura de fatalismo, acaso, injustiça social, denúncia, análise psicológica, protesto e, a solidão humana.

Embarcada novamente em meio ao aprisionamento social, surge seu terceiro livro: "Caminho de Pedras" - datado do período do governo Vargas (1937), onde as questões políticas são bem evidenciadas. Acabara por ser um documento a favor das lutas igualitárias, dos direitos das mulheres e das ideias políticas. A autora aborda a miséria do pobre e a sua eterna luta por melhores condições... Eterna luta, que, de tão imortal, ainda perdura sobre muitos indivíduos.

Como se tivesse deixado um leve fio solto em seu romance anterior, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL), captura-o e o transforma num tecer sobre o papel feminino na sociedade, denominando-o "As Três Marias" - Maria Augusta, Maria da Glória

e Maria José. É expondo-as que o destino pinta o fim da maioria das mulheres: donas de lar, religiosas exacerbadas ou simples aventureiras que, na ficção e no próprio existir, são capturadas pela desilusão.

Contrariando paradigmas e surpreendendo os críticos, Rachel de Queiroz publica “Memorial de Maria Moura” – seu romance final –, que torna guerreira e heroína uma mulher comum marcada pelo destino e pela sofreguidão. Moura é aquela que luta, que chora por amor e que engole a lágrima e o sorriso, para mostrar-se forte aos seus homens, que, na realidade, nada mais são do que a sociedade perante a situação feminil.

Luz da aridez ou simplesmente tradutora de emoções e narradora dum Brasil sem identidade, duma pátria com fome e desértica em sua essência, a dona da Cadeira Cinco da ABL não perderá o seu brilho, nem terá suas palavras enterradas nas areias, pois ela está em nós, cravada numa realidade que infelizmente não nos deixa esquecer.

GABRIELA ANDRADE VITOR, moça delicada que carrega força de um homem e poesia nos sobrenomes: Vitor e Andrade (de Drummond e de Oswald). Nasceu em São Paulo, mas se diz natural do mundo, portanto, possui asas nos pés para poder conhecer este seu lugar tão grande e tão íntimo. Asas estas que muitas vezes servem para fazê-la andar nas ruas de seu próprio coração. Tem poesias publicadas em antologias e cursa o segundo ano de Direito.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O AMOR

(Gicilene Souza Almeida)

*Eu vi o amor como uma flor a desabrochar.
Eu ouvir você dizendo que para sempre iria me amar
Sentir suas mãos enxugando as lágrimas que caíam sobre minha face
Nesse momento, prometeu-me que nunca mais me faria chorar.
Vi seu peito se abrindo e o seu coração me oferecendo amor,
Você disse que nunca mais eu sentiria dor.
Hoje você quer que eu entenda que o nosso amor acabou.*

Vida Solitária

(Gicilene Souza Almeida)

*Chego em casa todos os dias sem ânimo,
Tentando esquecer os problemas.
Problemas? Que problemas posso ter?
Nada para resolver, nada para lembrar,
Então tento chorar.
Chorar? Por quê?
Não tenho motivos para lembrar, nem para esquecer,
Nem para chorar, nem para sofrer.
Não devo chorar, não devo sofrer.
De quem vou lembrar, o que devo esquecer?
Resta-me então morrer!
Será que ainda estou vivo?
Há tempos não sei o que é viver.
Eu acho que morri, esqueceram de dizer.*

*Amei-te com ansiedade e muita vontade de te ter.
Agora me deixaste, sinto vontade de morrer.*

*Não consigo estudar, não consigo comer.
Depois que foste embora não consigo mais viver.*

*Alegria não tenho mais, chorar pra quê?
Agora é tarde, não tenho mais nada a fazer.*

*Amei sem pensar
Amei sem perceber
Amei por amar
Amei amar Você.*

GICILENE SOUZA ALMEIDA é soteropolitana, graduada em Tecnologia em Segurança no Trabalho e Supervisora de Contratos. Participou de uma antologia poética, ama fazer poesias, tendo a vida como grande inspiração. Diz-se uma mulher eternamente apaixonada.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Um romance na rua da escola

(Gil Reis)

Caminhando pela rua, encontrei uma alma sorridente, que não cabia em si de alegria. Seu grande corpo, gordinho, com grandes óculos no rosto, saltitava na sua brincadeira constante consigo e com outra alma feliz, que, contida num sorriso meigo tímido, se estendia para o outro lado da rua. Fui capaz de identificar a sutileza desse carinho num passo lento atrás daquele jovem. Era mais do que carinho, era romance, um desejo inocente me embarcou os passos, a sentir cada plegada de meus pés, dentro do tênis apertado, confortavelmente e de forma leve, o chão que não se abalava em nada. Nós, testemunhas vivas e inertes, refletíamos aquele tão amoroso flerte. Os dois indo para escola, conversando com olhos e corpos. A intenção de cada um reluzia para as testemunhas. E somente eu escrevi uma história em homenagem a eles. Ele, de repente, parou para amarrar os cadarços, de uma forma engraçada, sem dobrar os joelhos, com um olho nas amarras do tênis e o outro na sua bela musa. Eu o ultrapasei sem querer. Ele, inconformado, adiantou os passos com saltos alegres, impulsionado para impor-se na frente e, por alguns minutos, não perder sua querida. Mal sabia eu que os dois eram colegas de sala, num colégio para pessoas especiais, que merecem receber muito cuidado e carinho. E todos os dias eles caminham lindamente nessa poesia inocente e romântica. Sacudiu o meu dia. E o seu?

Perguntei ao espelho

(Gil Reis)

*Quantas vezes sorri por sorrir?
Quantas vezes admirei um latir?
Quantas perguntas encheram o meu dia?
Quantas respostas encheram o meu ego?
Quantas noites viraram dia com seu beijo?
Quem sabe quantas vezes acordou excitado e dormiu um pobre coitado?
Quantas vezes lati por latir?
Quantas vezes admirei um sorrir?
Quantos dias foram preenchidos por uma pergunta?
Quantos egos mataram com as respostas?
Quantas noites pude viver sem seu beijo?
Quantas vezes acordou um pobre coitado e dormiu excitado?
Quem não tem perguntas não sabe viver.
Quem tem respostas não viveu o suficiente.*

GIL REIS é natural de Salvador, passou uma parte da infância no Rio de Janeiro e outra em Salvador, no Imbuí, onde vive até o momento. Estuda História na Universidade Federal da Bahia (UFBA), é aluno-ator do Curso Livre de Teatro do SESC. Sofreu e sorriu quando não quis. Adora ler e amar.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Problema de coração

(Greice Munhoz da Silva)

Cansada e já atrasada, entrou no táxi e pediu que seguissem para a rua Estela. Como se lesse seus pensamentos, o taxista colocou um CD.

Roberto Carlos não era bem o que ela tinha em mente naquele momento, mas se deixou embalar pela canção que homenageava Maria Rita, a esposa do cantor, que acabara de falecer.

“Vivo por ela, ninguém duvida, porque ela é tudo na minha vida”, dizia o refrão. A nostalgia tomara conta de Encarnación.

A manhã fria, as ruas semi vazias e um fog londrino completavam o cenário... Sentia-se um tanto europeia com aquele casaco made in Montevideo, terra de su abuelito.

Chegou ao local onde finalizaria seu check-up cardiológico. Retirada do holter, teste ergométrico, entre outros procedimentos. A atendente a olhava com ares de “não acredito, tão novinha e tendo que fazer esse tipo de exame...”

Finalmente, ela se livraria da caixinha que na véspera lhe rendera comentários dos mais diversos, de mulher biônica à androide do filme Blade Runner. O teste ergométrico aconteceria às 10h30.

Resolveu descer ao Coffee Shop para quebrar o jejum. Antes deu uma passada na banca de revistas e comprou a terceira edição da TPM. Pediu um café com leite e um croissant, que consumiu bem devagar enquanto lia a entrevista com Cassandra Rios, a demônia das letras. Ria sozinha. Se Cassandra Rios e Henry Miller tinham sido chamados de obscenos, então ela não se importava que a chamassem também. Os livros de Cassandra tinham sido proibidos, mas antes ela vendera 1 milhão de cópias, evento que a transformaria em um ícone na história da literatura brasileira. Declaradamente a favor do homossexualismo, Cassandra é até hoje reverenciada pelo movimento GLS, além de ter sido apoiada por Jorge Amado e idolatrada pelo bandido da luz vermelha, um criminoso conhecido dos anos 50.

Folheando a revista, Encarnación encontrou outras matérias sobre grandes mulheres. Mulheres inteligentes, independentes e incompreendidas. Pensava consigo: meio século se passou e algumas coisas continuam exatamente como antes!

Por um momento lembrou-se das observações feitas pelo seu mais novo caso afetivo. Por que afinal um jovem conhecedor de

Ocultismo, que se dizia sensível e diferente dos demais, incorreria nos mesmos erros de seus semelhantes do sexo masculino?

Como podia compreender a relação entre próton e elétron, ânion e cátion, estame e pistilo, macho e fêmea e... ao mesmo tempo pensar que ela fosse volúvel, pelo simples fato de tentar ser livre?!

Perdida entre leituras e reflexões, sentiu uma mão tocar seu ombro esquerdo.

- Senhorita?

- Sim?

- A doutora está lhe chamando.

E lá se foi ela, resolver o problema de coração.

GREICE MUNHOZ DA SILVA é natural de Porto Alegre-RS. Escritora, publicitária e consultora, teve um livro solo publicado em 2001: "Poecrias". Graduada em Administração de Empresas, é também especialista em Comunicação Digital. Participa de várias antologias.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Hora certa de me complicar

(Guilherme Henrique Ribeiro Cavalcante de Oliveira)

*Esqueço meus medos se você já vem
Me meto em segredos pra lhe esperar
Enfeito meu sorriso pra lhe presentear
E os meus olhos que brincam não metem*

*Toda a casa já parece prever
Que a moça vem para desarrumar o dono
E o seu rapaz combatendo o sono
Inerte aos outros só para lhe ver*

*Por que você chegou na hora
Na hora certa pra me complicar
Me ganhou na lábia sonora
É impossível não lhe notar
E toda vez que você vai
Eu lamento pelo tempo sem lhe ter
Me pegando pensando em nos dois
Me preparando pra te receber de volta.*

Loteria – um sonho milionário

(Guilherme Henrique Ribeiro Cavalcante de Oliveira)

Certa manhã, acordei de sonhos intranquilos, e que sonhos felizes eram aqueles! Mais uma vez, o mesmo prenúncio. Sim, porque não foram simplesmente sonhos, foram uma anunciação do meu futuro. Acordei com a mesma certeza cega que me invade toda manhã, a obstinação de jogador que me transformará em homem rico. Hoje, simples funcionário público, amanhã dono de empresas, com ações nos principais bancos, gozando de influência nas mais altas rodas sociais, sendo assunto de jornal, e vale lembrar, de primeira página. Serei o noivo idealizado por toda senhora de meia idade, aquele que elas sonham para terem como marido de suas filhas. Terei as melhores fazendas aqui no país e no exterior. Serei o dono do Brasil. Mas hoje, por ora, sou um simples apostador de loteria.

Hoje é dia comum de labuta, mas ainda estou deitado entre lençóis e vontades, incluindo a de não me levantar. É terça-feira, e hoje é dia de sorteio da loteria, é a minha oportunidade, aquela que venho aguardando há tempos, o dia D, a hora H. É hora de ficar poderoso e esquecer o que é pegar ônibus, comer pão com manteiga barata pela manhã. Chega dessa vida vazia e sem sentido, preciso de dinheiro para me preencher, dinheiro este que nunca tive, mas, tenho certeza, vou ganhá-lo, assim fácil mesmo, sem muito esforço. Preciso somente marcar os números certos na cartela e pronto, estarei premiado; rico como sempre mereci.

Levanto-me e nada me surpreende neste apartamento barato, com mobílias velhas e baratas, além dos insuportáveis insetos homônimos. Hoje não tenho o pão nem muito menos a margarina, mas tenho muita sorte, disso tenho certeza, acordei com o palpito certo, o sonho está vivo dentro de mim, e eu já posso me considerar um homem rico, rodeado de belas mulheres, fazendo o desejo em hotéis luxuosos. Nem sei o que eles servem nesses cardápios, mas com certeza são verdadeiros banquetes, mereço-os. Vida cinzenta esta em que me meteram, mas, com certeza, irei do lixo ao luxo em poucos instantes, vai ser somente o tempo de as bolinhas brancas e numeradas subirem, e minhas dezenas serem confirmadas. Serei pleno, o meu nirvana será montes de cifrões na conta bancária.

Não tomei café, não o faço há muito tempo. Coloco uma roupa qualquer e sou absorvido pela rotina, meu emprego me espera. Ser

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

funcionário público não me basta, nunca me bastou, o dinheiro me espera como recompensa, e eu corro ao encontro dele hoje; no final da tarde, quando o resultado da loteria sair, darei adeus à mesa, aos arquivos e às pessoas intrometidas do trabalho. Não posso mais comigo e com essa vida repetitiva: do ônibus à repartição, da repartição à depressão dessa existência pequena. O que me sustenta é a certeza, e hoje, principalmente, estou convencido, tudo vai mudar, não é um palpite às cegas, foi um prognóstico que me veio durante o sono!

Não tenho amigos, não preciso deles, nunca precisei; como também nunca necessitei do apoio dessa instituição falida que atende pelo nome de família: sentar à mesa, conversar sobre a novela ou sobre o boletim escolar dos filhos nunca me atraiu. Do que me serve ser genitor? Ver os filhos ansiando pela minha morte para herdarem o meu dinheiro, todos querendo uma fortuna, sem nada terem feito para ajudar a construí-la e que, por convenções, lhe pertence, embora seja minha de fato e de direito. Queria mesmo era viver na época dos faraós egípcios e, quando morresse, ser sepultado com grandes pompas, permanecendo eternamente com todo o meu ouro, moedas, adornos, tudo o que construí ao longo da vida. Sou faraó de mim mesmo, já vislumbro minha riqueza amarrada àquelas dezenas que serão sorteadas hoje à noite.

O dia é lânguido, eu também me arrasto; não posso comigo, sou vulcão em furiosa erupção de ansiedade. Para meu contentamento, a tarde chega e posso me libertar da mesa cheia de papéis, e números, e nomes. Vou-me embora do trabalho com a certeza de nunca mais voltar. O sol brilha alto - uma das vantagens de se morar no Brasil é que as coisas públicas, quando funcionam, operam somente pela metade; melhor para mim, que caminho para o brilho e para a vida nos tapetes vermelhos. Faltam apenas duas horas para o sorteio. Quando a noite cair, as seis dezenas vão subir e minha posição social também. Minha ética e moral vão mudar, afinal, rico não tem caráter ruim, todos os ricos são bons, e não faltam pessoas que lhes digam isso. Vou me avvicinando da casa de apostas, mantendo o sonho sempre vivo dentro de mim; ali perto, há um café vazio, mas que esquento o estômago e faz as pessoas se sentirem vivas de novo. Observo a cidade por cima dos ombros dos passantes nas calçadas, em breve não dividirei mais espaço com eles; vou para o exterior, viver com e como gente civilizada; esse país tropical tem graça somente em fevereiro ou quando há feriado nacional. Já estou dentro. O balcão do café está quase deserto, apenas um velho cansado, na ponta oposta à minha, mexendo pacientemente o café na xícara. Será que também está esperando o resultado da loteria? Realmente, ele não tem cara de gente corajosa, que aposta e vive daqueles números, é muito

fraco para isso. Não, o único apostador aqui sou eu. A riqueza próxima pertence a mim e a mais ninguém. Aqui é mórbido: um salão, com algumas mesas distribuídas, nada espetacular; paredes preenchidas com cores frias. Meu café é insosso e fraco, um desenho de vapor se lança no ar, corajoso e vacilante como eu, mas vou acabar com essa fumaça, vou tomar todo o café e o mais que poderia evaporar. Vou tomar o café da mesma forma que me lançarei na riqueza, voraz. Afinal, já é chegada a hora de conferir o sorteio; o tempo escorreu nos meus ponteiros e eu nem percebi.

Vou me aproximando da casa de apostas, logo do outro lado da calçada. A noite é fria, poucas pessoas na rua. Já vislumbro o meu portal para o paraíso, lá também há pouca gente. O café vai sacudindo dentro do estômago; eu não tenho hora para chegar em casa, não há ninguém à minha espera, nem esposa, nem filhos, nem mãe, nem ao menos amigos, todos tolos, e eu rico. Entro na sala abafada, vou até a moça que fica no guichê e peço-lhe um informe com as dezenas sorteadas. Sinto as minhas entranhas revirem; intestinos, estômago, fígado e baço são um único amontoado de vísceras. Quando estiver de posse da minha fortuna, substituí-las-ei todas, afinal, dos meus tempos de pobreza já me bastarão as lembranças.

Já tenho comigo o papel com os dígitos sorteados, o meu futuro; tateio o bolso, onde guardei a cartela? Sacudo o bolso da camisa, os de trás, da calça - ah, essa ansiedade é a pior de todas as torturas! Apesar de ser sabedor da minha condição de milionário - o sonho me garantiu isso -, esses instantes que a precedem me massacram. Enfim, achei o bilhete dobrado em vários gomos. Desdobro-o devagar, não tenho medo, mas estou um tanto quanto apreensivo, é o meu futuro em papel. Em uma das mãos os números sorteados, na outra, a cartela; e, no estômago, o café dando voltas. Corro os olhos, comparando os Algarismos marcados por mim com os oficiais... Não, não são os mesmos! Mas como assim? Os números sorteados não são os mesmos marcados por mim?! Algo está errado, eu estou rico, muito rico, e o sonho foi o prenúncio, uma profecia particular. Ou o sorteio está errado, ou a moça do guichê se confundiu e não me entregou o papel correto. Sei que estou rico, sou o dono do Brasil. E a apreensão deu lugar a uma felicidade desconhecida por mim, a minha certeza agora se confirma. Finalmente, vou ingressar nos mais respeitados círculos sociais; o mundo é pequeno para mim; vejo ali no chão os meus montes de dinheiro, todos em sacolas do mais fino veludo já confeccionado, todo o dinheiro é meu, está ali me aguardando.

Lanço-me por sobre os montes ali mesmo na rua, ninguém poderá roubá-los de mim, ninguém ousaria tomá-los de mim. Lanço-me a eles, o cheiro é agradável, cheiro de riqueza, meu cheiro a partir de

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

agora. E que ninguém ouse deles se aproximar; os montes são meus. Com eles comprarei ilhas inteiras, mansões à beira-mar, lindos apartamentos, automóveis com a mais recente tecnologia; o que tiver de melhor e mais caro no mercado será meu.

Agora são os abutres, os passantes, todos eles olhando para mim, com ar de cobiça. É a minha riqueza que eles perseguem, nada fizeram para tê-la, quem ganhou fui eu. Mesmo o sorteio estando errado, mesmo que a mulher do caixa tenha se equivocado terrivelmente ao trocar os dígitos, os cifrões não me abandonaram. Ninguém vai pegar. Por isso, preciso ir embora. Levanto com os meus pacotes e deixo a calçada; meu futuro compactado em maços de cédulas vai comigo debaixo do braço. Tenho que sair dessa rua de urubus, de gente interesseira que quer pegar minhas sacolas de veludo, preciso correr.

Saio em desabalo pela noite, o mundo é meu agora. Não posso voltar para casa, aquele lugar já não me merece mais. Sou outro homem, uma criatura renovada apenas pelo tato da riqueza. Vou, com certeza, para algum hotel luxuoso e pagarei a minha hospedagem em espécie, com notas de valor graúdo. O emprego é algo distante das minhas atuais circunstâncias, nunca mais trabalharei. Família e amigos, bem, agora me aparecerão primos, tios e colegas de escola, gente de toda parte; mas, como nunca precisei deles, não é agora que vou precisar. O dinheiro preenche qualquer vaga emocional que me resta. A noite é comprida, as ruas nunca findam, vou me fazer dono de tudo.

Corro até esbarrarem em mim, olho e não vejo nada. Mas eu senti, esbarraram sim; e, quando menos espero, sinto puxarem o meu pacote de veludo. Seguro-o firme. Grito com o invisível, ninguém vai tomar a minha fortuna; é uma luta cega, o justo dono do dinheiro contra uma força que desconheço, sei apenas que ela tenta me tirar a única coisa que tenho. Resisto e insisto, grito para me ouvirem, mas caio em mim, estou sozinho, só tenho ao dinheiro e ele a mim. Preciso defendê-lo, futuramente ele será por mim. Puxo-o até sentir uma ponta de dor na barriga, acima da fivela do cinto que sustenta minha calça gasta; a pontada aumenta, minhas forças diminuem, não quero soltar os pacotes, mas a dor me consome. Firme até o fim, por que o dinheiro não me protege agora? Por que não faz passar minha dor, para que eu o sustente até ele ser só meu? Minhas mãos suam por demasiado, não posso mais comigo nem com o peso do dinheiro, a dor tornou-se insuportável. Afrouxo, e o invisível se vai com os pacotes. Arreio no chão, mas não dói a queda, parece que flutuo, sou leve, nada me importa mais; queria apenas ir para casa. Queria tanto e nada tive, nunca tive nem a mim mesmo, sempre refém de um sonho.

Não sinto mais as mãos suadas, nem a dor na barriga, tudo passa aos poucos, e um sono pesado pousa em mim. O céu não tem estrelas, uma grande névoa cobre tudo, e eu adormeço com saudades do que nunca tive.



No noticiário da manhã seguinte, anunciam o assassinato de um homem com traços de demência ou loucura. Populares que presenciaram a cena afirmam que o homem, ainda não identificado, gritava que estava rico e carregava dois sacos pretos de lixo, que recolhera numa calçada próxima da que foi encontrado sem vida. A moça que trabalhava no caixa da casa de apostas, localizada na mesma rua em que o homem foi morto, afirmou que o sujeito fora vítima de um assalto; segundo seus relatos, dois moleques, provavelmente adolescentes moradores de rua, abordaram o senhor e tentaram roubar-lhe as trouxas de lixo. A todo o momento, o homem bradava para deixarem a sua riqueza em paz, até ser atingido por um deles na barriga a facadas, que fugiu com os pacotes. Os pedestres não puderam intervir, os garotos eram violentos e logo desapareceram com o material roubado. Ao perceberem que nada havia ali além de um monte de lixo, abandonaram os pacotes em uma rua próxima. O corpo foi recolhido ao IML e aguarda parentes para a identificação. Caso não apareça quem o identifique, já que a vítima não portava documentos, será enterrado como indigente no cemitério público da cidade.

GUILHERME HENRIQUE RIBEIRO CAVALCANTE DE OLIVEIRA

é natural de Natal-RN e estudante do ensino médio. Escreve desde que foi alfabetizado. Produz com facilidade, e busca se aperfeiçoar na produção de contos e crônicas. No momento, está escrevendo um livro intitulado “Folhetins”, que pretende lançar em 2013, com o auxílio de editoras que se interessem pelo texto. Suas produções literárias são inspiradas em autores como Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Kafka e Rachel de Queiroz. É fã incondicional da cultura regional do Nordeste, do existencialismo “Clariceano” e do Modernismo brasileiro.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Ah, se eu fosse um pássaro!

(Ilda Maria Costa Brasil)

*Todos os dias, bem cedinho,
voaria para plantar
dignidade e respeito
a fim de evitar mágoas
e tristezas profundas;
semearia muito amor,
para amenizar dolências
decorrentes de fracassos,
decepções e perdas.
Ah, se eu fosse um pássaro,
eu cultivaria a paz mundial.*

ILDA MARIA COSTA BRASIL é Embaixadora do Cercle Universel de la Paix, Genève-Suisse/France; Membre Bienfaiteur da Société Académique d'Education et d'Encouragement, Paris/França; Membre d'Honneur e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Paris/França; Titular do Conselho Fiscal da Associação Internacional dos Poetas del Mundo. Em 04.08.2012, Itabira-MG, recebeu o Prêmio Destaque do Ano - Troféu Carlos Drummond de Andrade.

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

Voar...

(Ivaneti Nogueira)

*Como um beija-flor, vou voar
E teu amor vou alcançar
Em tua casa vou estar
Em teu corpo quero me abrigar*

*Abusar de ti sem me acanhar
Despir-me sem te abandonar
Em teus lábios me afugentar
Como uma criança a amamentar*

*Sentir tuas mãos a me acalantar
E em teu mundo me acomodar
Sem medo de te acompanhar
E neste calor da cama te queimar*

*Vou remar assim sem me machucar
E para sempre em tua vida vou ficar!!!*

IVANETI NOGUEIRA DE JESUS SILVEIRA é natural de Nova Veneza-GO. Escritora, poetisa e funcionária pública, tem várias poesias publicadas em coetâneas. Formada em Assistente Contábil e Controladoria.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Amar você...

(Jayme Santos)

*É bom te amar assim, sem culpas,
Sem medo, sem desculpas.
Amar-te assim, desse jeito:
Com carinho e com Respeito.*

*Amar você..
É chorar de Emoção,
Sentir gritar meu Coração,
Quando pensei...vou te perder!*

*Amar você..
É me envolver nos teus Abraços,
Descansar do meu Cansaço,
E no teu colo me aquecer.*

*Amar você..
É sussurrar no teu Ouvido,
Ouvir suave o teu Gemido,
E viajar no teu Prazer.*

*Amar você..
É me encontrar no Paraíso,
Contemplar o teu Sorriso,
Vendo o dia amanhecer.*

*Amar você..
É ver de mim sair a Fera,
Acalmado pela Bela,
Saciada de Prazer.*

*Amar você..
É inventar desculpas, sem motivos
Para sempre estar contigo
E então dizer... AMO VOCÊ!!!*

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012



JAYME SANTOS é professor de Português e Literatura, graduado pela UERJ e pós-graduado em Literatura Infanto-Juvenil pela UFF. Amante da Literatura e, em particular, da poesia. Tem como maior ídolo, Dona Creusa, sua mãe.



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Mulher Brasileira

(Jean Carlos de Andrade)

Caminhando pela praia, lá vem ela com seu corpo perfeito e cabelos longos que voam contra o vento. Vejo chegar, naquele momento, no meio de muitas, a mais bela. Com uma beleza sem igual, desfilando com graça, se fazendo presente, mostrando o lindo rosto em formato angelical.

Com passos de ternura, caminhando pela areia, lá vem ela, a linda mulher brasileira: maravilhosa, provocante e normal em nossa cultura. Caminhando e se fazendo admirar, passa por todos que, com a face congelada, nada podem fazer além de suspirar. Caminhando na areia, sem com o mundo se importar, lá vem ela, sempre bela, sendo observada até mesmo pelo mar. No momento em que na água ela entra, todos ficam paralisados esperando, somente para vê-la mergulhar. Parece uma sereia cortando as ondas que, suaves, o seu corpo vêm tocar.

Com a pele molhada, em um momento sexy de ser, seduzindo meninos e homens, que apaixonados já estavam, sem perceber. Saindo das águas, com a aparência de uma deusa a caminhar e desfilarem em direção à areia, lá está ela, estendendo sua toalha, curtindo os raios de sol, a linda e maravilhosa mulher brasileira.

Seja loira ou morena, causa impacto por onde passa, com sua figura sedutora e serena. Para nós, isto já é fato normal, saber que as mulheres do Brasil são as mais lindas, herança de um país tropical. O mundo todo se rende a esta realidade e confirma que a história é verdadeira, a mulher mais linda e sexy do mundo, sem sombra de dúvida, é mesmo a mulher brasileira.

JEAN CARLOS DE ANDRADE reside em Estiva-MG, mas é natural da cidade de Bom Repouso-MG. É caminhoneiro, professor de Capoeira, artista plástico e escritor, com seis livros publicados: “Vida de Caminhoneiro”, “A magia da Capoeira”, “O Espectador dos Milagres de Jesus”, “Viver em Bom Repouso”, “Emoções de um Coríntio” e “Pensamentos Poéticos”, pelo Clube de Autores.

Heresia

(Jéssica Damas da Silva)

*Não me exija bons modos
Saiba desde já: arrote à mesa em resposta
Não sou a boa moça do serviço social
A engajada em prol das plantinhas
Que defende as minorias
Que conscientiza as criancinhas
Que doa sapatos para os pobres
Basta! Não sou disso!*

*Para o diabo as boas moças
E o serviço social, e as plantinhas, e as minorias, e as criancinhas
E os pobres com seus sapatos!
Descalços ou não, que vão todos ao diabo!*

*Que se comam os heróis da sua gente
Mas comam-se respeitando os bons modos:
Nunca limpe a boca na toalha,
E tire já esses cotovelos da mesa!
Que engalfinhem seus ideários
Que vomitem hipocrisias uns nos outros!*

*Eu quero vilões em vez de heróis,
Preto em vez de branco, treva em vez de luz,
Quero esquerda em vez de direita quando a mão for destra
E direita em vez de esquerda quando canhota*

*Sou sátira, escárnio e vitupério
Sou a boca obscena de Gregório
Sussurrando volúpias ao Frade, na barca de Vicente
Meus erros têm raízes
E minhas raízes indiscretas
Penetram e violam
O solo são e sacro da sanidade
Virgem Maria, maculei a Terra!*

Pois eu sou tragédia grega

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

*Sou anti-Ulisses fazendo bruxaria
Sou herege em tempos de Inquisição
Ouço a marcha fúnebre de tochas e injúrias
Trazendo a melodia da minha morte
Quem é que vem aí com o fogo, Frade?
Ora, se não é toda aquela gente dos bons modos!*

*Assem minha carne em praça pública
E, se possível, deixem-me mal passada
Quero que me degustem meio crua para que sintam meu azedo
O fogo crepita chamando por mim
Queimem a bruxa! Queimem a bruxa!*

*Que me assem, que me torrem, que me engulam!
Que de mim façam o churrasco do fim de semana!
Que me devorem com prazer
Pois com igual prazer, prometo,
Hei de recebê-los, crua, na Casa dos Danados*

JÉSSICA DAMAS DA SILVA é paulista, tem 22 anos e é graduanda em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Ainda amadora no universo dos concursos literários, obteve modesta publicação na antologia do 3º Prêmio TOC140 Poesia no Twitter - e não pretende parar por aqui. Almeja ser linguista e dedicar a vida aos estudos linguísticos e literários.

Desabafo

(José Luiz da Luz)

*Já vivi a dor por medo de viver o amor;
mas também, por viver o amor, já vivi a dor.
Eu já fui sincero, outras vezes eu menti;
algumas vezes não, outras, eu me arrependi.
Muitas vezes eu chorei em ombros amigos
minhas mágoas, por vezes, precisaram de ouvidos.
Já magoei pessoas caras que me amavam,
já fui ferido pelas mãos que me acalentavam.
Passei noites em claro pelos dias escuros,
e vi estrelas de dia, clareando os céus impuros.
Desejei amar para sempre um Amor perfeito,
mas o Amor perfeito é amar o Amor imperfeito.
Já sorri na tristeza, já chorei na alegria,
vivi representando, pois na vida eu mentia.
Já me olhei no espelho querendo saber quem sou,
só vi miragens em nuvens que o tempo formou.
Cri em mentiras, e de verdades duvidei.
Fui feliz e não sabia, vivi e não sonhei.
Já erreí convictamente pensando que eu sabia;
disse o que queria, calei quando não devia.
Já chorei num caixão, por levar quem eu amava.
Já chamei a mãe, quando um bicho à noite assombrava.
Chamei de “meu amigo” quem nunca mereceu,
outros são irmãos queridos que a vida me deu.
Já caí muitas vezes pensando que aprendi,
mas cada vez foi mais fácil, quando me reergui.
Sempre estou diferente, porque na eternidade
todos nós seremos distintos pela igualdade.*

JOSÉ LUIZ DA LUZ nasceu em 1964 na cidade de Ipiranga-PR. Membro da União Brasileira de Escritores (São Paulo-SP), correspondente da União Literária Anapolina - ULA. Comendador da Soberana Real Casa Princesca Kastória. Classificado em mais de sessenta antologias pelo Brasil. Autor dos livros de poesias Lira Romântica e A Luz da Poesia, do romance O Poeta e o Profeta e do conto infanto-juvenil Pena Dourada.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Vivências

(Juraci da Silva Martins)

*Hoje corro sutilmente
Contra o tempo
Vem-me à lembrança
Vivência do passando
Quando perdi e quando ganhei
Se foi assim, pois, que caminhei
Entre risos, ansiedades e incertezas
Mas na firme decisão de chegar lá,
Onde muitos chegaram, eu admirei
A pintura, a poesia, tudo o que sonhei
Perdi rascunhos e me empolguei
Uma alegria ingênua sentia
Ao contemplar meus feitos
E seus trejeitos
Que para mim muito valiam
Minhas telas falam de mim
Minhas poesias revelam meus sonhos
Por muitos sonhados
Por poucos alcançados
Me sinto feliz
Na condição de autodidata
Que pensa e retrata
Em tela e papel
O imaginado*

JURACI DA SILVA MARTINS é presidente da Associação Literária Sepeense, São Sepé-RS; vice-presidente da Academia Regional de Artes e Letras Condorcet Aranha, Restinga Seca-RS; membro efetivo Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores, Camboriú-SC; membro correspondente da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, Porto Alegre-RS; delegada cultural da Associação Artística, Literária e Multiprofissional “A Palavra do Século 21”, Cruz Alta-RS.

Poema Brasileirado

(Karlina da Costa Batista)

*Piano à beira do abismo
É nihilismo, é nihilismo.
Tecla a tecla, ouço um gemido.
Sol ferido, sol ferido.*

*Tamoio, Tamoio
Me traz um cocar
Maloio, maloio
Carnaúba, caju e cajá.*

*Vitrola tocando tango
Eu sambo, eu sambo.
Cantilena to be or not to be
Sou mais tupi, sou mais tupi.*

*Crioulo, crioulo
Me ensina a gingar
Vernáculo, vernáculo
Luso-afro-tupinambá.*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Recital da Goiabeira

(Karline da Costa Batista)

*Eram cacos de acasos.
Pousados na goiabeira.
O tempo, correndo, rio abaixo.
E a sorte, feito sereia,
Riscava silhuetas de afeto
Entre bocas de areia.*

Centenário de um Bravo

(Karline da Costa Batista)

*Essa terra não dá flor
Mas Gonzaga nasceu dela
E assim tudo o que nasce
Traz missão na espinhela*

*Ele sabe do sertão
Como o sertão sabe das secas
Da vida tomou lição
Conheceu suas incertezas*

*Viu sua gente pelo avesso
Tanta cultura esparramada
Transformou tudo em verso
Foi baião na batucada*

*Espantando essa peste
Apelidada por tristeza
Cantou sobre o nordeste
Vida, angústia e beleza.*

*Branca asa, saga antiga.
Retirante não é destino
Gonzaga, esse é o nome.
Bravo homem nordestino!*

KARLINE DA COSTA BATISTA, escritora e professora, natural de Aracati (CE), é graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Participa de três antologias, sendo duas de poesias e uma com artigos sobre Jorge Amado. Entre 2011 e 2012 conquistou diversos prêmios literários, publicou em revistas, sites e jornais, e edita o blog Fênix www.anancara.blogspot.com

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Conta conjunta

(Kleberson Marcondes)

E não é que unimos as nossas bocas, sim, nos beijamos, e isso não é mais novidade, todo mundo já dizia, isso vai acabar em casamento. Ainda não chegamos lá, mas estamos caminhando para esse progresso em nossas vidas, dizer um “sim” perante o juiz de paz. E, por falar nisso, acredito que estamos no momento exato de levantarmos a bandeira branca!

Tantas vezes já nos enrolamos no mesmo edredom, entre os braços, pernas. Nossos corpos já estão juntos há algum tempo, meses, se bem me lembro. Nossos sonhos agora são outros. Passamos daquela fase de ficar num beco escuro, agora procuramos casa para casar, juntar os trapinhos também é uma boa ideia, o mais importante agora é a vontade de estarmos juntos, um com o outro, em todos os momentos possíveis e impossíveis.

O nosso canto, nossa cama, tudo junto e misturado. Enquanto eu faço o café da manhã você se levanta e vai ao banheiro fazer seu primeiro xixi do dia, aproveite e dê a descarga, para que aquilo que deixamos acumulado pela madrugada vá embora. Passo a manteiga no pão, você lava o rosto, eu coloco tudo sobre a mesa, você me aparece com o cabelo todo despenteado e com aquela cara de que quer voltar pra cama, e, com a voz meio rouca, me diz “bom dia”, ao que eu respondo com um sorriso. Claro, pode haver aquele dia em que ninguém fala nada e nem sorri, mas isso faz parte do pacote. Sei que queria acordar tarde, mas eu lhe chamei cedo, para que o nosso tempo seja desperdiçado junto.

Arrumamo-nos, logo cada um vai juntar suas coisas e partir, cumprir as obrigações diárias, mas se for sábado, vem faxina brava. Vou lavando a louça enquanto, no quarto, você dobra os cobertores, cata as roupas que deixamos acumuladas pelos cantos. Limpo a cozinha, você varre o quarto, grita que está tudo muito imundo, não respondo, faz parte do pacote. Passo um pano molhado na sala e nos encontramos pelo corredor, pode ser que nos abracemos ou que simplesmente um cobre o outro alguma coisa que ainda tem que se fazer.

Jogo água nas plantas, organizamos juntos o quintal. Precisamos sair e ir pra feira, comprar verduras e legumes, essas coisas que vão murchar e apodrecer na geladeira, afinal de contas, ainda estamos acostumados com as comidas rápidas e nada saudáveis. Esperamos

sinceramente que, na velhice, tenhamos mais força de vontade para cultivar a nossa horta. Esperamos fielmente estarmos juntos, velhos e loucos.

Sentamos à frente do computador, hora de checar os e-mails com nossos nomes, coisas particulares deixamos para os nossos momentos, final de semana não combina com privacidade, alguma coisa, 'arroba' ponto com ponto br, mais ou menos isso. Que fofo. Fulano nos mandou esses slides de fotos, com musiquinha irritante, vamos responder que amamos, mesmo não tendo aberto. Agora sim, um convite, checamos, não é algo que agrade a ambos; como resposta, veremos a disponibilidade, é dia de o cachorro passear, pior mentira que inventamos, nem temos cachorro, mas que se dane. Rede Social conjunta, menos perigo, menos problemas. Nossa senha? Dia, mês e ano que começamos a namorar, fica mais fácil, só espero que, com o tempo, não nos esqueçamos desse detalhe, senão já era. Nada demais; antes, quando cada um tinha lá sua privacidade respeitada, os comentários e mensagens ocultas ferviam, mas nessa conta conjunta, ficou morno, quase que para frio, as pessoas agora decidiram investir em casais que ainda estão vivendo, às escondidas, suas loucuras e devaneios, já não temos mais tempo para as traições online. Agora, a vida ficou séria, o relacionamento não é somente um status para ser curtido; poucos, só os seletos, têm coragem de torcer por nós, para que possamos dar mais certo. Tudo junto, nós e nossas coisas, e aqueles que têm coragem de nos motivar. Deixemos para trás, os negativistas e pessimistas, que, com extremo furor, de um jeito ou de outro, tentaram nos desconectar.

Mais tarde, almoçamos, enquanto eu lavo você seca a louça, ou vice-versa. Sentimos a preguiça depois da uma da tarde, então nos sentamos no sofá e zapeamos a televisão em busca de alguma coisa engraçada para assistir, e, se não encontramos, paramos naquele canal, com aqueles respectivos artistas, coisa de sábado, coisa repetitiva, é uma mistura de torpor com monotonia, mas, meu bem, faz parte do pacote. Dormimos no sofá, ou na cama, tudo depende de onde decidimos passar o resto da tarde. À noite, podemos ligar para alguns amigos, ou sair só nós dois, tomar uma cerveja ou um açaí, voltar pra casa correndo e ainda pegar passando a novela das nove. Depois, ou saímos, ou ficamos deitados, conversando um pouco, falando meias verdades em tom de brincadeira. Mas é isso, o sábado acaba, dormimos, ou não, mas isso é coisa nossa.

Talvez despertemos num domingo chuvoso, ou numa segunda-feira ensolarada, mas estamos juntos, passamos no banco ao meio-dia, sentamo-nos à frente do gerente, pedimos conta conjunta, e ele sorri. Talvez esteja gritando em seu pensamento a nossa loucura, ou festejando, acreditando que um dos dois é incontrolável nos gastos,

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

mas que, de um jeito ou de outro, o débito vai ser saldado. Afinal, serão dois cuidando de uma conta só, mas eu prefiro acreditar na hipótese de que ele esteja à nossa frente, emanando toda felicidade e positividade do mundo, já que agora somos conjuntos e não mais singulares!

KLEBERSON MARCONDES é natural de Pindamonhangaba, interior de São Paulo. Escritor e poeta, tem um livro publicado: “Crônicas Subversivas”. Participou de uma antologia de Fortaleza-CE. Menção honrosa em alguns concursos de poesias. É blogueiro.

Flores Eternas

(Leandro Reis)

*Não nasceste para ser covarde
Para ser feliz jamais será tarde
Contigo a vida é mais bela e colorida
Sem ti, torna-se triste e sem vida.*

*És por muitos amada
Tua ausência certamente deixaria a vida mais amarga
Teu sorriso é como o sol reluzindo no frio e escuro inverno
Tuas lágrimas são alento no mais árido deserto.*

*Contigo até a fúria se torna doce
Sem ti os frutos mais doces tornam-se podres
Em ti, ainda que nos falte a primavera,
As flores sempre serão eternas.*

LEANDRO REIS, embora natural de Brasília-DF, considera-se baiano, uma vez que reside em Salvador desde seu primeiro ano de vida. Teólogo, poeta e escritor, tem textos premiados em diversos concursos literários em todo o país. É autor de alguns livros teológicos e poéticos, que pretende lançar brevemente.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O tempo de ser feliz

(Leinecy Pereira Dorneles)

*Eu inventaria um tempo com você,
e, nesse tempo,
não saberia de nada,
além da sua presença.
E nesse tempo só diria:
Que as guerras já acabaram,
o ódio, não existe mais,
a bondade é que impera.
Que se pode receber flores,
e amar todas as pessoas.*

*Ah! Como seria belo esse tempo...
Você apenas contaria para mim,
que é tempo de ser feliz!
Aceitaríamos qualquer coisa,
todas as coisas,
como se mais nada houvesse,
além delas, nem dentro delas,
nem mesmo dentro de nós.
E saberíamos que
a acomodação, a anulação,
que a rotina estafante,
que o não sonhar,
que o não amar,
anulam todas as expectativas,
todas as emoções, todos os anseios.
E saberíamos então,
que é tempo de mudar...
Que este é o tempo...
O TEMPO DE SER FELIZ!*

LEINECY PEREIRA DORNELES é natural de Bagé-RS. Pedagoga, orientadora educacional, poetisa e ativista cultural na cidade do Rio Grande. Tem dois livros publicados: “Simplesmente Amores” - Poesia e “Um Conto de Saudades e Sete Crônicas do Dia-a-dia” - Contos e Crônicas. Participação em mais de 109 Antologias e/ou

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

Coletâneas no Brasil e exterior. Graduada em Tecnologia da Educação, Língua e Cultura Inglesa (Na Inglaterra) e Língua e Cultura Portuguesa (Portugal). Ganhou vários prêmios por todo o Brasil e exterior.




Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O palco da vida

(Lourdes Neves Cúrcio)

*A vida tornou-se um palco
Onde muitos usam máscaras
Sob as quais vão ocultando
Suas próprias identidades:
Verdades se tornam mentiras...
Mentiras se tornam verdades.
Exímios protagonistas
A interpretar seus papéis
Exibindo a imagem da vida
De maneira distorcida
Ao público extasiado
Com o realismo da trama
Nesse cenário burlesco.
A versão apresentada
Não condiz com a realidade,
Pois retrata tão somente
O logro e a mediocridade;
O errado hoje é certo...
O certo hoje é errado.
E a plateia a aplaudir
Conivente a se iludir
Com o grande espetáculo
Que a todos contagia,
Pois essa é a melhor forma
De fugir da realidade
E embarcar na hipocrisia
Desse baile à fantasia.
Às vezes, por mero descuido,
A máscara vem a cair
Permitindo vir à tona
A verdade nua e crua,
Porém, em curtíssimo tempo,
A máscara é resgatada
E a farsa continua...*



LOURDES NEVES CÚRCIO, escritora e Bacharel em Direito, nasceu em São João Nepomuceno-MG e reside em Barra Mansa-RJ. Membro efetivo do Grêmio Barramansense de Letras - GREBAL, da Fundação Cultural Del'Secchi e da Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores - AVSPE, é autora do livro "Reflexões Poéticas" e de poesias, crônicas e contos, publicados em dezenas de Antologias Literárias. Premiada em Concursos Literários de âmbito nacional e internacional, é participante da Câmara Brasileira de Jovens Escritores, do Celeiro de Escritores, da Antologia Poética Valdeck Almeida de Jesus e da Antologia Literária Del'Secchi. É destaque no "Guia de Eventos e Negócios de São João Nepomuceno 2011", publicação coordenada pela Prefeitura Municipal de São João Nepomuceno-MG.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Espermatozoides

(Lucas Expedito Claro Prado)

O vencedor é o predador, toma uma posição melhor entre outros concorrentes, alguns agem com modos, outros nem tanto, quaisquer que sejam não deixaram ser levados à negatividade, construíram as suas casas em árvores. Sim, em árvores nas quais tudo está interligado, assim como árvore genealógica. Os ganhadores desse universo surgem a partir de um núcleo familiar, possibilitando, as melhores proporções de conexão nas esferas do campeonato.

Quando não há uma positiva estruturação familiar, o humano desiste e, em muitos casos, torna-se, depressivo, porém, não é pequeno e nem irrelevante nessa dimensão global, ele permanece (ou não) em questões morais e afetivas da natureza e do cosmos. Enfim, imperfeição é com a humanidade e suas respectivas danificações através do consumo, agressão ao meio ambiente, guerra, etc.

E, com mais profundidade na humanidade, também o “espermatozoide humano” vencedor, que permanece no “silêncio” pertinente ao estado de sua inquietação corporal. Comparo-os com as aglomerações de estrelas e outros fenômenos astronômicos pelas suas agitações em modo silencioso.

Entre ansiedade e depressão, não vendo a força da vida que tantas coisas oferecem, numa existência de passados vividos de maneira superficial, vivendo no morno, porém não sem esplendor, as expectativas para um futuro de sucesso dentro da realidade, não vendo a vida em outros ângulos, por causa da alienação cultural e social.

E a origem da vida, repleta de complexidades nesse universo? Deus a criou, ou foi a Teoria do Big Bang? Fé ou ciência? Algo especial e eterno no surgimento da vida. E o nosso papel na vida? O que devemos fazer? Certos humanos “precisam” ter o conhecimento de um “Deus”, com medo de ficarem no vazio, outros não, tem pontos de vista diferentes, no realismo. Enfim, a escolha é de cada um: viver conforme a natureza ou pela graça.

Por fim, há uma ignorância nos espermatozoides escolhidos sem uma melhor qualificação familiar. Não conseguem viver com os perdas que os ventos trazem, mesmo com os rostos tristonhos, medonhos, e mais, com suas inocências e consequentes perdas por causa do amadurecimento. Suas dores, seus amores, seus lamentos, seus conformismos com o destino e o medo de aceitarem a morte como

um processo definitivo em suas vidas - um contrato assinado, quando nascemos. As árvores e suas raízes de experiência são importantes no crescimento, no magnífico espaço do fracasso e do sucesso. E as coisas estão bizarras demais, o anseio de dizer que ama as pessoas é silenciado, inventa-se sempre uma desculpa do tipo "estou ocupadíssimo". Precisamos encher uma xícara de café, sentar na varanda e conversar mais, longe da internet, que separa o humano do humano e da natureza. Mas, não; todas as tardes as pessoas vão embora. E solitário fico, acreditando que a vida seja feita de algo mais além das montanhas virtuais, algo que possa trazer mais alegrias ao coração.

LUCAS EXPEDITO CLARO PRADO é natural de Taiacu-SP, escritor, poeta, jornalista e publicitário. Participa de sete antologias de poesias e crônicas, inclusive de Lisboa. Em 2013, serão lançadas mais duas antologias poéticas com sua participação. É graduando em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, curso que concluirá em 2013.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Um retrato baiano: Capitães da Areia (Sem-Pernas)

(Luciana Zacarias)

Um dos capítulos mais tocantes de Capitães da Areia é “Família”, logo na primeira parte do livro. Este tem como foco o personagem Sem-Pernas e a sua moradia na casa de uma rica família do bairro da Graça. Não foi à toa a escolha do personagem. Com ironia, Jorge Amado opta pelo mais rancoroso, amargurado e carente do bando para o papel de bom menino, em busca de uma família que o resgate. E ele se destaca de forma magistral ao fazer o apelo que nega sua própria realidade: “Se eu quisesse me metia aí com esses meninos ladrão. Com os tal de Capitães da Areia. Mas não sou disso, quero é trabalhar. [...] Sou um pobre órfão, tou com fome...” (sic). Além disso, utiliza o próprio defeito físico para se reafirmar como coitado e causar comoção no outro.

O cinismo da postura inicial de Sem-Pernas demonstra uma situação ainda tão atual quanto na década de 30 (época do livro e da história). São meninos excluídos por uma sociedade elitista, carentes de afeto, moradia, alimentação, educação, lazer, e que, para sobreviver, aproveitam-se da piedade de alguns ricos para depois roubá-los. O aumento da pobreza e a banalização de fatos como esses provocam a diferença entre ontem e hoje, contexto no qual esses meninos são ainda mais repudiados.

É chocante ver a ingratidão de Sem-Pernas ao viver à custa dessas pessoas que o adotam, desfrutando de tudo que lhe era oferecido, enquanto calcula como será o assalto na casa onde reside. Apesar disso, é ao longo do capítulo que o mais frio e complexo dos Capitães da Areia vai aos poucos se humanizando e vive um paradoxo psicológico. Ele gosta do tratamento que recebe, mas não consegue se doar em retorno e nem pode desfrutar do amor familiar que sempre quis. Sabia que se acomodar a essa situação significaria ter de abandonar o seu grupo, pelo qual tinha muito respeito. Ao mesmo tempo, também se sente mal por estar num meio onde não se identifica e porque não acredita que gostem dele de verdade, mas da lembrança do filho falecido que ele revive.

É emocionante perceber o arrependimento do menino. Ao ceder aos carinhos maternos de Dona Ester, este se revela frágil e sentimental, tal como fingia ser, mas ainda traumatizado com a violência que sofreu. Apesar de prosseguir com a ideia do furto, no final do capítulo, Sem-Pernas se nega a receber a sua parte do dinheiro, prova de uma verdadeira metamorfose.

Numa análise bem próxima do cotidiano, percebe-se a enorme disparidade econômica, social e cultural entre esses elementos da mesma sociedade. É uma crítica aos valores burgueses, às diferenças de classe e à hipocrisia contida nessas relações, que mascara o preconceito de ambos os lados.

AMADO, Jorge. Família. In: Capitães da Areia. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LUCIANA ZACARIAS, 25 anos, baiana, jornalista e aprendiz de fotógrafa, escritora e poeta nas horas vagas. Site: www.about.me/lucianazaca

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Os Brinquedos de Martha

(Mano Kleber)

Lembro que, quando eu era criança, em casa não costumava ter muitos brinquedos, até porque meus pais não tinham condições econômicas suficientes para nos dar nada além do básico. Apesar de tudo, isso não significa que tenha tido uma infância diferente de outras, ou mesmo sem graça. Eu e meu irmão mais velho tínhamos muito amor e atenção dentro de casa, além de muita imaginação para inventar nossas próprias histórias, diversões e brincadeiras. Os amigos da pequena vila onde morávamos já faziam toda a diferença. E isso nos bastava.

Algum tempo depois, já na adolescência, nas leituras de gibis que fazia, vez por outra, deparava-me com historinhas que, invariavelmente, traziam uma cena inesquecível. Crianças brincavam num quarto e, lá pras tantas, uma resolvia abrir um armário entupido de brinquedos. Não dava outra! A quantidade e a diversidade de artefatos e bugigangas que invadiam aquele compartimento da casa era algo fora do comum. Um tsunami de tralhas por todos os lados, inundando todos os espaços disponíveis. Uma verdadeira avalanche, capaz de deixar qualquer leitor com uma pulga atrás da orelha. Caracas! Como é que isso tudo foi parar ali dentro daquele armário?! Cena extraordinária, fantasiosa e, por isso mesmo, muito divertida. Coisas da imaginação de quem escreve, especialmente para o público infantil. E isso me divertia muito, como se fosse a primeira vez. O tempo passou e, enfim, chegou a fase adulta. As leituras de gibis permaneceram como uma herança boa do passado. Por outro lado, fui agregando o gosto por outros gêneros literários. E, para mim, a afinidade por um determinado gênero é algo que se assemelha à escolha de um estilo musical. Existem aqueles com os quais simpatizo de cara, enquanto outros, por mais que eu leia ou escute, não tem jeito que dê jeito.

Foi lendo muito Martha Medeiros que comecei a tomar gosto pela crônica. Mário Prata, Rubem Alves e Max Gehringer também tiveram papel decisivo nessa escolha. Um gênero simples, claro e objetivo, como deveria ser tudo na vida, e que se propõe a passar um recado. A princípio, os escritos de Martha iam caindo na minha caixa-postal, enviados por amigos. Depois, fui pesquisando na internet outras pérolas dessa jornalista gaúcha. Aí inventei de comprar algumas de

suas obras. Quando menos esperava, como um leitor que ouve o canto da sereia, fui atraído e me encantei por seu estilo. Naufraguei. Sem desmerecer os demais escritores e coma licença deles, devo confessar o que muitos já sabem: essa mulher joga o maior bolão! Em uma das últimas viagens que fiz a trabalho, passando oito horas dentro de um ônibus e não conseguindo agarrar no sono, foi Martha quem me fez companhia praticamente durante todo o percurso, tanto de ida como de volta. Viajei com ela. Já prevendo que o desconforto de dormir em um banco de ônibus iria acontecer, agarrei-me ao “Feliz por Nada” como quem se agarra a um bote salva-vidas. À medida que lia suas crônicas, fui me lembrando do armário de brinquedos e pensei nos brinquedos de Martha. Imagino que ela possua algo parecido, só que, ao invés de bonecas, casinhas, ursos de pelúcia, joguinhos “cuticuti” e outros objetos afins, essa divina escritora deve dispor, em algum lugar, de um armário entupido de palavras, terminologias, ideias e expressões que costuma usar em tudo que escreve. Sim, porque Martha, invariavelmente, utiliza um arsenal fabuloso e diversificado de sua brinquedoteca (ou “palavroteca”), quando se trata de destrinchar os temas mais comuns do dia-a-dia dos simples mortais. Coisas sutis que acontecem com ela, comigo, com você, com seu gato, cachorro ou papagaio. Quem leu “Feliz por Nada” vai entender porque não digo que “acontece com todo mundo”.

Ela, quase sempre, começa de mansinho como quem não quer nada e, de repente, tal qual uma Daiane dos Santos, dá um salto triplo mortal carpado e já se transforma num Rambo com sua metralhadora de ideias geniais em punho, disparando para todos os lados. É uma ideia atrás da outra, todas juntas e misturadas. E todas se encaixam como peças de um Lego, causando um frisson arretado na cabeça do sujeito. Cessado todo esse burburinho de argumentos, que sempre me pareceram caseiros, normalmente, Martha puxa da manga uma carta para arrematar a parada. Dá um sopro no cano da pistola que havia escondido em sua indumentária gauchesca e coloca-a de volta na cartucheira com aquele olhar 43, como diria Paulo Ricardo, “aquele assim meio de lado, já saindo, indo embora”, como quem diz para o leitor: e aí? Chupa essa manga!

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

A menina do raio de sol

(Mano Kleber)

*Não lembro muito bem quando ela surgiu.
Só sei que, naquele dia, o sol completamente se abriu.
E quando as pessoas me perguntam:
- Quem é essa tal menina que você conheceu um dia?
Eu simplesmente paro, penso e lhes digo...*

*Não sei exatamente como explicar...
Só sei que ela é tímida e sapeca ao mesmo tempo.
E, se fica triste, é apenas por um momento.
Ela brinca, cai e se levanta
E, com as coisas mais simples da vida, ela se encanta.*

*Tímida, como um raio de sol, por vezes ela se esconde,
Assim, por trás de uma nuvem ou por trás de um monte.
Quando sapeca, era engraçado o que de repente acontecia...
Todas as vezes que ela aparecia
Meu coração se enchia de alegria.*

*Mas, toda vez que ela ia embora,
Tudo ficava triste nessa hora.
Pra mim, ela é como um raio de sol, que ilumina o meu dia.
Mas não sabe o tamanho da alegria que sua presença irradia.*

*Ela traz no peito um coração cheio de energia
Que bate mais forte quando amanhece
E se acalma ao final do dia,
Toda vez que o sol desaparece.*

*Ela traz no peito um coração cheio de esperança
Dos bons momentos que guarda da infância.
Sua cabecinha é cheia de sonhos e planos.
Sua vida cheia de amigos e de encantos.*

*Não lembro muito bem quando ela partiu.
Só sei que, naquele dia, o sol simplesmente não sorriu.
E quando as pessoas me perguntam:*

Premio Literario Valdeck Almeida de Jesus – 2012

*- Onde é que anda essa tal menina que você conheceu um dia?
Eu simplesmente paro, penso e lhes digo...*

*Não sei como explicar exatamente...
Só sei que ela ainda passeia pelo meu coração de criança
E comigo sempre a levo na lembrança.
Quem sabe um dia ela venha novamente
E me traga de volta aquela alegria em seu rostinho sorridente.*

MANO KLEBER (Kleber do Nascimento Silva) - Escritor, poeta e professor. Participou do Projeto Poesias Encantadas III e IV (2011/2012), sob a organização de Luciano Becalet, pela Editora Scortecci. Autor dos livros infantis “Como isso seria se assim não fosse?” e “Cada passarinho no seu cantinho”, premiado e publicado SEDUC-CE (PAIC) em 2011/2012.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Pé de Davi

(Marcela Marques Serrano)

*Eis o pé mais bonito que já vi
Fruto tão doce, jamais conheci!
É o pé de Davi, davizeiro
Dá Davi o ano inteiro*

No silêncio da escrita.

(Marcela Marques Serrano)

*Não sou muito dada às falas.
A palavra falada se perde no céu da boca
Trava nas papas da língua
Esconde-se entre os dentes
Teima em não sair
E, quando trôpega escapa,
Perde-se no vento, vaga ao relento
Anda por aí sem dono e sem documento
Já no papel, palavras deitam adormecidas
Quando veem, já foram ditas
No silêncio da escrita
Já não há como fugir.*

MARCELA MARQUES SERRANO nasceu no Rio de Janeiro, capital, em 2 de julho de 1976. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora de Sociologia no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET-RJ. Casada, mãe de três meninos, que são pura inspiração.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

A Cidade dos Errados

(Marcelo de Oliveira Souza)

Desde quando saímos de casa, a gente aprende a se defender. Infelizmente, o tal do jeitinho denigre a nossa imagem e enfraquece a nossa cultura.

Ao raiar do dia, adentramos a selva urbana, onde todos querem ser espertos - e o mal do esperto é pensar que todos são ingênuos -, mas, antes disso, sempre temos que nos deparar com as primeiras provas diárias; temos que tirar o nosso carro do estacionamento e percebemos que ele está amassado, algum incauto não soube manobrar o seu veículo ou estava cheio de cerveja para controlar o volante. Mas não é isso somente que podemos ter de surpresa matinal: podemos encontrar o carro riscado por um vizinho invejoso ou até trancado por outro vizinho que não achou vaga para estacionar, resolvendo colocar o veículo dele em qualquer lugar.

Ao tentar seguir pela pista, muitas pessoas não saem das ruas; outras vezes, não tem calçada, ou por falta de espaço físico mesmo, ou porque alguém estacionou justamente no caminho do transeunte, ou então porque o morador resolveu invadir a calçada para aumentar o seu imóvel. Caso seja em região de favelas, você tem que sair manobrando e esperando as pessoas passarem, buzinar baixinho para não aborrecer quem está passando. Se o pedestre tiver um carrinho de mão, o motorista tem que ter muita paciência, mas muita mesmo; apesar da calçada, eles acham que no asfalto é mais fácil empurrar o seu mondrongo, o condutor do veículo que espere.

Há momentos em que o trânsito para porque alguém desceu para comprar jornal na banca de revistas e fica ali mesmo, no meio do caminho, outras vezes é porque há um caminhão descarregando em uma pista estreita.

Tem vezes que temos o desprazer de encontrar loucos na rua, ou muito espertos, para se jogar na frente do carro, isso mesmo! Na frente do carro para se machucar e pedir indenização.

O trânsito em Salvador é um horror! Quem aponta a seta de sinalização, para indicar o seu destino, sai prejudicado, pois o motorista de trás - seja lá a que distância for - acelera mais que Airton Senna, somente para passar na sua frente; assim muitas pessoas preferem não sinalizar. Estacionamentos na cidade do caos existem muito poucos, quando colocamos o carro na rua, surgem aqueles “flanelinhas”, que cobram

para não riscar o seu veículo, ou até fazer coisa pior. Todos sabem dessa “lei”, mas o pior é que a “lei do cão” vigora e ninguém tem peito para coibir tal absurdo!

Placas de sinalização não são respeitadas, motoristas de ônibus disputam com taxistas e motoboys. A companhia de trânsito não dispõe de gente suficiente para multar, pois o que tem de gente infringindo a lei e o que tem de multas não dá para mensurar. O que não entendemos é para onde vai esse dinheiro, porque para melhorias de sinalização e asfaltamento não é.

A falta de educação é geral. Até em filas há gente que prefere não respeitá-la, invadem a fila do caixa eletrônico e ainda vociferam que fila é para otário; e assim retiram o seu dinheiro e sai.

No cinema tem sempre alguém para ficar gritando, chamando, apontando, empurrando a poltrona de quem está na frente, tornando o prazer da sétima arte um verdadeiro suplício.

As festas públicas, aquelas como Carnaval e Lavagem do Bonfim, são propaladas aos quatro cantos do mundo, mas quem se diverte mesmo é quem está em camarote; para quem está no meio do povão é a festa do empurrão, do solavanco, da cacetada e do ônibus superlotado, isto quando não tem arrastão na própria condução.

As opções para quem está na cidade como Salvador são diminutas, principalmente para quem quer um programa com a família, e, quando acontece, o nível vai lá embaixo, se não fosse uma certa deputada, ainda seríamos obrigados a pagar para ouvir impropérios pornográficos.

E, agora que chegou o tempo de eleição dos “sorridentes”, a guerra recomeça, para “mamarem” por quatro anos, ou mais quatro, no caso de reeleição. No interior, dá até morte e, na capital, é propaganda para todos os lados. Somos obrigados a assistir a toda essa poluição sonora e a visual, ouvir tudo o que os “sorridentes” têm a dizer na televisão, no martírio eleitoral; ainda há gente que os defenda, mas o pior é que a Cidade dos Errados é apenas uma cria do País dos Errados, onde a lei não funciona, o mesário é obrigado a trabalhar de graça e o eleitor é obrigado a votar em quem não quer. O sistema brasileiro de deseducar o cidadão promete tudo sempre, mas a educação, a saúde e a segurança continuam a definhar e a envergonhar o nome deste país emergente, cujo povo afunda no meio da falta de direitos básicos e na existência de muitas leis que não funcionam.

Quando o cidadão de bem volta de sua labuta diária, nessa selva, ele se sente como um alienígena na terra “abençoada por Deus” e maltratada pelos homens.

MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA é natural do Rio de Janeiro, Professor de Língua Portuguesa, formado na Universidade Católica

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

do Salvador. Pós-graduado pela Faculdade Visconde de Cairu, em convênio com a APLB/UNEB. É membro titular do Clube dos Escritores de Piracicaba; da Academia Cabista de Letras, Artes e Ciências; da União Brasileira dos Escritores; da confraria de Artistas e Poetas pela Paz - CAPPАЗ; da Associação Poetas Del Mundo. Participa de vários concursos de poesias, contos, além de ter publicações em jornais e revistas estaduais, nacionais e internacionais. É organizador do concurso literário anual "Poesias sem Fronteiras".

Decreto de Lei: Suicídio Coletivo

(Marcelo Moreira)

Declamo em nome dos partidos:

*Ganhamos o poder
Lutamos pela guerra
Somos “divididos”
Não queremos união
Interesses “diferentes”
Conquistamos a nação*

*A praça é majestosa
Não se devem cultivar as sementes de perdão
O poder é o meio de banir a compaixão
A bandeira hasteada manifesta imposição*

*Canibalismo
Selva de seus pesadelos
Sonambulismo
Soma de seus desesperos*

*Os olhos vermelhos
Sede e vingança
Estímulos à ira
Extinguir ser humano
Contaminam alimentos
Fábricas de venenos
É a distração, é o monitoramento*

*Vamos marchar, vamos marchar
É a lei de sacrifício
Vamos marchar, vamos marchar
É a lei do suicídio
Vamos devorar feitos aqueles primitivos
Duelos entre si, degustamos homicídios*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

*Deturpada realidade à sutil vibração
Realidade manipulada com extrema emoção
Sustentar hipocrisias, reação solução
É de frente a Tela a (dês)informação*

*A massa cria e nós somos pensadores
São eles construtores dos desejos
Do Capitalismo de pobres e de ricos
Paradoxo de equilíbrio entre tantos e tão poucos*

*Vamos marchar, vamos marchar
É a lei de sacrifício
Vamos marchar, vamos marchar
É a lei do suicídio coletivo*

Aventura num Estádio de Futebol

(Marcelo Moreira)

*Bola!
Um eterno futebol
Craque!
Traz o clássico à final
Time!
A partida inicia
Chute!
O estádio todo em peso
Vaia!
O juiz mandou marcar
Pênalti!
Desespero se inicia
Gol!!!
A torcida a delirar.*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Espécies de Visões

(Marcelo Moreira)

*Eram dois leões e um gato siamês
Estavam todos reunidos em comunhão
Sentaram-se, as palavras em silêncio
Momentos raros, era um ego em discussão
Terminaram a refeição
Sem certos e errados, seguiram cada um a sua direção
Vejo então ideias no lugar
Mas se os lados estão preenchidos
Será que vão poder se alimentar?
E vão saudando
Saudando as vacas de chifres
As borboletas se tornam miúdas
As mensagens enviadas por cegos e por surdos
Transmutam os muros de desejos
Loucuras
Tão nuas, tão cruas, despedaçadas sobre um chafariz
O que fizeram e o que disseram de si foi capaz de curar os seus gri-
los e anfíbios
Em esquinas, teimosias e aves de rapinas
Esquimós e mendigos não falam em peixes mudos
Porque é que no escuro mamíferos procuram por suplícios?
Suplico por seres Humanos
São visões diferentes do mesmo plano
Num imenso plano de diferentes visões*

MARCELO MOREIRA DOS SANTOS é natural de Salvador-BA. Participou de duas antologias pela Câmara Brasileira de Jovens Autores em 2012. Formado pela Universidade Católica em Administração. Produtor Cultural, poeta contemporâneo, artista livre de padrão.

Universo meu

(Marcos Samuel Costa da Conceição)

*Sempre me achei perdido
no universo
nas minhas infâmias
não achava eu prazeres*

*Mas colocando-me junto
ao papel, deixando-me
escrever, sentia-me Machado!
Sonhava como Matos.*

*Sentia-me herói,
até estrelas no meu céu brilhavam,
e os ventos dos campos*

*Em mim sopravam mais...
Sou gente no papel,
errante fora...*

MARCOS SAMUEL COSTA DA CONCEIÇÃO é poeta, escritor, e músico. Publicou um livro de poesia: “Pés no chão e sonhos no ar”; três livretos de forma artesanal: “Primeiro amor, primeira dor”, “Eu e as drogas, quem vale mais?”, “Caminhantes amigos”; e já participou de várias antologias do CBJE e Celeiro de Escritores, entre outros.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Quem sou eu?

(*Maria Angela Manzi da Silva*)

*Aqui estou
De alma limpa, sem disfarces, sem pintura
Apenas eu.
Sem as muitas facetas
Impostas pelo dia a dia.
Meu reflexo no espelho transmite
Minha incompreensão, meus medos,
Minha ânsia de entender o inexplicável!
Quem sou eu?
Talvez um elo solto
Em uma cadeia sem fim
Em um universo estranho e sem nexos.
Um simples gesto, uma palavra, uma mentira
Transformam-nos em seres distintos,
Ambiciosos, ávidos pelo poder.
E onde ficam os sonhos, os desejos,
As esperanças vivenciadas em uma infância
Plena de paz e serenidade?
Perderam-se esses sentimentos
No jogo adverso da vida,
Nos meandros da mentira,
Nas jogadas do destino.
Por que nos tornamos adultos estranhos,
Frios, incrédulos?
Quero minha infância de volta,
Minha alma mágica, minhas fadas,
Meus duendes, minha fantasia,
Meu mundo de faz-de-conta.
Quem sou eu, afinal?
Não sei! Não me encontrei ainda!*

MARIA ANGELA MANZI DA SILVA é natural de Americana-SP e, desde 1969, reside em Campinas-SP. É funcionária pública estadual, membro do Comitê Editorial da Revista Bragantia e revisora de vernáculo, sendo ferrenha defensora de nosso idioma. Premiada

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

em 1.º lugar no Concurso “Amor em tempos de paz”, do Grupo dos Poetas Livres, em 2008. Sempre gostou de escrever e, aos poucos, vai se aventurando pelo maravilhoso mundo literário.



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Libertação

(*Maria Aparecida S. Coquemala*)

Leve, minha alma se liberta e cresce.

Minha alma que nunca esteve tão alegre,

que abandona este corpo que se esvai...

Minha alma transcende, avança no espaço...

Levada pelas asas do desejo, rumo ao infinito...

Minha alma atravessa o arco-íris

e se pinta com as cores da alegria.

Apagam-se todas as lembranças doloridas.

Silenciam para sempre as vozes da saudade,

da tristeza, da dor, do sofrimento...

Vão-se revelando à minha alma,

os segredos todos do Universo...

Já não há perguntas sem respostas.

Já não há corpo, agonia e morte.

E a minha alma inteira, sem recortes,

realiza todas as minhas fantasias.

Razão e sentimento se fundem em harmonia.

Minha alma andarilha avança no infinito

desvendando veredas na eternidade...

Minha alma é única na multiplicidade.

José Saramago

(Maria Aparecida S. Coquemala)

Romance “A Caverna” - personagens e estilo

Os Personagens - Cipriano Algor, 64 anos, viúvo, oleiro. Como foram também o pai e o avô? Peças de cerâmica garantiram o sustento destas famílias por três gerações. A filha Marta e o genro Marçal Gacho vivem na mesma casa, numa aldeia, distante 20 km do centro da cidade, onde se expande um Shopping Center descomunal, aos poucos abocanhando a cidade. Cipriano, por ocasião da entrega da última remessa de encomendas ao Centro, é informado de que suas peças não mais serão compradas e que deverá retirar a carga não vendida em curto prazo. Clientes do Centro preferem artigos industrializados, de preferência plásticos, mais resistentes e baratos. Os diálogos entre Cipriano e o subchefe de vendas são tensos: lógica, sinceridade, sentimento e emoção do oleiro se chocam com a impessoalidade do mercantilismo do subchefe. O rompimento abrupto do contrato mergulha Cipriano numa crise de pessimismo quanto à subsistência. É ali no Centro que trabalha Marçal Gacho, guarda, não residente ainda, mas sabe que em breve o será, como sabe também sabe que o emprego no Centro é apenas uma opção de trabalho, há que aceitá-la, não se pode ir contra a corrente impetuosa da modernização. Apreende as sutilezas que ligam o sogro e a filha, num mundo de comunicabilidade tecida em anos de afeto e compreensão, amor e solidariedade. Marta, a filha, sensível e inteligente, apreende, complementa, aprofunda, explica e enriquece o mundo psicológico paterno. Isaura Estudiosa, a viúva, se enquadra no esquema dos demais personagens. Tem uma lógica e clara visão do mundo sem prejuízo da afetividade. Completa o conjunto de personagens o cão Achado, mas achado mais no sentido de que encontrou os que lhe respondem à ânsia de compreensão e afeto. São personagens caracterizadas pela afetividade solidária, que se auto internalizam, sem concessão ao que não é lúcido e claro, donde que frases superficiais acabam trazendo à tona as estruturas psicológicas mais profundas, reveladoras da angústia de todos perante um mundo mercantilista ameaçador, globalizado e despersonalizado. Mundo da globalização, da informatização, onde o homem vai perdendo a essência humana. As perspectivas são preocupantes, há um

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

esmagamento sem nome, a que Cipriano quase sucumbe. Contra a espontaneidade da comunicação da aldeia, o tecnicismo do Centro. É o Humanismo se perdendo no mundo da globalização, a que resistem as personagens da aldeia. E que um dia abandonam a Caverna (Centro), partindo para o mundo luminoso e real da natureza e dos homens em sua humanidade.

O Estilo - *Pode-se dizer que José Saramago revoluciona a linguagem formal: sinais convencionais de pontuação, como a interrogação, os dois pontos, o travessão são substituídos simplesmente por vírgulas. A letra maiúscula substitui dois pontos e travessões. Tais modificações se fazem sem prejuízo do entendimento. E, se por um lado exige leitura mais cuidadosa, por outro aproxima o diálogo escrito do falado, dando-lhe mais naturalidade. As personagens se revelam nos diálogos lógico/afetivo/crítico/analíticos.*

Conclusão - *Vive-se hoje numa sociedade psicologicamente doente. A fuga da realidade através do crescente consumo de drogas, do alcoolismo, do consumismo exagerado, de suicídios e homicídios crescentes, são sintomas de um mal social maior, do qual não nos damos conta justamente porque é socializado e banalizado. Contra a crescente perda de nosso maior valor, a nossa essência humana, coloca-se o escritor José Saramago, neste belíssimo livro, um viés, certamente negativo, mas nem por isso menos verdadeiro, contra o mecanicismo e a impessoalidade que grassa hoje no mundo. A Caverna é uma caricatura do mundo dos negócios. As irônicas, mas legítimas, falas de Cipriano expõem o ridículo e a crueldade de um mundo despersonalizado.*

Estaria aqui a essência do autor, um lobo da estepe perdido entre o humanismo que se esvai e a fria impessoalidade do nosso tempo, na gradativa ausência do outro, o que nos confortava. A pior forma de materialismo, no dizer de Lacan. Como na escura caverna de Platão, cujos habitantes apenas conseguem vislumbrar a perfeição de um mundo exterior luminoso e verdadeiro, assim as personagens de Saramago se movem inquietas entres as sombras previstas, depois vistas e vividas. E, por fim, abandonadas, em favor de um mundo natural e luminoso das coisas e dos homens.

MARIA APPARECIDA S. COQUEMALA é autora de poesias, crônicas e contos premiados no Brasil e exterior. Premiada pela UBE-Rio, com “Na Gruta Azul” (segundo lugar), e pelo Correio das Artes, Jornal A União, e também pelo Governo do Estado da Paraíba, com “À Espera” (primeiro lugar), ambos coletâneas de contos. Textos de seu livro infanto-juvenil “Naná e o Beija-flor” são usados como incentivo à leitura em escolas de Barra Bonita-SP.

Boneca de Pano

(Maria do Socorro de Melo)

Poderia ser da Graça, pela simpatia, mas era simplesmente Maria. Seu mundo e tudo o que vivia nos poucos hectares daquele fundão se resumia.

Maria, que cedo dormia, tinha por certo uma mania: contava estrelas e se embevecia. E, ao olhar o céu, a lua, elevava preces à virgem Maria... Acordava cedo, ao cantar do galo, e, quando se punha na estrada, as últimas estrelas ainda não tinham se recolhido. Era assim todo santo dia. Ia para os currais alimentar os animais, e os tratava pelo nome: era Mimosa, Estrelinha, Malhada... As vaquinhas amadas. O velho cavalo, que quase não trotava, chamava carinhosamente de Imperador. E a gatinha manhosa, cor de mel, era Tiana.

Ao voltar da roça, ou dos currais, Maria se voltava para os afazeres domésticos, naquela casa de taipa, onde tudo era rústico, e de onde se via a fumaça na chaminé e o café fumegando no fogão a lenha. Amassava o pão, pilava o café, cozia batatas e, entre um afazer e outro, buscava uma lata d'água, que trazia na cabeça, lá do barreiro que ficava próximo ao oitão da casa.

Cuidava com esmero dos canteiros, das hortaliças, manjericão, alecrim, hortelã, pimenta, e das flores. Fazia gosto ver seus girassóis sempre dourados, imponentes... E encantava-se com as margaridas, sempre tão belas, tão delicadas e simples, como ela.

À luz do lampião, ela soletrava, juntava as letrinhas e lia... Gostava de cordel, se divertia... E escrevia? Rabiscava, mas se entendia... Para onde ia? E de que gostava? Do Natal, da missa do galo, do pastoril e do reisado, com cores mil... Do vestido rodado, de tecido estampado, de azul anil.

Maria nunca falava de amor. Aliás, penso eu que nunca teve um amor, ou melhor, nunca viveu um grande amor. Não gerou filhos, mas teve muitos, do coração, e os amou.

E tinha um talento que era pura magia! Fazia bonecas... Bonecas de pano. Num bauzinho de madeira talhada, guardava seus apetrechos de costura: tesouras, linhas de diversas cores, agulhas de todos os tamanhos, inúmeros botões, peças de sianinha, de galões bordados, bicos e fitas delicadas, retalhos de tecidos: estampados, lisos, listrados, rendados, de seda, malha, xadrez e tantos outros. Vez por outra, quando lhe convinha, ou quando uma criança insistente, assim como

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

eu, lhe pedia, lá ia Maria lançar mão do seu baú e usar de sua criatividade. Deixava então a imaginação fluir... E produzia.

Naqueles instantes, esquecia-se do trabalho duro da roça, das mãos calejadas, do coaxar dos sapos, do canto impertinente da cigarra, dos mugidos de Malhada, da preguiça de Imperador, e do miado de Tiana. E se concentrava no que mais gostava de fazer. Era habilidosa. Eu a via recortar os retalhos, misturá-los, costurá-los. E, diante dos meus olhos, a arte se formava. As bonecas, loiras ou morenas, tinham semblantes sisudos ou suaves, dependendo do estado emocional de Maria. E em meio a cantigas, modinhas e assovios, a plástica se fazia. Como eu a admirava! Por vezes, se mostrava nostálgica, distante, mas as mãos habilidosas, ágeis, graciosamente se moviam.

Maria, que nunca teve vaidades, que sempre foi tão singela, e que era parte da natureza que lhe rodeava, era dona de um imenso coração: doava-se sem medida, e amava sem condição. Falava de um modo peculiar, bem brejeiro, mas era cativante no seu discurso. O bom humor era uma característica notável, e a ingenuidade uma particularidade.

E foi assim que viveu Maria, uma flor do dia, que habitou este planeta, que sonhou e fez bonecas de pano, e que depois partiu para o céu das meninas, para fazer bonecas e levar alegria... Maria, da graça, do amparo, da singeleza, a ti os meus versos, a minha poesia, que por ti se revestiram de beleza, de encanto, de simplicidade e de pureza.

MARIA DO SOCORRO DE MELO é natural de Belo Jardim, interior do Estado de Pernambuco. É licenciada em Letras e exerce atividade pública federal desde 1990. É poetisa e contista amadora. Através dos seus textos, reflete e exalta a vida, a fé, a natureza e o amor, propondo-se a transmitir mensagens de otimismo e esperança. Foi classificada no VII Prêmio Literário de Crônicas Valdeck Almeida de Jesus, em 2011.

Eu Não Consigo

(Maria Luiza Falcão)

(04/01/2012 – As chuvas de verão fazem estragos... de novo!)

*Tem coisa que eu não consigo compreender:
Há placas de velocidade máxima nas estradas
Há radares para flagrar os infratores,
Mas há placas para avisar que há radares...
Ora, quem desrespeita os avisos já é infrator
Já assume o risco de um evento danoso
Carrega desde então a culpa em si, mas...
Tem coisa que eu não consigo compreender:
Há estudos sobre áreas de risco
Encostas, beira de rios e outros mais
Há licenças concedidas para quem constrói dentro da lei,
Mas estruturas se fragilizam e prédios caem,
Ora, quem foi responsável pela obra assumiu
E confiou na idoneidade de quem permitiu e também assumiu
Quem pagou por tudo, seus sonhos desmoronaram
Pois acreditaram nas leis e nos homens, mas...
Tem coisa que eu não consigo compreender:
Há lei contra dirigir alcoolizado
Há aparelho para aferir se há álcool no motorista,
Mas não se pode produzir prova contra si mesmo...
Ora, quem desrespeitou é infrator,
Assumiu o risco do evento dano, incapacitação, morte
Carrega desde então o dolo em si, mas...
Tem coisa que eu não consigo compreender:
Há catástrofes todo ano, mesmos meses, mesmos pontos
Há pessoas retornando aos lugares arrasados, pois não têm outro
Ontem Rio, hoje Minas, amanhã outros irmãos,
Mas há os que permitem, prometem e não cumprem, podem e não
fazem...
Há verba para reconstruir o que a natureza arrasou
Há o suficiente para dar nova vida a quem perdeu tudo
Mas “dinheiro na mão é vendaval”,
Na vida de quem tem o poder, mas nada perdeu...
Será que tudo isso é coisa que alguém possa compreender?*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

MARIA LUIZA FALCÃO, mineira de coração e moradia, escritora e artista plástica, delegada da APPERJ em Belo Horizonte-MG. Publicados: “Afonso” e “Minas – contos Gerais 1”. Inéditos: “Afonso – um brasileiro das Minas Gerais” e “Diário”. Diversos textos para teatro (infantil, jovem e jovem/adulto) montados e inéditos. “Cinderela do Agreste” (teatro infantil), Menção Especial “Alice da Silva Lima” em Concurso da UBE/RJ. Crônica “O Guardião”, selecionada pela Votorantim Celulose para publicidade/SP. Colunista em jornais e revistas online. Textos e poesias publicados em coletâneas. Presente em festivais, exposições e feiras, na TV Futura, TV CNT, TV Educar e Rede Minas. Projetos de incentivo à leitura: coorganizadora do projeto “Perdidos & Achados” (RJ) e presente no projeto “Pingos de Leitura”, da Prefeitura de Belo Horizonte-MG, Organizadora do projeto musical “Caminhando&Cantando” (RJ).

O Inexplicável complemento da vida!

(Mariângela Padilha)

Há tempos o amor tem inspirado poetas e escritores. Como uma palavra de significado tão simples pode se mostrar tão complexa? Pode-se chegar do amor ao ódio em minutos, segundos talvez...

Existe uma infinidade de “amores”, todos entrelaçados, como destinos que se cruzam. O amor entre um homem e uma mulher. Ah! As paixões breves! Amor que arrepia! Que dá batadeira! Calafrios! Amor que faz chorar, querer morrer, amor sofrido! Amor de renúncias, escravidão, entrega, possessividade, ciúmes, mágoas, incertezas, decepções, ódio... Como se procura esse maldito modo de se morrer aos poucos! No início, se sente renascer em atitudes infantis, atos adolescentes. No meio, um turbilhão. No fim, saudade, ódio, às vezes solidão. Cada um ama de um jeito! Cada um termina de outro... Nunca se sabe!

O amor ao próximo, como o de Santo Agostinho. É amor de entrega desinteressada. Amor de renúncias pessoais, de compaixão, de solidariedade, de comprometimento com a justiça. Amor de irmãos, companheiros em infortúnio, caridade! Amor a Deus! Amor ao próximo como a si mesmo!

Amor ao país, à cultura e lugar de origem. É amor que causa muita dor quando se está distante da terra natal. É amor que define “saudade”. Amor dos campos de batalha, que nos faz egoístas, frios e sanguinários. Que nos empurra às atrocidades. Amor dos homens de antigamente, que não aparece mais nos corações dos brasileiros. Graças a Deus! Chega de morrer por amor!

São tantos os tipos de “amor”, que muitas vezes confundimos, usamos, mentimos, matamos... Tudo em nome dele. Hipocrisia! Mal sabemos que amor de verdade não mata, gera! Não fere, afaga! Jamais se define. Apenas se sente! Ama-se apenas...

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Inexplicável que te amo

(Mariângela Padilha)

Como explicar?

Estava ali,

Teu cheiro, teu jeito,

Inspirando noites imensuráveis

Em que meu corpo asfixiava o seu.

Era um mundinho à parte,

Poesia misturada a sexo,

Formas e sons desconexos,

Epilogando uma história de amor.

Eu era feliz,

Os brados dos ignorantes

Ruminavam altivos lá fora

E mesmo o contorno da aurora

Cegava-me os olhos confusos.

Dou vida pra te ter!

Dou ar pra te viver!

Teu ser me basta! E como!

Por alguns momentos sou feliz

E o mundo corre lá fora...

Inexplicável que te amo...

MARIÂNGELA PADILHA é natural de Vacaria-RS, residente em Pouso Alegre-MG. Escritora, roteirista e poetisa, funcionária pública, tem um livro publicado, “A Lenda do Corpo Seco”, e vários e-books na internet. Tem um heterônimo gótico “Me Morte” e um projeto de literatura sombria “Vale das Sombras”, várias participações em antologias, revistas em quadrinhos e exposições pelo Brasil.

Há uma luz no fim do túnel

(Marne Pimentel)

Hoje amanheci assim, saudosa da minha vida, quando eu era feliz, sem saber que assim era também a felicidade... Contudo, ouvindo apelos da realidade, deixei sonhos meus deslizarem devagarinho até ensurdecerem nas sombras do meu passado. Ah! Como seria esta vida minha hoje, se eu tivesse ficado olhando aquele céu estrelado, com sua lua brilhante, iluminando os passos do meu amor primeiro, voltando sempre pra ficar, entrelaçando sonhos plausíveis tão somente na ingênua adolescência nossa...

Como suportar as rajadas impiedosas dessa saudade que se estica no tempo, diminuindo meus escassos momentos de alegria real? Todavia, sinto um espaço vazio no centro da minha vida, navegando solitária no desconhecido mar existencial, onde tento luarizar minha paisagem íntima, clareando as sombras angustiantes que bloqueiam a alegria de viver. E, nesses comenos, seguro firme numa cavilosa ilusão de que meus conflitos também passarão um dia... Mesmo vivendo num mundo tão movimentado, nessa correria desenfreada, cercada de toda uma tecnologia que nos envolve e cativa, não vejo alegria nem felicidade plenas.

Até porque o medo nos assedia em toda parte, empanando o brilho das vantagens das coisas materiais para as quais temos vivido, em detrimento das belezas do espírito eterno. É assim que já idealizo mudanças interiores na linha do amor ao próximo, buscando esquecer meus grilos e pensar no que fazer para suavizar a dor do outro, que quase sempre sofre bem mais que nós. É bem verdade que a história da humanidade também se repete entre os que conquistam e os que só têm a alternativa de fugir... Creio ainda que há sempre uma luz no fim do túnel, brilhando, como se apelasse para que a imitemos, deixando nosso egoísmo de lado e passando a emitir vibrações de amor, paz e harmonia geral. Afinal, assim agindo, contagiamos o próximo e fazemos crescer uma corrente de forças poderosa que não custa dinheiro, mas modifica panoramas sombrios em torno de nós e dos outros.

Nosso mundo hoje se encontra numa UTI, precisa de todos nós, e já não há mais espaço para desculpas nem mágoas. Mudando nosso padrão vibratório, marcamos nossa passagem com a luz do amor à vida em nós e nos outros também.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O homem, pensando ser Deus, hoje já percebe que é limitado, temendo seus próprios inventos, que visam somente à conquista de bens materiais, os quais não estão satisfazendo o ser humano por inteiro. Resta cuidar agora das coisas do espírito, renovando-se interiormente, buscando a simplicidade e a sabedoria da natureza, no seu ritmo constante, sendo justa e igual para com todos. Assim, enquanto houver vida, haverá o que nela fazer. Façamos a nossa parte, que o todo será regido pelo nosso pai maior, Deus!

Tempo de fachadas

(Marne Pimentel)

Mansamente, adormeci e assim acordei. Mas reflexiva estou, lembrando com assombro os calvários da humanidade, onde o meu está inserido. Quantas travessias, e nem sempre com pontes, objetivando a evolução do ser, superando estágios com atitudes renovadas pelas condições diversificadas.

Mesmo assim, minha solidão é crescente, e não visualizo rastro de alegria, porque algo de mim foi subtraído numa violência velada, porém não menos cruel. Quisera voltar no tempo para recomeçar mais corajosa.

E então, acessando o baú das minhas recordações, repassando páginas da minha história, sinto falta de mim hoje, vivendo neste tempo de fachadas atraentes, sob desafios constantes no trânsito das avenidas da vida, e ainda tendo perdido o foco da própria identidade, para outros administrarem minha existência.

Deixei-me acorrentar devagarinho e desaprendi de ser livre... Os nós foram se apertando e logo, logo, roubaram de mim a identidade. E, assim, hoje surpreendo-me tentando localizar onde e quando tudo começou, restando-me só esse vazio imenso. Todavia, preciso e quero reencontrar-me para revitalizar meus sonhos no molejo desta vida fatigada, visando sanear minhas incompletudes e fazer reflorescer a esperança de paz em mim e em toda a humanidade.

MARNE DE OLIVEIRA PIMENTEL é natural de São José do Mipibu e reside em Natal-RN há mais de 50 anos. Está aposentada e agora escreve muito mais, ofício que começou na adolescência. Participa de concursos literários, como o “Prêmio Valdeck Almeida de Jesus de Literatura”, para o qual foi selecionada em 2009 e 2010. Contribui para o Recanto das Letras com poemas e sonha lançar o primeiro livro solo.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Entonação

(Matheus Costa de Oliveira)

*Fez-me pouco caso
Quando lhe disse palavras sábias
Argumentos contra suas inverdades
Mas que para ela não tinham significado*

*Fez-me pouco caso!
Tinha instintos como os de animais
Não se importava de ser domesticada
Mas não o seria por palavras racionais*

*Fez-me pouco caso!
Não foi por medo que cedeu às minhas palavras
Sorriu com sinceridade sádica
Tinha atração por quem fosse autoritário*

*FEZ-ME POUCO CASO!
Acredita e cala-te!
Sendo este instrumento tão efetivo,
Sou assim autoritário*

MATHEUS COSTA DE OLIVEIRA nasceu no Rio de Janeiro-RJ. Reside em São José dos Campos-SP, onde cursa o Ensino Médio. Com 16 anos, já demonstra afinidade com todos os gêneros literários. Tem ambição de se tornar escritor de sucesso.

Um olhar é tudo

(Mauricio Duarte)

*As nuvens do Céu e os raios do Sol chegam até mim.
A claridade sutil da Lua e os afagos do vento chegam até mim.
Nunca quis ser sonho,
mas a minha vida se tornou um sonho diante dos olhos meus.*

*A impetuosidade do cavalo e a força da chama chegam até mim.
A vastidão do mar e a segurança da rocha chegam até mim.
Nunca quis ser sonho,
mas meus pensamentos são sonho em minha presença.*

*A negritude do espaço sideral e a luz das estrelas chegam até mim.
A placidez da Via Láctea e o sem forma do cosmo chegam até mim.
Nunca quis ser sonho,
mas meu coração é sonho diante de mim.*

*O infinito da natureza pode ser sonho quando vemos de verdade.
A pureza e a singeleza do selvagem encanto da natureza
são um sonho acordado diante de nós
quando sabemos olhar...*

MAURICIO DUARTE é natural de Niterói, RJ. Escritor, poeta, artista plástico e ilustrador. Tem duas antologias de contos publicadas sob demanda: “Conspiração Literária” e “Conspiração Quadrinhográfica”, além da coletânea de poemas “Poesia Brutista, Simultaneísta e Estática”. É formado em Desenho Industrial - Programação Visual, pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Concluiu o curso de Produção Textual com a poeta Maria Regina Moura na editora Canteiros.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Resenha crítica do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, sob a perspectiva de identificar as características do Modernismo presentes na obra

(Mércia Maria da Silva)

Vidas Secas narra a história de uma família composta por Fabiano, Sinhá Vitória e seus dois filhos (cujos nomes nem são mencionados), acompanhados de um papagaio e da cadela Baleia.

Fugindo da seca do Nordeste, indo de uma fazenda a outra, trabalhando sempre em caráter provisório, não se fixam em lugar algum. O romance *Vidas Secas* foi escrito num momento de grandes transformações econômicas e políticas (a chamada 'Era da Informação'), que deixaram muito visíveis os problemas sociais que ainda hoje perduram nas camadas da sociedade, em especial o atraso e as injustiças no meio rural, frequentemente esquecido pelas autoridades.

Esses problemas foram tratados no livro de forma intencional, através da criação das personagens que compõem a família de Fabiano, retratando as famílias pobres que vivem peregrinando pelo sertão nordestino, totalmente isoladas e oprimidas pelos que detêm o poder de mando.

Sendo uma obra pertencente à segunda fase do Modernismo, podemos perceber a presença de características dessa escola literária no romance de Graciliano Ramos, conforme abaixo:

A linguagem é trabalhada de forma a aproximá-la da realidade, misturando vocábulos do cotidiano nordestino (afastamento da linguagem rebuscada e uso de uma mais coloquial); foi introduzida, portanto, uma linguagem informal, e até a quase não linguagem de Fabiano;

Prosa Regionalista, pois apresenta as características do Sertão Brasileiro. É justamente por conta disso que Graciliano Ramos se importou tanto em descrever detalhadamente o cenário onde se passa a narrativa. Dessa forma, conseguiu caracterizar melhor o sertão através de expressões do tipo: A caatinga avermelhada; o voo negro dos urubus; a terra rachada; espinhos e seixos; o rio seco; ossadas de animais; ressequidão da terra.

Pertencendo à segunda fase do Modernismo, caracterizada por uma maior preocupação com as questões sociais, sobretudo nas regiões

do sertão nordestino, Graciliano Ramos buscou, com Vidas Secas, a melhor maneira de denunciar tais situações de humilhação em que vive o homem, bem como o sofrimento decorrente da ausência de meios para a sobrevivência.

Sua forma é realista, mas sensível em lidar com os problemas, não diria inerentes, mas ligados, relacionados ao Sertão – Realismo Crítico.

A grande preocupação social, como foi observado anteriormente, refere-se especialmente à questão das dificuldades financeiras em meio à seca e à escassez de alimentos, às injustiças e explorações por parte das pessoas mais ricas ou com algum tipo de autoridade, como no caso do Soldado Amarelo, quando Fabiano foi preso e o patrão o submeteu a trabalhos exaustivos em troca de pequenas quantias.

Outras características relevantes que notamos em Vidas Secas é que a família falava pouco, em monossílabos, e Fabiano não sabia falar direito, pois não tinha vocabulário. Há, além disso, uma aproximação entre o Homem e o Animal, pois, muitas vezes, Fabiano e sua família são comparados a animais: " tatu; cabra; cachorro" (caso semelhante ocorre no romance "O Cortiço", de Aluísio Azevedo).

Num primeiro momento, pode ser que o romance "Vidas Secas" pareça ser de leitura cansativa, porém, observando o romance mais profundamente, vemos que muita informação pode ser retirada das entrelinhas. Trata-se de um clássico, uma das obras mais (re)conhecidas desse importante escritor brasileiro, que é Graciliano Ramos, onde o leitor conseguirá entender todo o contexto histórico, político, social e econômico que nortearam a criação do livro.

Foi justamente com tal intuito que escrevi este singelo resumo da história, após ter lido o romance: despertar o hábito da leitura, o que, infelizmente, ainda deixa muito a desejar no Brasil. E fazer com que, entendendo o enredo da história, o leitor possa ter interesse em buscar o texto completo da obra e, jamais, se contentar em ler apenas um ou dois livros, mas buscar sempre outras coleções, especialmente de escritores brasileiros, tais como José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Bernardo Guimarães, Jorge Amado, Aluísio Azevedo e tantos outros que compõem a nossa renomada literatura.

MÉRCIA MARIA DA SILVA, brasileira, natural de Pernambuco, nasceu em 20 de setembro de 1992 (19 anos), na cidade do Cabo de Santo Agostinho. Mora com os pais, quatro irmãos e uma sobrinha. Atualmente, faz dois cursos técnicos - Construção Naval (pelo IFPE Campus Ipojuca) e Segurança do Trabalho (pelo SENAI Cabo) -, além de estagiar pela manhã no Estaleiro Atlântico Sul S/A e esperar pelo chamado da prefeitura do Cabo para trabalhar como auxiliar administrativo (concurso público).

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Ceguei

(Miguel Maria Olivares)

*Olho para o sol, mas não sei se ele me vê
Com tantos olhos, porque serei eu diferente?
Somos um, mas ele é um e eu sou outro*

*Sem ele, não haveria o lugar,
Sem ele, eu não seria feliz,
Sem ele...
Sem ele, não haveria a lua!
E aí, que seria de mim?*

*Ele ateia a luz da minha inconsciência
Aquele a que nunca cheguei.
Mas já não interessa; nada interessa...
Pois, de tanto pensar,
Ceguei.*

MIGUEL MARIA OLIVARES é natural de Oeiras - Portugal. Escritor, blogueiro e poeta. Participante ativo de concursos nacionais e internacionais. Vencedor de um concurso jornalístico, a nível nacional. Tem diversos poemas e contos escritos e muitas ideias que poderão gerar livros.

Coração Vazio

(Moisés Barbosa)

*Ela retornou... chegou, não teve jeito.
Falando de tudo... de fortes emoções.
Queria morar de novo no meu peito
Mas só tenho um, e não dois corações*

*O que tenho está todo ocupado
Não cabe nele outro amor... nenhum
Vou deixar esta história bem de lado
Amor de verdade eu só tenho um*

*Mas os dias depressa se passaram
Meu coração, triste, me falou.
"Ela foi embora e nada me disse
Saiu silente... até me desocupou"*

*Agora meu coração está vazio
Em busca de uma nova inquilina
Que pague em dia aluguel ao senhorio
De boa idade, mas jeito de menina.*

*Ela veio de novo, está buscando abrigo
Não hesitei em dizer "vou te aceitar"
Espero viver um grande amor contigo
Em meu coração já podes morar*

*Não farei exigência normal de casario
Até comum em todos os contratos
Pra qu' eu não fique de coração vazio
E com meu nome na lista dos ingratos*

*É que esta já me amou um dia
Me fez feliz muitos anos a fio
Deixá-la ao relento jamais eu poderia
Enfrentando calor, chuva e também frio*

Podes entrar, eis aqui a chave do teu lar

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

*Um bom alojamento nele te espera
Recomeça nossa vida... flores a brindar
Como vês estamos em plena primavera*

*Para sempre nosso amor será de flores
Que enfeitam e também vêm perfumar
Nunca mais vamos ter dias de dores
É que nossa primavera vai se eternizar*

MOYSÉS BARBOSA nasceu no Rio de Janeiro-RJ. Escritor, poeta e bispo evangélico, com três livros publicados: Solidão (poesias), Redação Moderna (didático) e Liturgia Cristã (religioso). Advogado, professor e jornalista. Já fez Jubileu de Ouro de Poesia em 2009. Recebeu vários prêmios poético-literários, inclusive o Drummond de Andrade, é membro de várias Academias de Letras. Possui título de universitário de Doutor *Honoris Causa* em Poesia Barroca. Parte de sua obra e prêmios estão no site www.pastormoysesbarbosa.com

Crônica de um Fygura²

(Nádia da Rocha Ventura)

À primeira vista, tem-se a nítida impressão de se estar olhando um dos soldados estilizados, que acabou de sair das telas de um dos filmes da série “Guerra nas Estrelas”, de George Lucas. É uma figura imponente, ativa e absoluta, porém assusta, pois, a partir desse momento, você também fará parte do realismo fantástico de Fygura, que não se permite parar no tempo dos museus – e, com passos largos, caminha por entre os simples mortais, nos becós e ruelas do Centro Histórico - porque isso impediria que o olhar do homem avaliasse com detalhes uma arte futurista e idealista em pleno movimento. Se assim o fizesse, seria o mesmo que olhar para a Mona Lisa, O Pensador e até mesmo David, que repousam em paz e intocáveis em algum “templo” europeu. Mas o Fygura não quer ser assim, pois ele é a sua própria arte, sua própria escultura, e o seu cartão de apresentação é uma espécie de galeria itinerante. Ele quer que a sua arte faça parte do cotidiano de uma cidade onde as diferenças ainda podem dar o seu grito, e esse grito nada mais é do que a arte em desfile nos palcos da vida. São gritos de negros, de marginalizados, de discriminados, revoltados, excluídos e estereotipados, retratados com maestria por Fygura, que sonha e é apunhalado, quase que mortalmente, pela realidade social, já que o Fygura permeia nosso imaginário e rezamos todos os dias para que ele não saia de lá, para, assim, ficarmos a salvo da maledicência humana. Mas ele não se abala, não tem medo, é determinado, é um Deus. E eu, do alto da minha janela, nas minhas noites de solidão, quando a rua silencia, fico me questionando até que ponto o Fygura nos toca? Acredito que sua força dinâmica participa intimamente das nossas vidas, fazendo-nos refletir, mesmo que seja por segundos, sobre o que a arte representa dentro dela. Penso que a vida e a arte andam lado a lado, separadas apenas por um tênue fio, que paira entre a sanidade e a loucura, que se fundem no infinito e em nossas almas de forma eloquente e profunda.

Assim, ninguém jamais consegue passar indiferente por Fygura. Isso só se consegue com arte, muita arte.

2 FYGURA, Jayme. Artista plástico, performático, músico e poeta.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Inverno da paixão

(Nádia da Rocha Ventura)

É realmente lamentável que você não tenha acreditado na paixão quase insana que eu senti por você.

Viverá mil anos, mas não viverá uma paixão como aquela. E, no entanto, você passou por ela sem perceber.

Você não pegou com as mãos, apenas a tocou com as pontas dos dedos.

Infelizmente, você não entrou no barco da nossa história. Fui sozinha. Você não embarcou naquela viagem.

Naquela viagem deliciosa, viagem de descobertas que geralmente os amantes fazem, de experiências que fazem com que um esteja em comunhão com o outro, no mais absoluto sentido.

Fico triste porque você não ouviu minhas músicas, não sentiu as minhas óperas, não leu os meus livros, tampouco sonhou os meus versos, não assistiu às minhas peças teatrais, não bebeu dos meus vinhos, não sorveu os meus beijos, não conheceu o meu sexo. Nem mesmo a mim, com quem dividiu a cama por anos, você conheceu.

Era tudo comido. Era tudo tão contido naquele quarto, que eu não podia nem mesmo respirar, tinha medo que não coubesse naquele estranho espaço idealizado, que você criou para nós.

Jamais, em toda a minha vida, pensei naquela tão singular relação, sem beijos, sem juras, sem amanhã. Pois, me conhecendo como me conheço, sei que não sobreviveria a tal humilhação.

Resolvi então reinventar você.

Seria alguém que me beijava muito. Beijos, muito beijos: beijos longos, ardentes, extravagantes, colados, calados, eróticos.

Seria alguém que me ouvisse, que me amasse. Alguém que me ligasse na madrugada e falasse coisas obscenas e gostosas ao meu ouvido, e que depois rapidamente desligasse, me deixando sem fôlego, com o fone na mão. Alguém que me surpreendesse, de noite e de dia, com suas fantasias. Alguém fabuloso e, em todos os aspectos, espirituoso. E isto realmente aconteceu. Aqui... Aqui bem dentro da minha cabeça e no fundo do meu coração.

Sinto muito por você, meu amor, que perdeu o rumo dessa história, ou do que seria a nossa história.

Você estava tão ocupado, olhando para o seu umbigo, que nem percebeu quando parti.

Sabe? Já faz tempo que fui embora. Ficou apenas a capa que me cobre. Ela, por enquanto, recusa-se a ir comigo, talvez ainda guarde o calor das suas mãos. Mas sei que em breve ela também compreenderá que tudo, enfim, será inútil, e lentamente se juntará a mim.

Ah! Mas guardo comigo um grande trunfo. Não sei ao certo quantos anos passarão, se vinte, quarenta, quem sabe, até cem, até que eu vislumbre uma tarde muito fria de inverno, sem chuva, vestindo um pesado casaco negro. Você na cadeira, em uma varanda envidraçada, com um livro pousado no colo e o olhar perdido no horizonte cor de chumbo.

Nesse momento, uma lembrança do passado o fará estremecer, e será com certa satisfação que sentirei um sorriso brotar dos meus lábios, ao ver que, no estupor do teu olhar, você me trouxe de muito longe do teu passado.

Agora, tenho a nítida certeza de ver lágrimas em teus olhos. Ouve agora uma música ao longe, ainda não sabe identificá-la, talvez a Polonesa de Chopin, não tem certeza, mas é suave, muito suave, e, no estupor em que se encontra, essa música soa como um bálsamo para a sua alma, agora, atormentada.

Finalmente, ouve a minha voz quente falando lentamente algo ininteligível ao seu ouvido. Está ouvindo os meus "uis", os meus "ais". Está sentindo o meu corpo colado ao teu, num ondular frenético e profano. Está sentindo o meu sexo se contraindo de prazer ao sentir o teu adentrando as minhas entranhas. Está sentindo a minha língua devassando a tua boca, num bale insano e libidinoso. Está sentindo minhas mãos macias acariciando o teu corpo. E um cheiro exótico, envolvendo este momento, tomará conta de todo ambiente, até, de repente, você levar as mãos até o nariz e inalar meu cheiro, tão presente quanto o frio da estação.

Então, seu coração baterá mais forte, talvez até esteja me amando neste momento. E certamente me verá vestida de azul, em meio às brumas do horizonte. Estarei sorrindo, meio zombeteira, mas como ar altivo de quem soube esperar, mesmo de longe. Verei, neste instante de lucidez, a sua tardia paixão por mim, ou por aqueles dias, que nada tiveram de significativos para você e que agora ganham ares de extrema e fundamental importância em sua vida.

Por toda essa visão, sentirá pena de si mesmo e de tudo que deixara de experimentar junto a mim.

Sua mão se abrirá e dela cairá o livro, teu fiel companheiro. Fechará os olhos de prazer e esboçará um leve sorriso em sua boca. Então, sua cabeça penderá para trás, numa quietude plena, fria e eterna.

NÁDIA DA ROCHA VENTURA é soteropolitana e funcionária pública federal. Influenciada pela mãe, uma escritora nata, começou

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

a escrever por volta dos sete anos, tendo quase sempre como tema central em seus textos o amor e os conflitos psicológicos como essência do mundo moderno. Detentora de alguns prêmios no Brasil, na modalidade poesia, contos e crônicas. Estudou Psicanálise Clínica, Filosofia, Jornalismo e Comunicação Social. Participou de alguns Concursos Literários em Salvador e na Internet, marcou presença em saraus e debates sobre literatura (poesia, prosa e verso etc.). Ganhou dois prêmios de literatura no Distrito Federal, tendo trabalhos publicados no Recanto das Letras e em alguns blogs. Hoje atua como ativista cultural junto a associações comunitárias no estado onde reside.

Incógnita

(Nilda Lima Graeser)

Procurava eu, já fazia 3 meses, um apartamento em Berna para alugar. Já tinha visitado inúmeros, não conseguia achar nada que combinasse comigo. A mulher do quarto em que eu morava, localizado no sótão de uma casa de 5 andares – o banheiro no corredor o quarto sem água corrente –, já estava me pedindo a chave. Eu simplesmente p r e c i s a v a encontrar um apê rapidamente! Na rua, 10º negativos.

Nunca senti tanto frio, tanta impotência e medo na minha vida. À beira do desespero, ao chegar ao quarto, depois de mais um dia sem perspectivas – não estava querendo dar certo o apê –, joguei-me no colchão chorando e pedindo fortemente para que Deus me ajudasse, por favor, porque eu estava precisando. Dormi ali, naquela mesma posição, o rosto molhado de lágrimas e a alma na maior escuridão. No dia seguinte, almoçando na casa Patrícia, minha filha, ouço falar de um apê (que era uma joinha) para alugar. Mal terminei de almoçar, telefonei para a dona do objeto em questão. Ela queria me mostrar o imóvel dentro de duas semanas somente; eu insisti, me explicando. Acabou concordando em mostrá-lo no mesmo dia, desculpando-se porque o apê não tinha sido nem limpo nem esvaziado. O inquilino que morava lá havia falecido no dia 25 de dezembro às 3h da tarde num hospital da cidade. Morrerá de câncer (!).

Era dia 18 de janeiro de 2011.

Com um sentimento estranho, fui ver o apê. De fato, todos os móveis e objetos daquele senhor ainda estavam lá. A proprietária reclamando que teria de arranjar uma empresa para fazer a limpeza e a retirada das mobílias. Logo me propus a fazer o trabalho, assim tudo sairia mais rápido. Afinal, tinha família e amigos em Berna para me ajudar. A dona do imóvel me deu as chaves e o trabalho. Fixamos o preço no total de um mês de aluguel. Tudo isso aconteceu no mesmo dia! No dia seguinte, bem cedo, dirijo-me ao local para começar a limpeza. Entro e respiro fundo. Não sinto cheiro de morte. O ar leve, apesar de os pertences do falecido ainda estarem dispostos no apartamento, como se aquele senhor fosse voltar.

Tinha tudo que eu precisava: pratos, panelas, aspirador de pó, mesas e cadeiras, vasos, lâmpadas, caixa de ferramentas... simplesmente tudo. As coisas mais pessoais doeji para a Cruz Vermelha. Tudo muito limpo.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Aquele senhor era um homem solitário. Gostava de coelhos. Durante a limpeza, encontrei um diário onde ele escrevia para o seu falecido coelho de estimação, lamentando-se da falta do animal, dizendo do quanto o amava e que logo iriam se encontrar. Ainda encontrei, entre seus pertences, alguns atestados de óbito de outros falecidos coelhos - ele fazia questão de pagar para cremá-los -, mas não encontrei nenhum outro diário. Aquele coelho era o amigo dele, a companhia dele. Fiquei bastante emocionada e chorei muito naquele dia.

Agradei muito a Deus, questionando-me, ao mesmo tempo, sobre o significado dos acontecimentos. Eu tinha dez dias para “entregar” o apê limpo, vazio e cheiroso.

Foi uma trabalhadeira só, aquela correria. Os apartamentos na Suíça são dispostos da mesma forma: TODOS têm porão e sótão. Assim, quem mora num 2/4, como no caso aqui, tem lugar para colocar sua bagunça. Bagunça todo mundo tem. Em geral, o sótão serve para guardar roupas, quadros, malas, cômodas com documentos, fotografias, objetos de valor pessoal, etc. Eventualmente algum baú, por ser mais seco. No porão, guardam-se máquinas, caixas, material de limpeza. Também é usado armazenar geleias, compotas, pestos, frutas, plantas e verdura para hibernar, além de funcionar como adega. Pois é. Vejam o que herdei: tudo. De um momento para o outro, consigo através da fé que tive naquela oração, tudo o que precisava: um canto para mim, para poder iniciar o tratamento, para poder receber minha netinha, um lugar para pintar na cidade, panela, prato e cuia! Que maravilha, meu Deus!

Mas a maior herança que recebi do falecido senhor, meu inquilino antecessor, foi encontrar entre os documentos no sótão, sua certidão de nascimento. Data de nascimento: 23 de janeiro de 1954. Exatamente a mesma data do meu nascimento. Dia, mês e ano!

Agradeço a esse senhor pela leveza e elegância da expressão. Agradeço principalmente a Deus, por me fazer ciente de que a matemática da vida em si, em si se explica, pela conscientização do inevitável, que é a morte. E pelo grau de confiança metafísica elevadíssimo!

NILDA LIMA é mulher, é guerreira. Nascida no signo de Oxóssi-rei, sua religião é a Natureza. Vive há 39anos na Suíça (com interrupções) e tem uma filha casada que também mora lá. Já foi cantora, radialista, produtora de eventos, presidente de clube, casada, mãe de família, entre outros. Artista pintora/escultora profissional desde 1997. Passou 13 anos pra lá e pra cá, vendendo pedras preciosas, chefiando garimpo de turmalinas em Minas Gerais, desenhando joias. Muitas viagens, muitas histórias. Teve uma fazenda de 75ha de guaraná e um barco em Maués, no meio da selva amazônica. Que mais? Seu trabalho, ou seja, sua função nessa vida, é misturar as culturas e tentar tornar as pessoas mais humanas.

Como engravidei

(Noilson Abreu)

Foi assim, estando eu na mão de meu namorado, ele fez de mim o que quis, nós transamos sem camisinha e logo depois, num exame feito às pressas – sem que minha mãe soubesse –, descobri que estava com três meses de gravidez.

Fui até o pai da criança e dei-lhe a notícia, ele fez-se de rogado, mas resolveu assumir a paternidade. Por fim, nos unimos e nosso filho nasceu com saúde. O pai foi exemplar, arrumou emprego, e até nos tempos hodiernos faz tudo para ser um grande pai. Eu sou a mãe dadivosa, meu filho, que se chama Guilherme, cresce a toda popa, tem tudo que quer e adora o pai, que não para mimá-lo, fazendo-lhe todas as vontades.

Nossa família cresce mesmo com os olhos gordos dos vizinhos.

É assim. Ser mãe em tenra idade é difícil, mas quando se tem um pai como Genésio, tudo é diferente.

Vamos ao cinema, ao teatro, a barzinhos. Genésio sempre recita poesias em ambiente público para tocar meu coração. Houve até uma vez em que fomos expulsos de um bar por nos acharem loucos. E o melhor foi que saímos sem pagar, embora não sejamos caloteiros. Eles, esses invejosos de nosso amor, que se danem.

NOILSON ABREU é um escritor que está sempre em estado de metamorfose e que busca, através das letras, compor um quadro de sua vida. Publicou “Os Contos”, pela Scortecci Editora e já ganhou alguns prêmios literários.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O fim pra mim

(Nubia Estela)

2012 - e exatamente vinte e quatro de janeiro de dois mil e doze, foi o fim do mundo!

Não, não, não e não! Não é vinte e um de dezembro de dois mil e doze! É agora, sim, neste dia. Tudo ficou escuro, ouvia-se relâmpagos, o vulcão explodiu e lavas chamejantes explodiram... Eu vi!

Ouviu-se o grito mais assustador ecoando: "Me larga, me larga!"... Mas eu mesma não ouvi, pois fiquei surda, tamanho o grito...

Pedi a Deus para que não acabasse com o meu mundo, mas ele estava furioso, queria acabar com tudo. E os meus sonhos, onde ficavam?

Acabados, destruídos pelo tsunami que veio como uma onda imensa, e me afogou... A água de minhas lágrimas era intensa. Pedi socorro aos céus, mas afoguei-me com a lama. Coitada, o que será de mim?

É o fim do mundo, ele disse pra mim: "Fiquei muito lisonjeado com sua declaração de amor, mas não dá, não lhe quero, sou casado, estou feliz. Procure o seu caminho".

Foi o fim do mundo pra mim... Exatamente em vinte e quatro de janeiro de dois mil e doze, o mundo acabou pra mim!

Nem ruínas existem dentro do meu coração, afoguei-me em lágrimas, num tsunami de emoções... Morrerei virgem. É o fim do mundo mesmo!

Monólogo da solidão

(Nubia Estela)

Estou cansada de viver sozinha, preciso encontrar o sentido da vida. Mas o quê? Já procurei pelo amor, ele se escondeu de mim, não quis tentar. Procurei então o amigo, ele disse que não tinha tempo pra mim, e saiu correndo para pegar o bonde da ilusão.

Meu coração ficou apertado. Será que meu destino era viver só? Não desisti, procurei pela paixão, mas esta foi tão passageira que nem percebi quando se foi. Estou tentando me encontrar, mas está cada vez mais difícil, ninguém me quer por perto.

Não sou boa companhia. Que faço? Foi então que procurei alguém chamado Deus, e Ele, ao contrário dos outros, não se escondeu, não deu falsas desculpas. Simplesmente me abraçou e disse:

- Solidão, não se martirize; você às vezes é necessária para a reflexão, para rever atitudes. Você, assim como os outros sentimentos, também é importante. Saiba viver conforme o seu destino!

Foi então que entendi o sentido da vida. Eu também sou importante, eu existo, eu acompanho, eu sirvo para alguma coisa.

Sou feliz agora, depois de entender que sou um sentimento, que sou boa amiga nas horas de reflexão.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O melhor ouro

(Nubia Estela)

Um ser maravilhoso, que veio de outro planeta, pois tem ideias diferentes das dos outros humanos.

Diferença... Isto é o que faz dele um privilegiado dos deuses, que encanta só por existir, só por respirar.

Conheci-o num dia chuvoso, em que não tinha nada para fazer a não ser mexer na internet. Descobri-o por acaso, talvez obra divina, ele me chamava para algo maravilhoso, espetacular.

E eu, sem demora, resolvi entrar na dele, escancarar minha alma criativa. Trocamos emails carinhosos, típico de amigos inseparáveis, e descobri nele uma alma de escritor, que me deu a oportunidade de participar de seu sonho.

Sonho este que trouxe alegria para todos que o seguiram, inclusive eu, simples mortal, que se encantou com seu jeito baiano de ser.

Querem saber de quem estou falando? Pensem... Seria alguém surreal? Existe um ser assim?

Existe, sim, e seu nome é VALDECK. Ele chegou e fez morada em minha vida. E trouxe, com seu modo poético, um bálsamo para a minha alma de artista. Sabe aquela história que no final do arco-íris tem um pote de ouro? Pois é, encontrei nele o melhor ouro, o HUMANO!

NUBIA ESTELA é natural de Contenda-PR, artista plástica, cronista, poetisa, formou-se na FAP, tem uma menção honrosa em Lisboa; primeiro lugar na categoria 'crônicas', em São José dos Pinhais; premiada com uma viagem aos Estados Unidos em São Paulo. Publicações na Gazeta do Povo, Tribuna Regional e O Estado do Paraná.

A intenção

(Osmar Santos)

Era o primeiro encontro. Ele, tímido, fingia sentir-se à vontade. Ela, sempre sorridente, disfarçava as tristezas que seu último relacionamento lhe causara.

Olho para o que escrevi até aqui e fico a me perguntar: Qual será o próximo passo? O que escrever nas próximas linhas?

Hipócrita, isso que sou! O destino deles já está traçado desde as primeiras palavras.

Ela queria ser feliz outra vez. Foi o que disse ao aceitar o pedido de namoro. Ele iria fazê-la feliz. Foi o que lhe garantiu após o primeiro beijo.

Sei que agora espera que diga se consegui. Desconfio até que tenha um palpite. Desconfio também que esteja achando tudo isso um pouco estranho. Achando que não valerá a pena continuar a leitura. E que o melhor é passar para a próxima página. E que... Direi apenas que, caso desista, não saberá o fim desta história. Coisa parecida já aconteceu antes. Certa feita, minha irmã, com sono, não assistiu ao filme até o final. No dia seguinte perguntou-me o que aconteceu e inventei um desfecho. Ria por dentro enquanto narrava as cenas que até aquele momento inhabitavam minha memória. Peso de consciência? Bobagem... Arrependimento? Nenhum... Afinal, quem mandou dormir?

Acredito que esteja até achando um pouco de graça agora (é da natureza humana divertir-se com o infortúnio alheio), mas uma coisa lhe digo: isso é mais cruel que engraçado. Não o fato de ter inventado um final para um filme cujo verdadeiro desfecho só saberá caso assista novamente (e assista até o fim); mas sim o fato de essa história ser inacabada.

O que houve com o casal?

Poderia dizer que sinto muito, mas não. Confessarei: não, eu não sinto. Poderia lhe dizer que o texto enveredou por caminhos estranhos, desconhecidos; que perdi sobre ele o controle que imaginei ter; mas não. Direi o contrário: foi tudo de caso pensado. Isso mesmo. Não existe história, não existe casal, não existe final e devo dizer: foi tudo intencional.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O milagre da vida

(Osmar J. Santos)

(dedicado à amiga Helena Marback)

*Algun tempo de espera...
Transformações,
Emoções,
Contrações...
Nove meses e pronto.
Fez-se o milagre da vida.*

OSMAR J. SANTOS é natural de Salvador-BA. Graduando em Letras pela Universidade Federal da Bahia, gosta de colocá-las no papel. Não se considera poeta. Provocador de palavras, apenas. Atualmente, suas provocações podem ser vistas no Blogaragem www.blogaragem2011.blogspot.com

Estranha nostalgia

(Oswaldo Dourado)

Há ideias que surgem e de repente se vão. Nesta manhã, por exemplo, uma ideia lhe impregnou a cabeça, e não pôde resistir a ela. Deixou as lembranças dominá-lo por algum tempo. Incomodado e ao mesmo tempo eufórico, cheio de excitação, deixou seus pensamentos viajarem no tempo, bem distante, lá na infância, com uma extrema urgência de resgatar as velhas lembranças que subitamente o aprisionou naquele instante, naquele segundo em que viu um sapo ao sair de sua casa. Ele estava morto, aliás, quase morto, pois ainda mexia as perninhas. Olhou só uma vez para o animal e pronto! Ficou gravada aquela imagem na sua cabeça. Não gostava de sapo, muito menos assim, atropelado e se mexendo.

Lembrou-se de uma garota que conheceu parecida com um sapo. Não, não parecia exatamente um sapo, tinha um jeito de sapo. O jeito de andar, talvez. Mas não era o seu jeito de andar que lhe impressionava, era o jeito de falar. Ela falava meio “coach, coach”. A cada palavra que dizia, um som de “coach” saía de sua garganta: “coach... coach...”. Era um som arranhado, meio abafado, indiscreto, mórbido, saindo aos solavancos daquela garganta grossa. Jamais Carlos a compararia com um sapo senão fosse o que vinha depois dos “coachs”. Ela não dizia nada com sentido imediato, mas subjetivo. Quando estavam conversando sobre um assunto que ocorrera na escola ela dizia: “Coach, tipo assim, por falar nisso, a minha mãe tentou arrancar uma barata que estava alojada dentro da televisão, coach...”. Não entendia porque ela desviava todos os assuntos para bem longe e ainda os complementava com um “por falar nisso...”. Ninguém estava falando nada daquilo, isso o irritava momentaneamente. Imaginava que ela parecia um sapo, um sapo solitário na lagoa, estúpido, insensível, dissimulado, porém inteligente. Aparentemente a única coisa que o sapo faz é ficar com os olhos bem abertos, arregalados, piscando debaixo para cima, imóvel, tímido e ousado, temeroso de ser descoberto, porém à mostra, sem se esconder, destemido, com sua boca serrada, à espreita, parecendo que jamais irá se abrir. Mas, de repente, em segundos, sua língua sai disparada daquela boca disfarçada e engole um inocente inseto que estava hipnotizado, ali perto, parado sem entender os porquês dos “coachs”. Achou que esse inseto era ele naquele tempo. Pensou que o propósito daquela

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

híbrida era enganá-lo, distanciá-lo da verdade que ainda não tinha. Seu nome era Clarice, a esquisita. De repente, assim do nada, ela chegava, ficava parada enquanto ele conversava com alguém. Primeiro, ela os olhava com seus grandes olhos arregalados e imóveis, parecia que ouvia pelos olhos; depois, aparentemente sem saber do assunto, começava: “Coach, tipo assim”. Era um festival de temas variados que ela relatava, relatava. Coisas que pareciam sem sentido para a consciência, mas com algum sentido para o inconsciente. Só ela falava. Ficavam só ouvindo sem acompanhar direito as suas histórias tão estranhas e tão intrigantes, como uma que contava sobre os pensamentos da barata ao ser descoberta por sua mãe. Todos ficavam absorvendo, estáticos. Todos “insetos”. Ela os dominava, não sabiam bem porque deixavam ser dominados. Achou que havia um poder exercido sobre eles, pois simplesmente não se moviam. Ficavam ali parados, sem reagir, sendo apenas lentamente devorados por suas palavras, sofrendo, aflitos, mas parados, imóveis. Era uma irritação momentânea que se dissolvia rapidamente ao sabor das histórias que quase sempre não eram entendidas no momento contado, mas depois, quando o subconsciente traduzia aos poucos, era mágico, a parte que ele mais curtia. Sempre que ela contava suas histórias, ele sentia que sua mente era roubada naquele instante e premiada depois. Ela não era feia completamente, às vezes estava mais bonita do que o dia anterior, só conservava os olhos sempre iguais, grandes, com espessos cílios quase postiços, encantador. Seus assuntos eram quase sempre sobre o cotidiano, e não só Carlos como todos os demais eram sequestrados por ela. Ela os atraía, engolia suas mentes; com sua língua falante, os seduzia. Por fim, quando já dominados, ela os deixava e corria para outro grupo. Carlos sentia-se esgotado, sem energias, mas de certa forma satisfeito, uma estranha satisfação de ser alimento para a alma de alguém. Todos, discretamente, a comparavam com um sapo, mas não faziam piadas por isso, temiam perdê-la. Agora ele sabe que Clarice era bruxa, e só agora sabe que ela era um sapo disfarçado, uma fada sedutora. Pensou: “Por onde anda Clarice?” Tem saudades daquela embriaguês, daquele aprisionamento, daquele sentimento de escravo protegido, liderado, daquele envolvimento, daquela liturgia, daquele encantamento, sem a verdade absoluta. Hoje pensa que é livre, mas por um instante, só um instante, desejava ser prisioneiro, ser hipnotizado por ela, para distanciar-se da sua verdade, dos seus afazeres, da responsabilidade que também o aprisiona. Desejava ver Clarice, estar estático diante dela, dominado, sem pensar em nada, absolutamente nada, só esperar passar o encanto. Sua Clarice agora é bem maior que a primeira, não o engana disfarçadamente, como numa brincadeira de esconde-esconde. Engana-o de forma consciente, todos os dias. Oprime-o, fazendo tomar

Premio Literario Valdeck Almeida de Jesus – 2012

diversos remédios que dão efeitos colaterais insuportáveis. Tudo para tentar fugir dessa verdade adquirida, engessada, sem saída, que o domina o tempo todo e não dá aquela sensação de prisioneiro protegido. Apenas a sensação de prisioneiro a caminho da pena de morte, prisioneiro do sistema, das contas, do capitalismo. Tão somente nesse momento desejou a prisão sedutora e silenciosa de Clarice, não sabia o seu sobrenome, mas pensou em Lispector.

OSWALDO DOURADO é professor de História, formado pela Universidade Católica Dom Bosco. Leciona na Rede Estadual de Mato Grosso do Sul há quase 20 anos. Faz dez anos se mudou com a família para a cidade de Três Lagoas-MS.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Botequim

(Paulo Roberto)

*Deuses da sorte
onde estão?
Deuses pagãos,
bajuladores do cão.*

*Se toda graça classifica
bondade,
festejemos então
os cabarés.*

*- Oh, luz da vida!
Dize-me que és tu
senão a lua solitária.*

PAULO ROBERTO, escritor iniciante, mas não por opção. Morador de Sobradinho, gosta de imaginar o pôr do sol e de escrever. Pretende fazer disto um hábito, se a técnica e o comprometimento necessários lhe permitirem. Um desejo futuro: conseguir publicar um livro.

Memorial do redivivo.

(Rafael Italo Fernandes da Fonseca)

Viver é habitar escola de saberes renovados. Com a vida aprendemos que tudo que nos disseram um dia pode não ser tudo; aprendemos que um raio pode, sim, cair duas vezes no mesmo lugar (quando se trata de atitudes, especialmente); aprendemos que um minuto pode valer mais que um dia inteiro; que uma oportunidade é uma porta ainda fechada e que temos um molho infinitamente grande de chaves nas mãos. Com essa vida aprendemos que ganhar ganhamos todos os dias, o problema muitas vezes só se resolve com o vencer; aprendemos que, se quisermos ser apenas mais um neste mundo, devemos fazer o que todos fazem; mas que, se quisermos ser mais, devemos pensar naquilo que ninguém por nós pode fazer. Aprendemos que nosso conhecimento é tal um quadro, porquanto o destaque deriva da variedade de tons; aprendemos que um ser humano não se constrói por sua glória, mas por quantas vezes cai e se levanta por querer conquistá-la. Aprendemos com a vida que o passado jamais volta e que devemos dar o que temos em favor do futuro que se planeja hoje. Somente a nós o amanhã pertence.

RAFAEL ITALO FERNANDES DA FONSECA nasceu em 5 de dezembro de 1992, em Barra do Piraí-RJ. É pianista e compositor, tendo já trabalhado com instrução musical. De descendência lusitana, é amante da língua pátria e dos livros. Dedicar-se aos estudos linguísticos e literários, bem como à docência, por sua formação universitária em Letras. Em Vassouras-RJ reside desde a infância.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Epitáfio ao dia de amanhã

(Reginaldo Costa de Albuquerque)

*As mãos
da madrugada
apalpam concreto,
vidro, arranha-céus...*

*Os dedos sangram
tateando asfalto,
cimento frio...*

*A sedução do pó
em vez de serenatas,
namoros na pracinha.*

*Na teia
de balas perdidas
ficou a garganta dos galos.*

*Onde os quintais
de laranjeiras
madurando sabores
e sabiás?*

*Qual nuvem
de poluição
descoloriu a aurora?*

E (a)manhã?

REGINALDO COSTA DE ALBUQUERQUE, 48 anos é campo-grandense (MS) de coração. Autor premiado no Brasil e em Portugal, em concursos de poesias, sonetos e contos. Autor dos livros “Sonetos no azul da tarde” e “O santo que não tinha os pés” (contos).

Premio Literario Valdeck Almeida de Jesus – 2012

2 Meses

(Renata Cirilo)

*Eulália, quem te colocou assim: grávida?
Logo tu, anja sem graça.*

...

*Qual, dentre os homens, te tocou as coxas brancas,
sem carne, sem mel, sem fim.
Eulália conceberás dos céus?!*

...

*Olha pra cá e me manda pros confins.
Fala com sabor que não foi assim.*

*Tens o rosto feio, seco, as orelhas grandes.
Tens os olhos gigantes, me envolvendo, na sua satisfação sem*

Fim

RENATA CIRILO tem formação em Ciências Sociais e desenvolve trabalhos que discutem as questões que permeiam a sociedade e o indivíduo. É escritora e produtora cultural, atualmente produz o Coletivo Quizumba de teatro e o grupo de criação literária Escrita Aberta, do qual é membro, também, como escritora. Participa de três antologias de contos e poesias. E está em processo de criação de seu primeiro romance: “Sina”.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Lembranças

(Renata Paccola)

No alto de um edifício, uma pequena varanda se destaca das demais. É que algumas samambaias, presas ao teto, vertem sobre as muretas e resplandecem seu verde sobre um dos lados da varanda. Do outro lado, uma mulher de meia-idade se apresenta de maiô, sentada numa cadeira sob um pedacinho de sol. Filha de colonos, passara sua infância numa fazenda. Na cozinha, panelas de barro fumegavam sobre o fogão a lenha. De um radinho de pilha, canções sertanejas. A música chega até a varanda. Parece encantar as samambaias, que bailam com o vento. O sol se alastra, chegando a ocupar metade da varanda. O galo cantava. Hora de despertar. Tinha de preparar o café com o velho coador de pano. Dali a pouco, começaria a sinfonia dos pássaros, acordando seus patrões. Adormece sob o sol. Do beiral do edifício, sai uma revoada de pombos, para quem ela sempre destina algumas migalhas de pão. O guaxinim entrava em seu quarto pela janela, atrás das sobras do almoço que ela lhe reservava todos os dias. Desperta com a picada de uma formiga. De repente, uma saudade enorme de seu cão, do qual tivera de se desfazer por não serem permitidos animais no prédio. E as lembranças do peão que a ensinara a cavalgar.

Enquanto galopava, contemplava o imenso mundo à sua volta: árvores, montanhas, pastos corriam diante de seu olhar, até a parada para o banho na lagoa.

O sol se alastra por toda a varanda. Convém regar as samambaias - elas parecem dizer que têm sede.

A queimada. A morte de seus pais. Seu peão que partiu com outra sem se despedir. Um redemoinho de lembranças parece acompanhar a terra que se desprende com o vento. Anoitece. Na varanda de suas lembranças, a família reunida contando "causos" depois do jantar. É hora da novela. Antes de fechar a porta, dá um beijo na samambaia e por hoje se despede de seu jardim.

RENATA PACCOLA é advogada, formada pela Universidade Mackenzie. Autora dos livros de poemas "De vulto a volta" (Mirante, 1983), "Tempo" (Scortecci, 1998) e "Grilhões de vidro" (Scortecci, 2003). É presidente estadual da "Sociedade de Cultura Latina do Brasil" (SP) e conselheira da União Brasileira dos Trovadores (UBT/SP). Premiada em centenas de concursos literários, no Brasil e em Portugal.

Primeiro Ato

(Renata Rimet)

*Amar não é pecado
Desejar é um primeiro passo
Conquista é o caminhar
O desenrolar passo a passo
Primeiras letras para formar a frase
Primeiros ensaios do primeiro ato
Texto completo
Atores a postos
Abrem-se as cortinas
Sorrisos escancarados
Olhos marejados de tanta emoção
Todo ensaio e preparativos são esquecidos
O que vale a partir do primeiro toque é
Improvisação!
Mãos, pele, boca
Corpo em cena
Sedução!*

RENATA RIMET é administradora de Recursos Humanos, educadora, incentivadora dos processos de leitura e escrita, e publica alguns de seus trabalhos no site pessoal www.renatarimet.com

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Teu olhar

(Roberto Augusto de Piratininga Ferrari)

*Tira-me o alimento, se quiseres,
deixa-me sem ar, mas não
me tira a beleza do teu olhar.*

*Deixa as flores alegrarem o meu cantar,
Permite que a brisa venha de mansinho,
E me ajuda a desarrumar teus cabelos,
Toda a alegria que brota do teu sorriso,
É o acalento da minha alma,
do amor que nasce no meu coração.*

*À beira do mar, no verão,
teu amor aquece meu coração como um Sol maravilhoso,
As espumas lambendo a areia,
O eterno renascer das ondas,
É como se nosso amor renascesse a cada beijo apaixonado,
e na primavera, amada,
quero que teu riso ilumine os campos floridos,
a rosa vermelha de paixão,
a flor branca, o lírio
da minha paz silenciosa.*

*Admira a noite,
o dia, a lua,
Admira as estrelas
espalhadas pelo firmamento,
Entrega teu coração,
Sorri com teu olhar,
Tira-me o alimento, se quiseres,
deixa-me sem ar,
Mas não me tira a beleza do teu olhar, nem do teu riso,
porque então morreria.*

ROBERTO AUGUSTO DE PIRATININGA FERRARI é natural de São Paulo-SP. Escritor, poeta e comunicador, tem três livros publicados: “Sublime Amor”, “Ventos da Paixão” e “Identidade Assassina”.

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

Participa de dez antologias de poesias. Graduado em Engenharia Civil. Pós-graduado em Administração de Empresas e Análise de Sistemas. Tem dois livros no prelo e pretende lançá-los em 2013.



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

A fórmula da felicidade está no sonho

(Roberto Fabrício)

*Sonhar e confiar
Tem o poder de levar
Aonde a motivação determinar
Seguindo vários caminhos
Até conquistar os objetivos
Mesmo caminhando devagar
No fim do infinito pode chegar
Mas primeiro tem que acreditar*

*Na escada da vida
Cada degrau é um dia
Continue a andar
O tempo nunca vai esperar
Mesmo ao adormecer e sonhar
Que é possível voar e voltar
Para a trajetória tentar mudar
Para o erro consertar
E outra vez reiniciar
Antes de o fim chegar*

*Infelizmente ao amanhecer
Todos podem perceber
Que tudo era ilusão
Sonhar é a segunda visão
A verdade está na retina
Hoje é um novo dia
Existe uma barreira imaginária
Que às vezes separa
O sonho da realidade
E o que será verdade
Pra quem vive em ambas as partes
Aguardando o fim da eternidade*

*Com criatividade e arte
Momentaneamente em insanidade
Alguém achou a fórmula da felicidade
Que não está em nossas mãos
Muito menos na visão
Mas sim na própria mente e coração
Para a tão buscada felicidade encontrar
Tem que sonhar com fé e acreditar*



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

A Criatura e o Evoluído

(Roberto Fabrício)

*Espelho e lembrança
Imagem e semelhança
A sabedoria já existia
Antes do primeiro dia*

*Dois Homens sapientes
Desvendando as próprias mentes
Indagavam quimeras discordantes
Tornaram-se ignorantes*

*Tudo foi Criado
Ou será obra do acaso
Todos querem saber
Mas poucos querem Crer*

*No princípio Céus e Terra
Por graça veio promessa
Se alguém duvida
A vida ensina*

*A Criatura e o Evoluído
Estão sempre discutindo
A origem do nada
Quem começou e quando acaba*

*Nesse debate explicativo
Esqueceram-se da vírgula
Que faz parar e respirar
Essa é a arte de pensar*

*A Criatura com Fé e ajoelhada faz a oração
O Evoluído esta em Pé e tem muita ambição
Será metamorfose de um pseudo primata
Ou dogma que o Eterno outrora revelava?*

Procurando o Eu dentro de Mim

(Roberto Fabrício)

*Com os olhos fechados
Percebi dois lados
Mergulhei dentro de mim
Estava em um labirinto sem fim*

*Não era autocondenação
Procurar meu Eu era uma missão
O tempo passa com a respiração
Tic Tac, vai batendo o coração*

*Fui levado por uma brisa de vento
Incógnito era o quinto elemento
Juntando com o sexto sentido
Deixando meu Eu cada vez mais perdido*

*Quando achei que estava sozinho
Percebi que Deus está sempre comigo
Eu não vou mais me procurar
Preciso voltar e o próximo ajudar*

*Na aurora segui a luz divina
Que conduzia até a saída
Dos meus olhos caiu uma lágrima
Provando que esta poesia não é fábula*

*Parecia loucura e esquizofrenia
Mas foi só um sonho de viver a vida
Pra realidade Eu acordei
Mas foi dentro de mim que eu me encontrei*

ROBERTO LEAL FABRÍCIO SANÇÃO (Roberto Fabrício) nasceu na cidade de São Paulo-SP. É poeta e ator independente, participou

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

de pequenas atuações para TV, teatro e cinema. E seus versos e poesias mais conhecidos são: “A fórmula da felicidade está no sonho”, “Ser um Ser”, “A arte, o tempo e o vento” e “A Criatura e o Evoluído”. É cristão, gosta de expressar em seus versos ou composições musicais a adoração a Deus. E apresenta agora sua nova obra poética: “Procurando o Eu dentro de Mim”.

O verso do reverso

(Roberto Coelho)

*Na contramão da mão
No começo do início
No fim derradeiro.
Vejo a luz no início do túnel!
Abro os olhos e não enxergo
Escancaro um sorriso
Choro de alegria.
Vejo o mendigo com celular!
Saio cantando do velório
Elogio a preguiça
Aplaudo a burrice.
Vejo o rico pobre!
Vou de pijama à praia
Meu relógio sempre atrasa
Compro tomate muito caro.
Vejo o mundo pelo espelho!
Nado na correnteza
Caminho sem destino
Volto quando estou indo
Fica o Dito pelo não Dito!*

ROBERTO COELHO frequentou cursos de Estudos Sociais, Direito e Administração Hospitalar, foi secretário municipal de Saúde e Diretor de Hospitais no Vale do Paraíba. Atualmente é escritor e poeta, tendo cinco Livros editados: “Histórias, Versos e Poesias”, “O Olho da Fechadura”, “Balada”, “Poesias” e “...Por que comprei este livro tão ruim?”, disponíveis em Livros Digitais, na Saraiva.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Africanos lábios de Ana: a galinha

(Robson DiBrito)

Meu esposo estava morando na cidade de Cabinda, à época chamada Tchiovwa. Para dizer a verdade, nem cidade era, era mato para todo lado, isso sim! Estava em um acampamento próximo a uma tribo do grupo Fiote, um povo de língua estranha, não dava para entender sequer uma sílaba do que falavam. Para mim, era um dialeto cujos fonemas eram muito próximos dos ruídos de um guinchar, nem lembro direito o nome da língua, acho que era... Kikongo. Isso mesmo, kikongo.

Pois então, meu esposo estava naquela região trabalhando num levantamento para abrir estradas - era isso o que ele fazia lá, abrir estradas em meio ao matagal da África. Coisa que todo lusitano fazia no período da fome. Naquele tempo, não havia emprego em Portugal, foi uma recessão dos diabos. Era comer um cacetinho pela manhã e passar fome de noite, igualzinho ao que está acontecendo agora. Na época, a culpa era do Salazar!

Eu, que não sou perdida na vida e não vim ao mundo para passear, tratei de arrumar uma ocupação: fui trabalhar de atendente na companhia aérea Panam. Foi um escândalo para a sociedade portuguesa que vivia por aquelas savanas. Imaginem que, há cinquenta anos atrás, mulher trabalhar fora era o mesmo que cuspir no Cristo crucificado. Um sacrilégio! E o "mais, mais, mais" para as dondocas que dançavam o fado com os negrinhos enquanto seus maridos abriam estradas mato afora. E, além de trabalhar fora, eu estava grávida de cinco meses do meu primeiro filho.

Saí de Luanda, onde morava, para visitar meu marido na sucursal do inferno. Ali, onde ele morava, fazia um calor pior do que o da Bahia. No dia em que cheguei, fomos visitar uma tribo que vivia ali por perto. Imaginem, até então nenhuma mulher tinha estado naquela região - digo, nenhuma mulher branca, leram bem? Branca! Senti-me como em um filme, era a própria Judy Garland, grávida de Liza Minnelli, quando filmou O Mágico de Oz. De barriga, atuando em filme de aventura, num mundo mágico. Estava toda descabelada,

suada e andando a passinhos curtos. A barriga pesava, com o incômodo do calor, parecia ainda maior.

Na entrada da tribo, fui cercada pelo povo do grupo Fiote. Não sabia se sorria ou se corria de medo... Sei lá o que senti naquele momento. Apenas permaneci parada, feito uma estátua, olhando aquele povo seminu, negro, bem negro, chegava a ser azul de tão negro. De repente, sai um senhor bem velhinho de dentro de um casebre de palha. O vovô andava curvado, de tanto colar que carregava no pescoço – coitado! Apoiava-se em um cajado todo enfeitado e trazia uma galinha embaixo do braço.

Quando ele estendeu aquela galinha viva para mim, senti vontade de rir, claro, mas fiquei quietinha. Depois de nos despedirmos e de termos os braços alisados por todos os componentes do grupo Fiote, o guia me explicou que a galinha era um presente porque tinham gostado de mim. E o vózinho que me passou a penosa era um Soba; ou seja, eleito como um líder espiritual e político da tribo: uma espécie de Papa, que também tem poder de presidente. E ele contou que, quando se simpatizavam com alguém, doavam o que de melhor possuíam. Fiquei bem comovida. E é esta a história da galinha:

- Mas o que você fez com a galinha, Aninha?

- Eu comi, ora bolas! Era o mínimo que eu poderia fazer com um presente tão suculento...

ROBSON DIBRITO, escritor e jornalista, autor do blog “O Paulistano”. Possui o livro “A garota das maçãs” publicado na BN. Publicado no Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus 2008 com o poema “Cortesã Homossexual”. Publicado, com organização de Maitê Proença, no livro “É duro ser cabra na Etiópia” com o conto “Conclusão de Compadre”. Graduado em Comunicação Social, graduando em Letras e pesquisador em Literatura Africana.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O mal do século XXI é a solidão

(Roseli Princhatti Arruda Nuzzi)

Atualmente, temos internet, celular, e-mail, várias formas e maneiras de nos comunicarmos com pessoas do mundo inteiro.

E, apesar de toda essa tecnologia ao nosso alcance, estamos cada vez mais sozinhos.

A família perdeu o sentido do que é SER família.

Não há mais almoços aos domingos, conversas jogadas ao vento nas portas das casas ou na sacada de um sobrado.

Em suma, o diálogo não está mais acessível, pele a pele, corpo a corpo, e sim nas mãos, especificamente nos dedos, que se comunicam sem voz, com exceção para o celular.

Não há mais calor humano.

Nessa era digital, as pessoas estão se tornando mais frias, desprovidas de sentimentos, de amor ao próximo.

Há ativistas, sim, mas a grande maioria luta por uma causa através da tela de um computador, e não corpo a corpo, como deveria ser.

Isso realmente seria uma luta?

Jogam no PC vários documentos que chocam a nossa visão, mas e a luta? Onde fica?

As pessoas estão perdendo a noção do SER, do existir, e por isso pensam somente em TER, para mostrar aos outros que são as melhores. Mas não o são. Nesse grande Universo, somos apenas uma poeira cósmica pairando no ar.

Apesar das conquistas feitas pela humanidade, da alta tecnologia, estamos muitos distantes de SER uma grande família neste mundo que foi criado por Deus.

Estamos cada vez mais distantes de Deus e das pessoas, a solidão está cada vez mais presente em nossas vidas.

Todos os dias, deparo-me com pessoas falando muito. E, quando percebo, vejo estão sozinhas, falando ao celular. Já não têm mais contato com pessoas que estão ao lado, seja num assento de ônibus, metrô ou mesmo na rua.

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

Estão falando com alguém no celular, mas, ao mesmo tempo, estão sozinhas.

Cada um imerso em sua própria loucura, mas, no fundo, todos querem um aconchego, um colinho de mãe.

Nascemos e morremos sozinhos, mas será que temos que viver sozinhos? O mal do século XXI é a solidão.



Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

A Luz de Deus

(Roseli Princhatti Arruda Nuzzi)

Por volta das 20h, em quatro de outubro de dois mil e onze, após um dia exaustivo de trabalho, voltava de ônibus para a minha casa, lendo o livro do autor Nicholas Sparks, quando ouvi um estrondo ao meu lado, na avenida Jacú Pêssego, próximo ao Rodoanel. Não sei ao certo se foi tiro ou pedra, mas sei que as duas janelas estilhaçaram e seus cacos caíram sobre minha cabeça.

Provavelmente, não era pedra, porque ela estaria dentro do ônibus e os vidros não teriam quebrado com tamanha presteza.

Levantei-me do lugar em que estava para sentar-me em outro banco e falei:

- Querem assaltar o ônibus, não parem!

Cheguei em casa e disse a meu marido que não pegaria mais o ônibus nesse horário, e que ele fizesse a gentileza de buscar-me.

Foi o que ele fez no dia seguinte.

E, no dia sete de outubro, ao chegar na página 280 do livro de Nicholas Sparks, li um trecho que dizia que a janela que Steve e o seu filho Jonah estavam fazendo para a Igreja é a luz de Deus, porque lembra o céu. E que, sempre que essa luz brilhasse pela janela que eles fizeram, ou por qualquer outra janela, Steve estaria lá.

Então, pensei ter sido a mão de Deus que fez com que a pedra ou o tiro pegasse no friso do vidro, porque se pegasse no vidro minha cabeça teria estourado e eu não estaria aqui para contar essa história. E hoje de madrugada, descendo a rua, ao ver o Sol clareando a mata, senti a presença de Deus.

A Luz de Deus, embora alguns seres humanos não a percebam, está em todo lugar iluminando os caminhos por onde passamos e nos protegendo de seres que não têm o mínimo respeito para com a vida do próximo; seres que, por dinheiro, matam um inocente dentro do ônibus para fazê-lo parar e assim conseguir realizar o seu intento, que é roubar os pertences alheios.

Natureza em chamas

(Roseli Princhatti Arruda Nuzzi)

*O homem se esqueceu
Que da natureza nasceu
Que veio do pó
E ao pó voltará
E que tem o dever de cuidar
Dos seres vivos que aqui estão
Respeitar a mãe natureza
Que tudo nos dá
Sem nada cobrar
Diga não ao holocausto animal
Lute pela preservação
Diga não à exploração
Da vida vegetal e animal
Todos somos iguais
Temos vozes para reclamar
E pelos direitos deles lutar
A alma humana quando está em chamas
É a força mais poderosa que se inflama*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Riobaldo e Diadorim: Uma história de amor ou um conflito de poder?

(Roseli Princhatti Arruda Nuzzi)

Na obra Grande Sertão Veredas, de João Guimarães Rosa, fica bem clara a intenção de Diadorim de usar Riobaldo para alcançar seus objetivos, primeiro como mulher e segundo como filha de um fazendeiro assassinado. Porém, o que acaba acontecendo é exatamente o contrário, pois Riobaldo é que atinge o seu destino e o poder por meio de Diadorim.

E Diadorim tenta, como mulher, conquistar Riobaldo, por ver nele alguém em condições de solucionar seu problema, biológica e socialmente, e se torna objeto de uma paixão incompreensível, causando sucessivas crises em Riobaldo. Como filha de fazendeiro, habituada ao mando, tenta exercer o poder sobre ele, e, a seguir, por não restar-lhe outra solução, apresenta-se como igual e como amiga. Assim, acaba colaborando involuntariamente para conduzi-lo ao poder.

Diadorim é vítima de ser mulher numa sociedade masculina e busca a morte, como uma terrível e lógica decisão. Primeiro, por ter perdido a mãe, que nem chegara a conhecer; segundo, por perder o tio mais jovem Leopoldo, no campo de batalha; e, por último, o pai, assassinado à traição. Nada mais lhe restava senão morrer, pois revelar-se em vida como mulher tornava-se tão inviável como inútil, já que não possuía mais identidade e não estava mais em condições de solucionar o dramático conflito entre sua função biológica, que exigia um complemento masculino, e sua função social desviada, que a impedira de encontrá-lo. Riobaldo, sua única e última esperança, conseguira o poder e seguia, sem intermediários, rumo ao seu destino, que, como ela há muito tempo vinha percebendo, acabaria necessariamente na Fazenda Santa Catarina, no casamento com Otacília, que serviria para Riobaldo de acesso à classe dominante. E agrega mais duas fazendas, pois Selorico Mendes, ao falecer, deixa a Riobaldo duas fazendas como herança.

Diadorim, forçada a ser diferente pelo pai e pelo tio, se convence de que o que começara errado não poderia acabar bem. O desfecho fatal é por ela previsto com grande antecipação, na longa conversa que tivera com a mulher de Hermógenes, a pedido desta, na Fazenda

Carimã. Contara à mulher sobre sua identidade e que estava segura de que havia outra mulher disposta a prepará-la para o ritual fúnebre. E, que em sua trágica e absoluta solidão, a solidariedade da mulher do assassino do pai era a única coisa que lhe restava.

É do alto do sobrado que Riobaldo verá a batalha final entre Diadorim e Hermógenes. Ao ver o amigo e o inimigo esfaqueados, desmaia. Após a morte de Reinaldo/Diadorim, Riobaldo entra em conflito psicológico, quando descobre que o amigo era uma mulher disfarçada de jagunço. Fica profundamente desolado, ao perceber que não havia mais jeito. O tempo todo ele havia negado intimamente aquele amor, e Diadorim, por sua vez, também havia lhe privado de saber que ela era uma mulher.

A obra representa os vários sentimentos existentes dentro do ser humano. Riobaldo aprofundou-se num vazio. Sentia tristeza, amor, ódio ao pensar neste sentimento tão profundo, que atinge a essência do Amor e que Riobaldo não soube interpretar, nem tampouco revelar, por já estar corrompido pelo pacto com o diabo, que não tinha certeza se havia realmente feito ou não, prevalecendo nele o desejo do poder e as lembranças de sua vida enquanto jagunço. Riobaldo almejava o poder e não o amor, pois sendo poderoso dominaria tudo. Portanto, na obra, fica bem explícito o conflito de poder.

ROSELI PRINCHATTI ARRUDA NUZZI é natural de São Paulo-SP. Escritora, poetisa e professora, tem participado de antologias de contos, crônicas e poesias. Graduada em Letras e Pedagogia, pós-graduada em Supervisão Escolar, Educação Especial e Inclusiva, Psicopedagogia e Orientação Educacional e Pedagógica.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Delírios de um Poeta em Desamor

(Rossandro Laurindo)

Amar? Por que, se a vida sempre tem jorrado em sentido contrário? Sentimentos, pensamentos, atitudes são cobrados para que se demonstre este estado de espírito. Já lotadas estão minhas gavetas de poemas vários, intermináveis de linhas pontiagudas, como os espinhos perfurantes das artérias do coração de onde flui o líquido da vida capaz de pulsar o órgão ao qual se referem como fonte de todo amor humano.

Vazio. O que resta somente do ínfimo íntimo esmigalhado por todos os vilões do que me torna humano: Amor. Qual? Não o enxergo. Não sinto seu cheiro. Tocá-lo quando? Somente um delírio perambulante pelos desertos da inerte alma. O ato de pensar muitas vezes o supera. A razão entra em conflito ruminando-o aos poucos, semelhante a ratos amontoados sobre jornais antigos corroídos pelo tempo e umedecidos pelo pó e seu ninho de ácaros.

Tenho repulsa dos que dizem que o possui. De seus infecundos lábios proclamam que amam, sem ao menos viver suas próprias leis. Lástimas infundáveis àqueles que me cercam, sufocando-me envoltos a mares de hipocrisia e seus profundos abismos. Quais emoções ainda existem se o rei delas já partira há tempos? No lugar de seu trono, o orifício da dor sangrenta. Sequidão dos martírios da alma sem sua fonte abundante de águas cristalinas. Ainda vaga-me pela memória o brilho do sol agora fosco, reluzindo à superfície do fluido sanguíneo das veias vazias do corpo exausto de lutar por algo inalcançável.

Assim como o vento que escoa pelos ares sem direção de destino ou lugar de partida, é peregrinar em busca do amor. Não há consistência em possuí-lo, pois teima em escorrer entre os dedos do sentimento. Contê-lo se torna impossível e o tempo, seu opositor supremo, o transforma em areia desértica da ampulheta do universo. Nem mesmo os escuros buracos presentes na galáxia poderiam suportá-lo, pois sua obscuridade e incompreensão os superam; certamente transbordariam espalhando seu fétido perfume aos confins ilimitados de cada estrela eterna existente. Antes adocicada já fora

tal fragrância, mas no viver presente, apenas uma lembrança em meio a tantos outros odores que me cercam.

Já não concebo um viver em amor. Sou participante de um triângulo amoroso com a Solidão e o Abandono. Fui capturado. Um universo nasceu. Seu nascimento provocara falecimentos. Desfalecera-me o ânimo. Não há mais toque a receber. Nem olhares a contemplar. Perante mim resta-me a queda interminável que me conduz ao vazio limbo. Nem as profundezas das galáxias são tão inabitáveis. Lembranças consumidas como fósforos ao fogo. Como castiçais flamejantes na negritude de monastérios solitários, vazios de vãs orações. Quebranta-me o coração, se é que ainda não desmoronou em ruínas, levantando uma cortiça de pó que entope a respiração. Poeira composta de germes contagiosos, transmissíveis de enfermidades, consequência da falta de amor. Incendeiam-me as artérias com dores insuportáveis, chamas líquidas fluem pelas veias do meu corpo quando instigadas as entranhas de meu peito.

Não quero mais conhecer o que existe de belo no cosmos, neste ou no paralelo. Escrevo em prosa, pois desprezo os versos. Estes me lembram que o amor existe. Aniquilo esta recordação de meu espírito, da consciência de meu vocabulário. Só eu existo, porque já não sou coletivo. Sou Solidão, sou Abandono e de mim não sou mais dono. Quem me possui? Completa razão. Extinto de mim tudo que já se chamou amor...

ROSSANDRO LAURINDO nasceu em Imperatriz, Maranhão, em 1980. Graduado em Letras. Vencedor do XXXIII Concurso Internacional Literário Edições AG. Organizou as antologias Do Princípio ao Fim (Beco dos Poetas) e Caminhos do Medo Vol. II; Publicou nas Antologias: Dias Contados e Próxima Estação (Andross Editora).

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Divida

(Rui Pedro Pinheiro)

*A brandura da noite quieta
O restolho da consciência devedora
E reacende a chama sufocada pela mortalha de linho.
O deleite transborda as grades amarradas a nada
E os lábios macheiam o puzzle inacabado
Que vocífera imprecisões
E caminha por entre espasmos corporais
Até cair inerte de paixão
Com a conta saldada.*

RUI PEDRO PINHEIRO, advogado, nasceu em Guimarães, Portugal, onde reside. Tem dois livros publicados: “Direito à Vida” (romance) e “Poemas de Ti”. Participou de várias antologias poéticas. Tem dois livros no prelo e pretende lançá-los em 2013.

Casamento?

(Sandro Sansão da Silva Costa)

Não, não quero me casar. Por quê? Exatamente porque te amo. Como assim? Simples. Não quero me prender a promessas vãs, quero continuar ser eu mesmo, e que tu, meu amor, continues a ser a mesma. Amo-te e sempre vou te amar. Mas, não é o casamento que faz o amor, e sim o amor que faz o casamento. Jamais quero fazer algo por impulso e, principalmente, estragar o que é bom. Não estou fugindo de absolutamente de nada. Só não vejo necessidade alguma, para provar nosso amor, de testemunhas e registro em cartório, com data e hora marcada.

Daí vem com o roteiro embaixo do braço o mesmo ritual cerimonialista de sempre. A única coisa que muda são os personagens. Poucos, verdadeiramente poucos, são os apaixonados, a grande maioria é forçada a este, chamado por muitos, “cerimonial do amor”. Depois de toda essa cena, quando saem realmente de cena, aí sim, vem a tão esperada lua de mel. Aliás, nem tão esperada assim, pois o mel já se foi há muito tempo - ou estou aqui dizendo alguma mentira? É lógico que toda regra tem sua exceção, mas, nos dias atuais, digo sem medo de errar que são poucos. E mesmo com todas essas evidências comprovadas, muitos preferem insistir no casamento e suas tradições? São louváveis aqueles que verdadeiramente seguem, sem exceção alguma, toda essa tradição.

Não sou contra o casamento, pelo contrário, sou a favor do verdadeiro amor. Por isso acho que o casamento não é essa fantasia que fazem por aí. Depois que aparece o bicho papão chamado realidade, caem na real, enxergam a verdade, e se separam. Casamento para mim, meu amor, é aquele que pode, sim, correr riscos, sofrer perdas, comidas e voltas sem fim. No final, o que predomina não é aquela união que está lá registrada por homens, impondo condições e condutas morais que raramente são seguidas na sociedade. Por isso mesmo, a cada dia que passa, revela-se falho este sistema implantado, não pelo casamento em si, mas pelo que fazem dele; parece não ter sentido algum. Por isso, meu amor, sou adepto da união, sim, mas aquela união verdadeira. Não será um registro em papel e todo aquele teatro sem fim que irão dizer tudo o que sinto por você. Enfim, o amor é aquilo que, antes mesmo de o homem registrar em papel a sua comprovação, já existia, e que alguém maior do que

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

todas as criaturas, em sua visão privilegiada, já o registrara há muito tempo fora dos papéis. É talvez por falta deste registro material que o homem duvide do amor e, por fim, acaba fazendo à sua maneira, aquilo que pensa ser o mais correto, como sempre fez. E, como todos nós já sabemos, nem sempre este pacto termina com um final feliz. Mas é lógico, como disse antes, que toda regra tem sua exceção. Por isso digo e volto a dizer que já estamos, meu amor, unidos há tempos e por tamanho amor, casados de fato. E o melhor de tudo: pelo Senhor registrado e confirmado. Amo-te, e é por esses motivos que contigo não vou me casar. Por já estarmos casados, mesmo que não acredites.

SANDRO SANSÃO DA SILVA COSTA é natural de Registro-SP. Atualmente mora em Miracatu-SP. Trabalha na área da Educação como Professor de Educação Física. É um eterno sonhador e dedica grande parte do seu tempo ao mundo maravilhoso da poesia.

A Realidade

(Sandro Sussuarana)

*Olhe lá ao horizonte onde habita a fome aos montes
Abra os olhos e encare a realidade,
toda mentira tem um fundo de verdade
Ou se preferir continue se enganando.*

*Todos sabemos: a situação é real
mas ainda continuamos idealizando os mesmos planos.
Ter pra poder crescer, subir e não descer, ganhar pra não perder,
são tantas imposições que nos esquecemos até de ser:
ser uma pessoa mais atenciosa, menos ambiciosa,
sem perder os nossos valores.*

*O momento pede um pouco mais de atenção,
Vejam bem:
"eu moro na favela e nem por isso me tornei um ladrão".
criado no gueto entre mulheres e homens guerreir@s,
aprendi a dar valor às coisas pequenas
e aos poucos fui adquirindo respeito.*

*Vejo diariamente o sofrimento de quem tem que acordar cedo,
pegando buzu cheio, e o nosso transporte:
Xiii! Continua sendo o navio negreiro.
A escravidão acabou: fato ou mito?
Explico-lhe já ou, se preferir, mostro por escrito:
são 622 motivos reais de injustiça no fim do mês,
e o que ouço de 4 em 4 anos:
"vai ser tudo diferente desta vez",
chega de esperar quem por nós nunca nada fez,
este é o nosso momento, acredite no que digo,
pois eu acredito em vocês.*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

MUDANÇAS!

(Sandro Sussuarana)

*No início era aveia, Mucilon, Neston e mingau
Depois era café com leite, vitamina e Nescau.
Que hoje não se compra por menos de 1 real.
No começo era apenas Ki-Suco e manteiga no pão.
Depois era suco, biscoito, bolo, frutas, FEIJÃO!
Tudo que se conseguia com o salário que tinha
Amenizar a situação!
Antes era bola no pé, sorriso no rosto
Bolinha de gude, barriga cheia e
Um pouco de educação.
Depois era um cigarro na boca, mulheres
E roupas, drogas, clientes, armas, MUNIÇÃO!
No início do início era andar pelo bairro,
Pegar umas gatinhas, ver os amigos
Sair da rotina. DIVERSÃO!
Depois mãe vivendo de esmola
Depois POLÍCIA na cola, destino traçado
Flores, velas. CAIXÃO!
No começo do começo, apenas uma criança
Cheia de sonhos, desejos e esperança
Com realidade triste. AGRESSÃO!
Depois adolescente frustrado, adulto revoltado
Alienado pela máquina de fazer vilão.
TELEVISÃO!
Antes era combater a desigualdade, incluir na sociedade
quem roubou, matou ou traficou,
porque na mesa faltava o pão.
Depois construir mais presídios, esquecer a saúde
Lazer e educação!
Investir na campanha que afirma: "CRACK É CADEIA OU CAIXÃO!"*

Diga-me: será essa a SOLUÇÃO?!

A Poesia que se diz Eterna

(Sandro Sussuarana)

*Entre os ladrões, um que chorava amiúde
forçava uma palavra de sossego
e nada saía do ventríloquo de solicitudes...
Os outros embebidos em formas e silhuetas
apenas aprimoravam os comestíveis planos
de aliciar as verdades ao bel prazer.
Tudo era fonte de versos sem pares
Tudo era coisa que não se sentia
e os palavrões eram permitidos.
De qual destes terei de aproximar
de permissões entre pessoas sóbrias
que sentem prazer em versificar
ou de outros terei de enfatizar
que de mim não tenho sequer noção
pois eu escrevo sem me preocupar
é que de modo a não fazer baderna
que da beleza do silêncio eu faço
a poesia que se diz eterna.
E por qual destes terei de fazer
versos que possam ajudar
a conhecer o verdadeiro poder
para a sobriedade enraizar
sem que venha me embriagar
de balela que não quero ouvir
ou caminhos que não irei caminhar
da escuridão que veio a surgir
a Poesia para me resgatar.*

*Criado no OPIO - Organização dos Poetas Internautas Online.
Por Sócrates Lucio Matos Junior, Rildo
Alves e Sandro Sussuarana.*

SANDRO RIBEIRO DOS SANTOS é natural de Salvador-BA. Escritor, poeta e Articulador de Juventude, um dos idealizadores do Sarau da Onça. Cursa Serviço Social na Faculdade Vasco da Gama. Ganhador do Concurso de Poesia do Poeta Sergio Vaz.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Nordeste

(*Silvio Parise*)

*Qualquer ser que já esteve
pelas bandas do Nordeste
com certeza reconhece
a beleza que em si emana dele.
Principalmente o luar
de suas noites estreladas
onde, entre o curral e a estrada,
animados devido à farra,
tocamos nossas violas afinadas
até altas horas da madrugada.
Porque ali vive-se uma vida apaixonada
totalmente diferente dessa
das grandes cidades cuja pressa
deixa as nossas existências desgastadas.
Por isso, quando posso,
aproveito sempre para passar pelo Nordeste
para assim rever o verde
nessa fuga que às vezes
realmente dói quando chega a hora de voltar.
Primeiramente, porque tenho familiares
que amam sem maldades esse lugar,
e depois pela beldade
dessa magnífica natureza
paisagem de valor, cor e grandeza
e que sempre me deixa perplexo
muitas vezes, até sem voz, confesso,
quando paro nesse universo
completamente mágico para meditar.*

SILVIO PARISE nasceu no bairro do Catete, Rio de Janeiro, em junho de 1957. É poeta, escritor, contista, compositor, filósofo, tradutor e missionário cristão sem denominações. Tem 16 livros poéticos publicados e está presente em mais de 80 Antologias nacionais e internacionais. Participação na Bienal Internacional do livro do Rio de Janeiro, em 2003 e 2009. É membro da BEA/UBENY.

Doença Crônica

(Simone Pessoa)

Tenho uma doença crônica desde que tomei consciência de mim. É um sentido, uma coisa que me acompanha. Tento contê-la com o corre-corre da vida. Trabalho, família, lazer, tudo é paliativo para a doença latente e sem cura. Há dias em que os sintomas estão tão camuflados que chego a esquecer que sou doente ou a me iludir de que estou curada. Ledo engano. De repente, vem a crise e irrompe a doença com toda a intensidade. Nesses momentos, ela me toma. Aí não tem jeito. Tenho que parar e curtir a doença, pois ela me consome, me faz arder. Os pulmões e o coração são os primeiros órgãos afetados. A respiração acelera e, por vezes, sobrevém a taquicardia. A visão então fica totalmente comprometida. Passo a perceber o mundo diferente: as luzes, as cores, os sons, as formas são outras para mim. E, se fecho os olhos, os sintomas parecem agravar-se.

O ar, o sol, a chuva, o orvalho, os pássaros, as flores e seus cheiros são agentes deflagradores da doença. Mas há dias em que um sapo, um grilo, um gato, uma nuvem distante são capazes de me afetar. Um olhar, um sorriso, uma lágrima, um gesto também podem ser sérios agravantes. Mesmo um sonho ou uma simples lembrança pode ser o calcanhar de Aquiles para desencadear a crise.

Uma vez instalada a doença, não há remédio... Contudo, existe um meio de arrefecê-la. Um meio que alivia e me concede uma enorme sensação de prazer. E é tão somente por isso, leitor, que estou aqui, escrevendo essas linhas. O problema é que, depois dessas, mais linhas querem ser traçadas. E aí é que mora o perigo... Receio que, ao percorrer essa crônica, você acabe se contaminando. Por precaução, recomendo largá-la agora. Sim, agora mesmo! Não prossiga! Não vá adiante...

Mas, se imprudentemente não ouviu minha prescrição e, por sua conta e risco, resolveu continuar investindo seu tempo e seu olhar neste texto, lavo as mãos... Aliás, desconfio que, se você chegou até aqui, é porque já é tão doente crônico quanto eu. Deve igualmente ser sensível à poesia. Provavelmente, se emociona diante do simples, do belo e do singular. E, se ainda não escreve, tem a maior vontade de fazê-lo. E, como já disse, quem sofre desse "mal" não tem cura... O consolo é que, ao escrever, estou me tratando, e você, ao ler, de certa forma, se nutre e busca tratamento.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Um desconhecido no canto da sala

(Simone Pessoa)

A canção que parecia distante, quase indefinida, começou a se intensificar... Pude então distinguir que era Your Song, de Elton John, meu cantor predileto. Abri os olhos. Deparei-me com as pessoas todas ali em torno de mim, com expressões sorumbáticas, circunspectas... Algumas, percebi, chorosas. Quando finalmente pude me erguer, compreendi. Em estado de choque, me dei conta de que aquela sombria reunião nada mais era do que o meu próprio velório. Com alguma dificuldade e tremor, consegui sair do caixão de madeira escura com barras cilíndricas douradas nas laterais. Junto à cabeceira, dois castiçais de bronze com velas ardentes. O extraordinário é que, ao me levantar, meu corpo permaneceu estendido na cama mortuária.

Mirei meu rosto plácido e caprichosamente maquiado: parecia dormir. Vi, por entre as flores brancas que contornavam meu corpo, o terno azul-marinho, risca de giz, que eu trouxera de minha última viagem à Europa. O sapato era o social preto de couro italiano. As meias, não deu para ver - deviam ser daquelas pretas de seda bordada. Apesar do assombro, confesso, me achei estranhamente belo à luz de velas.

Passado o choque inicial, pude, naquele instante, visualizar melhor o que se passava. A família e os amigos permaneciam ao redor do caixão em vigília ininterrupta. Minha mãe, então, era uma figura encolhida a me velar a frente. Seu olhar refletia pura desolação.

Observei, também, que as pessoas estavam bem vestidas. Quem me conhecia sabia que eu prezava a estética e o hábito do bem vestir, e por isso agradava-me ver gente elegante ao meu redor. Por certo, estarem todos ali bem arrumados, ao som de Elton John, foi a maneira que encontraram para me homenagear. Emocionei-me...

Percorri a sala e me aproximei de cada um, a fim de apreciar a expressão corporal e captar a sensação que causava a minha morte. Vi nos olhos de muitos a dor, a saudade. De alguns, percebi a curiosidade; de outros, uma certa malícia.

De repente, enxerguei um homem alto e forte no canto da sala que tentava conter o choro intermitente. Senti um frio na barriga – se é que um morto pode senti-lo – ao reconhecer que aquele homem atraente e consternado era Eduardo. Como ele teria chegado ali?

À exceção de mim, creio que Eduardo era desconhecido de todos. Nunca o havia apresentado a ninguém de minha família. Talvez por isso, algumas pessoas o olhassem de soslaio. Ou, talvez, alguém mais sagaz, pressentisse o significado daquele desconhecido no canto da sala.

Apesar do meu empenho em conter-me a vida toda, não sei se consegui convencer as pessoas. Meu pai, por exemplo, me achava esquisito. Implicava com o jeito que eu penteava o cabelo e vivia a me incentivar o interesse pelo futebol e pelas artes marciais. Quando notou que eram vãos os seus propósitos, se irritou e se intrigou comigo. Morreu prematuramente sem fazermos as pazes.

O fato é que meu pendor pelas mulheres não passava de amizade e identificação. Meu lado feminino prevalecia. Por mais que eu me esforçasse, meus interesses sempre se aproximavam mais dos quereres das meninas que dos meninos.

No começo da adolescência, ainda hesitei entre os rapazes e as moças, até que um dia me vi perdidamente apaixonado por um colega de classe, o Jorge. Ele era viril e seus músculos me magnetizavam. Diante dessa grave constatação, fiquei desesperado. Sabia que não podia levar à frente aquela paixão, mas não tinha forças para resistir-lhe... Aproximei-me tanto quanto possível de Jorge. Passei a segui-lo. Não queria perdê-lo de vista. Tinha ciúmes dele com as meninas, que também o queriam. Quando Jorge descobriu meu gostar, fingiu não saber. Também não brigou comigo.

Um dia, ao cair da noite, quando havia poucos alunos no colégio, Jorge foi ao banheiro e eu o segui. Quando passei pela porta, tomei um susto. Jorge me puxou inesperadamente e me agarrou por trás. Fui ao céu e voltei... Que gosto eu tive sendo prensado por aquele corpo firme e quente!... A dor sentida foi consumida por um prazer infinito... Nunca vou esquecer aquela primeira vez...

No final do semestre, a família de Jorge foi transferida para o norte e perdi o contato com ele. Quase morri de saudade, mas tive outras paixões que arderam e se apagaram, sem deixar maiores vestígios. Cresci e a família começou a me cobrar um relacionamento com mulheres. Cheguei a namorar uma ou duas garotas para disfarçar minha verdadeira inclinação. Mas o tempo foi passando e fiquei numa situação embaraçosa. O preconceito não dava trégua - exigia uma atitude. Assim, resolvi estabelecer um namoro estável com uma moça boa e casta, pois me garantia certo sossego. Pouco nos tocávamos. Nossos carinhos se resumiam a um pegar de mão e um beijo aqui, outro acolá.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Com o passar do tempo, o noivado foi inevitável. A pobre moça sonhava em casar e constituir família comigo. Cheguei a pensar em concretizar seu desejo, mas tinha consciência de que não seria honesto com ela nem comigo mesmo.

Findo o noivado, devido aos constrangimentos decorrentes, saí da cidade e fui embora para o sul do país. Lá, trabalhei duro e consegui me tornar um bem-sucedido executivo do mundo da moda. Foi nesse momento de prosperidade profissional que conheci Eduardo, com quem vivi uma relação amorosa intensa e madura, porém clandestina. Eduardo era casado e tinha dois filhos. Utilizando o trabalho como pretexto, conseguimos juntos fazer algumas viagens, inclusive ao Velho Continente.

Quando a mulher de Eduardo descobriu nosso romance, o mundo desabou. Ficou furiosa. Ameaçou acabar o casamento e contar tudo para os filhos. Foi aí que Eduardo implorou o perdão e o silêncio da mulher. Em troca, prometeu largar-me. Para minha aflição, ela aceitou a promessa e, o pior, ele a cumpriu. Mudaram de cidade e não deixaram rastros.

Depois dessa punhalada no coração, minha vida desandou. Adoeci. Tive graves problemas gástricos. Uma úlcera. Precisei parar de trabalhar. Senti-me só. Entrei em depressão. Resolvi então voltar para minha cidade natal, em busca do apoio da família. A doença foi arastada, mas acabei me restabelecendo. Com a melhora, fui recuperando a vitalidade. Promovi passeios com minha mãe e minha irmã. Dediquei-me a elas por um tempo, como forma de compensá-las por me resgatarem a vida.

Por desventura, recentemente, quando estava pronto para voltar à ativa, meu coração deu sinais de fraqueza... Não quis recomeçar...

Agora, diante de um Eduardo pesaroso - quiçá arrependido -, estou imaterial, sem poder falar-lhe ou tocá-lo. Ademais, ouço um chamado ao longe... E não consigo deixar de atendê-lo...

SIMONE PESSOA, natural de Sobral-CE, é autora do livro “Dissertação não é bicho-papão”, publicado pela Editora Rocco e de “O pequeno Hércules e outras fábulas contemporâneas”, pelo Armazém da Cultura. Foi, por anos, cronista do jornal “O Povo”, de Fortaleza. Escreve também artigos, contos e crônicas empresariais. É mestra em Administração de Empresas e especialista em Educação Biocêntrica. Lança em 2012 a coletânea de crônicas “Bolsa de Mulher”. Autora do livro “Bolsa de Mulher”, uma coletânea de suas crônicas jornalísticas.

Copa 2014 no país de Jorge Amado

(Terezinha Santos de Amorim)

Presente de Deus, esta Copa que está a caminho. Oportunidade de o país saltar de paraquedas e se dar bem. O Brasil, que há pouco progredia lentamente em termos de engenharia de transportes, de melhorias nas estradas, de reformas nos estádios, corre agora contra o tempo. Quando fomos escolhidos em dois mil e sete, começaram os planos. Algumas obras demoraram a iniciar. Paralelamente, situações de violência, desabamentos horríveis, inúmeros casos de corrupção reinando na mídia, denegriram o país. Diante disso, pessoas de outros lugares, interessadas em anular e mudar a sede da Copa, supervalorizaram esses acontecimentos ruins. Porém, não tiveram êxito. Tudo foi resolvido favoravelmente ao Brasil. Deus é mesmo brasileiro! Por outro lado, o Rio de Janeiro, esteve em evidência com a votação do Corcovado como uma das Sete Novas Maravilhas do Mundo Moderno, concorrendo entre vinte e um monumentos participantes de todo planeta. Aconteceu com louvor. Turistas de todo o mundo vão querer conhecê-lo. Portanto, em dois mil e quatorze, pessoas de outros contextos virão desfrutar da nossa terra. A Bahia, por exemplo, com sua beleza natural, exuberante, Terra de Jorge Amado, com obras distribuídas em diversos lugares, será palco de jogos. O Estádio Otávio Mangabeira, conhecido como Fonte Nova, está sendo preparado numa mega reforma com capacidade para receber aproximadamente cinquenta mil pessoas.

Nem tudo é positivo. Muitos pós e contras já estão aparecendo. Os Direitos Humanos vêm colocando em pauta a preocupação com os excluídos da sociedade. Existem queixas de moradores que tiveram de deixar seus espaços, que ficam em áreas escolhidas para alguns empreendimentos. Além disso, os preços dos ingressos podem elitizar para cobrir os altos custos das reformas. Será que vai ser acessível para qualquer pessoa?

Estamos em dois mil e doze. Somente dois anos para a conclusão. Investimentos diversos estão efetivamente sendo empregados. Recursos que não iriam aparecer tão cedo vêm surgindo às pressas

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

para arrumar a casa. A vitrine que será aberta para o mundo tem que ter beleza, além da que já existe naturalmente. É conveniente mostrar um país em desenvolvimento crescente para incentivar o turismo, com segurança, menos miséria, com facilidade de locomoção. Daí as grandes obras nos aeroportos, metrô, transportes em geral. Que bom! Obras e mais obras, pautadas no escopo de modernizar, adequar nosso espaço de cada dia para os visitantes. Parece que vamos ficar no lucro.

Doze cidades-sede estão reformando seus estádios ao padrão Fifa. É felicidade, faz bem aos olhos ver um espaço modernizado, equipado, para receber bem seus torcedores. Aqui no Nordeste são quatro: Salvador, Recife, Fortaleza e Natal.

Sem dúvida, somos mesmo vanguarda no futebol. Sempre tem um campinho em algum lugar. As crianças e jovens sonham com a fama como uma forma de crescer na vida e ajudar a família. A alegria do nosso povo, de todas as camadas sociais, etnias, credos, é a mesma. O futebol da Copa do Mundo é uma festa com participação nacional. Aqueles que não gostam muito do esporte também vibram pela vitória da nossa Seleção. Com todos os problemas peculiares do país, a Copa vindoura trará muita alegria e prosperidade à nação. O povo brasileiro está cheio de fé e esperança. Tudo vai dar certo! Tem que dar!

TEREZINHA SANTOS DE AMORIM é soteropolitana, graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia. Professora concursada e aposentada. Participante de Antologias e Concursos Literários. Classificada em 5º lugar nas Edições AG. Menção Honrosa, duas vezes, no Concurso Literário de Porto Seguro. Participante da Antologia “1º Prêmio Cassiano Nunes” da Universidade de Brasília. Premiada duas vezes no site Blocos. Seleccionada várias vezes na Taba Cultural e CBJE. Palestrante em escolas.

Deixe-me ser

(Thaísa Barbosa da Silva)

*Queria poder escrever,
Seria uma poetisa, fazer versos para te dizer, ser o sol de tua vida.
Queria ser a rosa escolhida, habitar os teus sonhos molhados,
Ser tua rosa preferida, estar na dor e alegria,
Seria a incansável Noite, o Dia,
O remédio à ferida*

*Mergulharei no fundo do mar,
E nos versos vou encontrar palavras soltas no ar, que juntarei para
te dar,
Na garganta em nó, não precisam de asas, resumem-se em pó
E vão, voláteis com os ventos; palavras são como notas
Traduzindo sentimentos.*

*Queria ser a nuvem,
Encher, chover, mergulhar, queimando de alegria,
Queria ser flor, prazer, riso, ser a canção que embala teu paraíso
Queria merecer - sou apenas uma Thaísa -
Fazer versos para me abster, de ser apenas leve brisa,
Queria ouvir teu "amor", ser teu choro preciso.*

*Palavras que acalmam...
Vão, voam, varrem a vastidão... Da solidão, da incompreensão...
São as mesmas palavras, que tocam teu coração.*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Somente ela...

(Thaísa Barbosa da Silva)

*É capaz de nos levar,
Para novos horizontes,
É capaz de nos mostrar,
Novos mares tão distantes.*

*Deixar a beleza,
Voar nos papéis,
Mostrar a tristeza,
Aos olhos fiéis.*

*Apesar de às vezes esquecida,
Somente ela...
Tem o papel de levar,
Um pouco de conhecimento,
Um pouco de vida.*


*O poder que nos abre a mente,
O poder que transforma em letras
O que cada um pensa, o que cada um sente.*

*Num piscar, posso ir ao céu,
Posso ser uma noiva,
Posso ser uma estrela,
Posso ter um lindo véu.*

*É somente pela escrita
Que conhecemos nosso passado,
É somente pela leitura
Que construímos nosso retrato.*

*É somente pela escrita,
Que construímos novos valores,
É somente a poesia
Que dá à vida novas cores!*

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012



THÁISA BARBOSA DA SILVA tem 18 anos, é epítaciana, filha de Aparecida e Osvaldo. Estudante e escritora de alguns poemas não publicados, busca oportunidade para divulgá-los. Conseguiu se destacar em alguns concursos estudantis de redação e poesia, chegando à fase final e, a partir do gosto pela produção literária, continua escrevendo.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

SEGESTES

(Varenka de Fatima Araújo)

A esta altura, só me lembro do sorriso e da voz inesquecível do meu irmão. A sua amarga experiência nesta passagem me faz lembrar que poderia ter sido tudo diferente, se ele não tivesse desafiado tantas vezes a morte. Voltemos ao dia em que ele nasceu, em 2 de dezembro de 1962, de um parto normal, na cidade de Quixadá, interior do Ceará. Sua chegada trouxe uma emoção ímpar para minha mãe, Albaniza Araújo, e para meu saudoso pai, Francisco Chagas de Araújo, que desejavam um menino. Já tinham Varenka, Hermengarda e Paloma. Depois do menino tão querido, nasceu a mais nova, Fadila.

Sua infância foi pontuada pela ausência de perturbações, era um garoto que gostava do desconhecido. Queria que meu irmão ficasse por perto, mas ele sempre desaparecia, voltava e ficava calado, vivia na sua. No ano de 1979, quando residíamos em Juazeiro, de meu Padim Padre Cícero, meu pai colocou os cinco filhos no carro, uma rural branca e verde, e rodou dois dias até a cidade de São Salvador, com o intuito de educar sua prole; queria que todos fizessem faculdade. Segestes, que tinha então apenas 10 anos, pediu-lhe um violão e começou a tocar. Nos anos 80, tocou em barzinhos, passeando por vários ritmos: MPB, reggae, trevo, etc. Abandonou os estudos para se dedicar à música. Em 1983, tocou na banda Paradox. Passamos um período separados, foi quando papai e mamãe foram morar no Sítio dos Macacos, em Juazeiro do Norte. Em 1986, fundou a banda Fator RH, composta por Segeste, Lupeu, João Ynard, Carlos Callou e Marcos Leonel. Não acompanhei esta fase, já que permaneci em Salvador. Mas sua imaginação desenfreada ficou em forma de letras. No ano de 2000, ele voltou para Salvador e fundou o Bar dos Artistas; tinha dificuldades financeiras, dava apenas para sobreviver. Seu fiel companheiro, o violão, ouvia suas lamentações. Tinha ideias progressistas e se preocupava com o rumo do mundo, pintava os sonhos que tinha soltando o seu canto potente. Pessoas inteligentes como Segestes tendem a fumar e beber todos os dias; apesar de o processo mental ser lógico, não fugiu à regra dos fumantes. Mamãe e eu combatemos muito com o arqueiro para que abandonasse o fumo, mas o nosso canto não soou em seu ouvido. Era difícil, ele economizava palavras, talvez para poder cantar. Era poeta, letrista, tocava vários instrumentos e cantava. Fez amigos leais, já que não

procurava nas pessoas a aparência exterior e insistia no valor mais real e intrínseco delas.

A chuva de pedras em sua vida chegou quando completou 40 anos. Nesta ocasião, descobriu que a pedra era mesmo uma pedra, e a maior pedra ele não conseguiu tirar de seu caminho: estava com uma terrível doença, a diabetes. Foi perdendo o gosto por quase tudo. Estava se tratando do pulmão, mas abandonou o tratamento, desceu ao fundo do poço. Foi quando o mestre escultor chamou seus amigos e disse: "Precisamos tirar Segestes deste desapego à vida". Luis Gutierrez propôs a meu irmão gravar o disco, e ele agarrou o diamante da esperança. Consegui adiar com o médico a cirurgia que tinha marcada para a retirada de um pulmão, de modo a poder gravar o disco. Assim, entrou no estúdio com Luiz Gutierrez, Gil Gomes e Geraldo Viana, músicos que realizaram o sonho de 35 anos de meu irmão: gravar o CD "Na Passagem". A gravação terminou no domingo, e, já na segunda-feira, iria ser internado. Fui à sua casa e vi seus olhos brilhando. Ele colocou o disco para tocar e disse: "Passe todos os disco para ouvir e ter certeza que estão ótimos". Mostrou-me uma calça azul, uma blusa da mesma core um novo violão. "Isso tudo será para quando eu sair do hospital e for fazer aminha primeira apresentação do CD 'Na Passagem' para um grande público". E então seguiu para o hospital, onde lhe retiraram apenas parte do pulmão comprometido, devido à diabetes. Passou dois meses definhando e, sabendo que não tardaria a partir, me confessou: "Veja, estou-me indo. O fumo e a bebida não servem para o homem". A sorte não chegou a tempo de salvá-lo. Fez a passagem em 14 de maio de 2011. E sua voz ficou gravada no meu coração.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

O menino Africano

(Varenka de Fatima Araújo)

No chão batido da rua, imagens multicoloridas de homens e mulheres de cor, todos vestidos de vermelho e verde, amarelo e azul, lilás e verde, vinho, magenta e verde. A pele negra serve de fundo de tela, todas as cores combinam com negro.

Repetidamente um redemoinho, poeira nos olhos, poeira impregnada no cabelo, na pele. A roupa fica com cheiro de terra quando passa a poeira, tudo normal.

E as pessoas sempre com um sorriso franco, a alegria de vencer cada dia. A vida é para o mais forte.

A feira diversificada tem verduras e frutas, carne, da cor que a natureza pinta, e o prato do dia é o que oferecem aos africanos de uma certa cidade.

O menino, segurando a mão da avó, com pouca roupa e faminto, querendo degustar uma fruta com sabor de mundo sem dor. Os lábios do pequeno não se contêm e ele pede uma fruta à avó. Visível a angústia no rosto da avó, não tem uma moeda sequer. O pescoço fica duro e os olhos secos. O menino solta a mão da avó e sai em disparada. A avó em soluços: “Meu neto é minha única riqueza, minha filha faleceu e o pai sucumbiu na guerra. Volta meu netinho, vou ter forças para vê-lo homem”. O garoto empalidece e pega na mão da avó: “Quando crescer, vou tomar conta da vó!” Ao entardecer, a avó e a criança recolhem os frutos e frutas, restos que não servem para serem vendidos, mas que mata a fome de ambos. Eles fazem parte daquela gente sofrida num mundo de sete bilhões de habitantes.

Este reflexo se estende a muitos, de tantas nações.

Não, não à herança dos zeros da fome e da morte. Viver é dadivoso!

VARENKA DE FÁTIMA ARAÚJO é cearense e reside em Salvador-BA. Figurinista da Universidade Federal da Bahia, funcionária pública, formada em Direção Teatral, artista plástica, dançarina, poetisa e escritora. Participou de trinta e cinco Antologias: Celeiro de Escritores; Artpoesia; Prêmio Valdeck Almeida de Jesus; Varal do Brasil; Poeta Mostra tua Cara; Cappaz e Del Secchi.

Uma nova aurora virá

(Vera Lúcia Leite)

*Se externar pudesse
A dor que desola essa multidão
Sonhos roubados, lágrimas, destruição
E mesmo que tudo diga não
E todas as coisas sejam contrárias
Ao fruto majestoso do coração
Mesmo que sobre o vento contra o cais
Não desistirás jamais!
Tua resistência ilumina
Como o sol, os primeiros raios
Sobre a Palestina
E renova-se a cada manhã a esperança
No brilho dos olhos das crianças
E assim como a madrugada
Traz a fresca bruma
Repousarás em paz
Como repousa na areia a branca espuma
Pois de ti fugirá a opressão
Como foge o servo do leão*

VERA LÚCIA LEITE é natural de São José do Egito, Pernambuco. É graduada em Letras pela FFPP/Universidade de Pernambuco, estudante de Psicologia na Univasf – Petrolina. Membro da UBE-Petrolina. Participou do livro de antologias poéticas “Letras Reunidas” e de várias antologias poéticas e de contos da CBJE, bem como de uma antologia de Valdeck Almeida de Jesus.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Olho e nada vejo...

(Veridiana Mendes)

Não sei, apenas estamos aqui, olhando o nada, enfim estamos sós, caminhando ao vento, não sei, não tenho nada dizer, estou olhando e nada vejo, só neblina, cerração baixa, forte, embaça os meus olhos, nada vejo, nem adiante nem antes de mim, subentendido, mal explicado, súbito mal-estar, olho-te agora, nada vejo, caminho por entre as pedras, neblina baixa, me cerca, me envolve, nada vejo, nem sinto teu calor, tuas mãos, não vejo o rio próximo, não vejo a estrada ao longe, não encontro consolo, não vejo nada, passo os minutos, logo virão as horas, passam os dias, logo virão os meses, logo virão os anos, logo virão as décadas, logo virão as vidas, logo a vida acaba.

Olho, nada vejo, nem sinto a respiração forte, entrecortada, corpos suados, desejo latente, mãos circulando pelo corpo, beijos ardentes, corpos unidos em apenas um, suspiros, sussurros, palavras perdidas, não ouvidas, olho, nada vejo. Nem vejo que a noite se aproxima, seres das trevas, pardos, animais sorrateiros aguardam sua presa, movem-se vagarosamente, sorrateiramente aguardam, observam esperam, olho, nada vejo.

Enfim, estamos chegando onde não importa, não sei como estamos, não vejo teu brilho na escuridão, tua sombra cobre todo o resto da luz que cega, olho, nada vejo, e assim permanecemos, continuamos, seguimos, paramos, profanamos, prevaricamos, ousamos, seguimos, paramos, olho e nada vejo. Partimos, ainda não estamos, ficamos, não estamos mais ali, aqui, lá, acolá, vigiamos, rondamos, cercamos, seguimos, sufocamos, apertamos, mordemos, possuímos, desfazemos, cobrimos, enchemos, largamos, fugimos, corremos, afastamos, livramo-nos, sorrimos, choramos, gritamos, sentimos, amamos, desprezamos, ignoramos, isolamos, olho e nada vejo, e assim continuo dias, noites, horas, minutos, segundos, meses, anos, décadas, centenários, milênios, e permanecemos, desistimos, andamos, enfim. Olho e nada vejo...

Rosas Negras

(Veridiana Mendes)

*Trago-te uma Rosa Negra
de beleza sem igual
para ocultar minha dor,
minha mágoa
por não sentir nada
Trago-te as pétalas
desfolhadas, os espinhos
com sangue, que brotam
no meu corpo ardente,
gélido coração
Trago-te a Rosa Negra
Negra da escuridão...
Do sombrio,
Do melancólico,
Da tempestade,
Do vento,
Do infinito...
Cortar os arames farpados,
Deixar meu coração decidir
Acabar com a sátira!
Passei tanto tempo sem nada
pra dizer, que agora
Parece que a tempestade
também é de palavras que
Rasgam e cortam meu peito,
Passei tanto tempo
em silêncio, que
agora não tem ninguém pra ouvir...
Trago-te uma Rosa Negra
Que chora no imaculado
Coração de Dor
Dor de não saber o que sinto
Muito menos porque sinto
Não consigo entender...
Estou apenas digitando
palavras do que penso*

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

*neste momento, palavras
vagas, sem nexo nem convexo!
Trago-te uma Rosa Negra
para dizer do sombrio.
Caos, farelos me tomam
me cercam.
Trago-te uma Rosa Negra
Acho que me perdi
Por aí.*

VERIDIANA MENDES escreve desde os doze anos, fez curso técnico de Design Gráfico e tem várias poesias aguardando publicação.

Fita Azul

(Verônica Ventti)

*Naquela depressão enlameada
Tu surgiste em laço de fita azul
Sussurrada por ventos incolores
Um aroma de verde salgado*

*A face desnuda; e
O véu a rodar
Um belo verso que cobria a tua face
Naquele fim de tarde
Entre os roseirais sem cor*

*Ó, face sombreada da jovem moça
A cantar pelos ares o silêncio dos imortais*

*Em suma, o nosso amor autêntico
Que se esquece do brio das faces
Do tilintar dos beijos suaves
Daquela mão alva que condena
Um portento de amor, um trêmulo regato*

*Sozinhos, eu e o laço de fita azul
Não nego que o tenha ainda
Como parte deste poço fundo que retém
A alma apartada por fulgente laço de amor*

*Ó, face sombreada da jovem moça
A cantar pelos ares o silêncio dos imortais
Que quando envelhecer verá coisas inexistentes
Sem a aurora da vida a lhe dar as boas-vindas*

VERÔNICA VENTTI é natural de Campinas-SP. Considera a arte de escrever uma necessidade, um meio de libertar suas emoções e o que pensa a respeito do mundo em que vive. “Visto que a vida é um eterno desencontro, a escrita é o modo que encontrei para aliviar minha alma, como se fosse um vício que nos cura e não nos faz mal.”

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

Os garotos do Brasil

(Victor Hugo Kuroda Feichas)

Os garotos olham atentos para aqueles rostos diferentes que circulam pela sua área; alguns vestindo fantasias e com a cara toda enfeitada; outros simplesmente com roupas de quem estava a passeio em um parque. É inexplicável, mas eles parecem sentir quando aquelas pessoas são mesmo brasileiras ou não quando trajando uniformes do Brasil, e isso sem precisar ouvir as palavras estranhas com as quais conversam. Também não se confundem com os brasileiros que se parecem com gente de outros países, como os loiros do sul ou os chinas de São Paulo. Isso seria terrível para o seu plano - eles tinham um plano para aquele dia.

Festejos de Copa, estádio lotado, e ainda muita gente a chegar. Aquele seria um dia de grande festa, do início da Copa no Brasil, uma festa que aconteceria no seu país e para a qual eles não haviam sido convidados. Os garotos já haviam combinado, não fariam nada com quem fosse brasileiro, mesmo que fosse da “elite”, que podia assistir aos jogos. E assim dispararam correndo por entre os torcedores e chamando a atenção das pessoas quando encontravam algum gringo desprevenido. Queriam lucrar com a Copa, mesmo que não pudessem assistir à sua Seleção de perto. E assim venderiam pelo valor dobrado as quinquilharias que haviam juntado, nas cercanias dos estádios.

Os garotos sabiam que aquele ainda não era o momento deles de assistirem a um jogo de Copa ao vivo, e que teriam de esperar sua vez para se darem àquele luxo. Sabiam que, para tal, teriam de trabalhar duro e estudar muito. Afinal, somente assim, quando fossem adultos, poderiam ter o dinheiro e a honra de presenciar um jogo do Brasil durante a Copa. Até lá, seriam apenas aqueles garotos malandros e espertos, aproveitando um dia atípico em sua rotina no bairro onde nasceram.

VICTOR HUGO KURODA FEICHAS é natural de Brasília-DF. Bacharel em Comunicação Social, escritor de nome e em tempo livre, porém sem nenhuma obra publicada.

O Macondo de Gabriel García Márquez

(Viviana Carolina Mendez Rocha Podlyska)

Gabriel García Márquez é o criador de um dos lugares mais apartados e mágicos do mundo. Macondo é um povoado singular, cheio de personagens inesquecíveis, onde coisas impossíveis podem acontecer, e nada parece irreal. Em Macondo as pessoas morrem sem que se saiba como, os mortos chegam e envelhecem, o calor é permanente e a hospitalidade algo corriqueiro. Um dos fundadores é José Arcádio Buendía, um dos mais empreendedores e inventivos homens de quem se teve notícia, que quis tirar ouro da terra com um par de ímãs e que teve a esperança de tirar o daguerreótipo de Deus, além de ser aquele que organizou o povo de forma tal que todos morassem em casas que não recebiam nem mais nem menos luz do sol, e das quais se descia ao rio com o mesmo esforço. Sua família protagoniza uma das novelas de Gabo (como o conhecemos na Colômbia), a inesquecível “Cem Anos de Solidão”, onde conhecemos as origens de Macondo e seu destino final.

Macondo é um mundo à parte, com leis próprias, uma comunidade pacífica, isolada da realidade do país até o momento em que a política chegou a encher suas ruas de contradições e desejos de revolução, onde os ciganos chegavam com suas invenções miraculosas e seus shows de extravagâncias, e cuja população padecia inteira da peste da insônia por causa dos caramelos fabricados por Úrsula Buendía. É um povoado que convida a caminhar pelas suas ruas, a fazer a travessia da serra, ou a adentrar a charneca para poder chegar a esse lugar maravilhoso, que nasceu primeiro na mente fértil de Gabo; e agora faz parte do mundo, propriedade de quem lê sua saga, entrando na geografia colombiana como um a mais dos muitos povoados espalhados pelas suas terras formosas.

A magia de Macondo não é exagerada, não é do tipo produzido por fórmulas mágicas ou varinhas de feiticeiro. É algo que faz parte do cotidiano, que acontece, como o resto das coisas que

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

acontecem no mundo. Isso é o que faz do Macondo de Gabriel García Márquez um lugar tão especial, um lugar que é totalmente real, e totalmente fantástico!

VIVIANA CAROLINA MENDEZ ROCHA PODLYSKA é natural de Bogotá, Colômbia, e mora há cinco anos no Brasil. Formada em Teologia e escritora amadora.

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

Relance

(William Velozo Samuel Jr)

*Vim num relance
Voltei num instante
E fácil viajar assim
Pois meu corpo não se move
Nem mesmo um dente
Viajo apenas com minha mente*

*Desafio-te a viajar assim
Sem não, comum livro
Viaje talvez
Com poesia de botequim*

*Não importa a forma, mas sim a viagem
Pois na mente tudo se passa
E tudo se move
De maneira lenta ou rápida
Conforme for a sua vontade*

WILIAM VELOZO SAMUEL JR é natural de Cachoeiro de Itapemirim-ES. Escritor, poeta e funcionário público, não possui livro publicado. Pós-graduado em Gestão Empresarial. Tem um livro no prelo e pretende lançá-lo em 2012.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

A cigarra e o poeta

(Zelito Magalhães)

*Eu te bendigo, ó cigarra
Que levas a vida a cantar
Para tudo alegrar
Espantar os dissabores...
Entendo bem tuas queixas
O teu cântico sem par
Que nunca pode parar
Por força das tuas dores.*

*Enquanto eu vibro a viola
Fazendo o meu improviso
Tão triste, tão indeciso
Sem noutra coisa pensar
Tu cantas lá pelas serras
Tão ingênua, tão calma...
Eu canto com a voz da alma
Sorrindo pra não chorar.*

*Ó minha cigarra amiga
Companheira de desdita
Quando te vejo aflita
Amargando a solidão
Também, sozinho no mundo,
Eu choro a minha tristeza
Que sai com tanta pureza
De dentro do coração.*

*Nosso canto é parecido:
Tu cantas para alegrar
Eu canto pra não chorar
As mágoas dentro do peito.
Juntemo-nos, pois, companheira
Eu - poeta. Tu - cigarra
Vamos fazer uma farra
Cantando num tom perfeito.*

Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus – 2012

*Em suave orquestração
Cantemos numa só voz
Transformando o eco atroz
O choro de dor profundo...
Cantemos a sinfonia
O canto do despertar
Pra toda gente alegrar
Tornando feliz o mundo!*

ZELITO NUNES MAGALHÃES é natural de Fortaleza-CE. Escritor, poeta e jornalista, tem 6 livros publicados, dentre os quais “O Romance Cearense”, Prêmio Osmundo Pontes de Literatura da Academia Cearense de Letras, e “Amazônia, a Cobiça do Mundo” (BNB).



IX PRÊMIO LITERÁRIO VALDECK ALMEIDA DE JESUS – REDAÇÃO E POESIA

APOIO: UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES – NÚCLEO BAHIA

1 - O **PRÊMIO LITERÁRIO VALDECK ALMEIDA DE JESUS** visa estimular novas produções literárias e é dirigido a candidatos de qualquer nacionalidade, residentes no Brasil ou no exterior, desde que seus trabalhos sejam escritos em língua portuguesa.

2 - As inscrições acontecem de 1.º de janeiro de 2012 a 30 de outubro de 2012, através do e-mail valdeck2007@gmail.com. Serão aceitos crônicas, artigos, resenhas ou poesias, de até 50 linhas, acompanhados de minibiografia (de até cinco linhas), endereço completo com CEP e telefone de contato, com DDD. Os textos devem vir anexados ao corpo do e-mail como arquivos em formato Word. Inscrições incompletas serão desclassificadas. Para a contagem do prazo de encerramento, considerar-se-á a data de postagem no e-mail. Não serão aceitas inscrições pelos correios.

3 - A obra não precisa ser inédita e deve versar sobre tema livre. Serão aceitos, também, textos sobre escritores e poetas mal-ditos, esquecidos, não editados há muitos anos, sejam de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Da mesma forma, serão aceitas redações sobre temas africanos, Copa do Mundo de Futebol de 2014 e sobre escritores de outras partes do mundo, desde que redigidas em língua portuguesa. Cada autor responderá perante a lei por plágio, cópia indevida ou outro crime relacionado ao direito autoral. A inscrição implica concordância com o regulamento e cessão dos direitos autorais apenas para a primeira edição do livro, bem como au-

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

torização para divulgar o nome e/ou imagem do autor em qualquer meio de comunicação.

4 - A seleção do texto será feita por uma equipe de escritores capacitados. A premiação é a publicação do texto selecionado em até seis meses do encerramento das inscrições. Sugere-se que os escritores selecionados criem um blog gratuito ou usem seus blogs pessoais, após a divulgação do resultado do concurso, para dar visibilidade ao trabalho de todos os participantes. Os casos omissos serão decididos soberanamente pela equipe promotora. Os textos podem receber correções, respeitando o Novo Acordo Ortográfico. Serão eliminados do concurso os autores que não responderem aos e-mails da comissão para aprovação/desaprovação das possíveis correções.

5 - O autor que desejar adquirir exemplares do livro deverá fazê-lo diretamente com a editora ou com o organizador do prêmio. Os primeiros dez classificados receberão um exemplar gratuitamente. Os demais podem recebê-lo, a critério da organização do evento e da disponibilidade de recursos financeiros.

MODELO DE FICHA DE INSCRIÇÃO:

PAULO PEREIRA DOS SANTOS

Rua Santo André, 40 - Ed. Pedra - apt. 201
35985-999 - Portão
Belo Horizonte-MG
(31) 3366-9988, 8877-8999

MODELO DE MINIBIOGRAFIA:

Paulo Pereira dos Santos é natural de Santana-PB. Escritor, poeta e jornalista, tem dois livros publicados: “Antes de tudo” e “Até amanhã”. Participa de cinco antologias de poesias. Graduado em comunicação social. Menção honrosa em diversos concursos de poesia. Tem dois livros no prelo e pretende lançá-los em 2012.

Valdeck Almeida de Jesus (Organizador)

PROJETO PUBLICADO NO SITE DO PNLL DO MINISTÉRIO DA CULTURA

LANÇAMENTOS:

1ª Antologia: Bial de Livro da Bahia, em abril/2005 e 2007;

2ª Antologia: III Corredor Literário da Paulista, em outubro/2007;

3ª Antologia: Na 20ª Bial de Livro de São Paulo e na 3ª Feira do Livro de Sergipe, em 2008 e na 9ª Bial de Livro da Bahia;

4ª Antologia: Bial de Livro do Rio de Janeiro, em setembro de 2009 e no Espaço Castro Alves, num grande shopping da Bahia;

5ª Antologia: Bial de Livro de São Paulo, em 21.08.2010;

6ª Antologia: Bial de Livro do Rio de Janeiro, em 03.09.2011 e 02.11.2011 na 10ª Bial de Livro da Bahia;

7ª Antologia: Bial de Livro do São Paulo, em agosto de 2012;

MAIS INFORMAÇÕES:

VALDECK ALMEIDA DE JESUS

Tel: (71) 9345-5255

E-mail: valdeck2007@gmail.com

Site do Organizador: www.galinhapulando.com





Indique este livro para um amigo!
Saiba como em www.galinhapulando.com

